

BIBLIOTHECA UNIVERSAL
ANTIGA E MODERNA

GRAZIELLA

POR

A. DE LAMARTINE

VERSÃO DE BUIHÃO PATO

Segunda edição corrigida pelo traductor

COM UMA NOTICIA BIOGRAPHICA DO AUCTOR

4.ª SERIE — NUMERO 13



LISBOA

CASA EDITORA DAVID CORAZZI

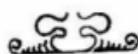
40, Rua da Atalaya, 52

FILIAES

Porto: 127, Praça de D. Pedro, 1.º andar

Brazil, 38, Rua da Quitanda, Rio de Janeiro

1888



LISBOA

TYPOGRAPHIA DAS HORAS ROMANTICAS

40, Rua da Atalaya, 52

1888



NOTICIA BIOGRAPHICA

Afonso Maria Luiz Prat de Lamartine, um dos mais illustres poetas francezes, nasceu em Mâcon a 21 de outubro de 1790, e morreu a 21 de março de 1869. De uma familia que tinha servido a antiga monarchia e que lhe era inteiramente devotada, foi educado no retiro, no castello de Milly, no seio da natureza e de uma perfeita segurança domestica, tendo para primeiro e principal livro a *Biblia* illustrada de Royaumont. Concluiu a sua educação com os Padres da Fê, de Belley. Sentindo uma aversão violenta contra o Imperio, contra o espirito e as instituições d'este, viajou e passou a melhor parte da sua mocidade na Italia. Em 1814 entrou para a vida militar, no regimento escolhido dos guardas de corpo, que deixou quando foi da segunda Restauração. Depois de mais quatro annos de uma vida de viagens, de prazeres, de aspirações contradictorias, tomou de repente um logar á parte entre os poetas, com uma simples collecção de poesias isoladas, as *Meditações poeticas* (1820). Este modesto volume, que teve tanta difficuldade em encontrar um editor, e que continha o *Isolamento*, o *Desespero*, o *Crucifixo*, o *Lago*, etc., renovava a poesia pela profundidade da emoção intima e pela sinceridade da inspiração religiosa; creava, n'uma lingua admiravelmente malleavel e harmoniosa, a poesia lyrica, toda subjectiva, d'este seculo. Acolhido por uma admiração quasi universal, esse livro tornava-se, para a França e para a Europa, como que o irmão do *Genio do Christianismo*, o qual tinha realisado, na prosa, uma revolução menos necessaria e menos irreprehensivel.

Este exito poetico abriu ao auctor a carreira diplomatica, que elle seguiu em Napoles, em Londres, em Florença. Desposou, na Italia, uma rica herdeira ingleza, filha do major Birch, que se apaixonára por elle entusiasticamente. Em 1823, publicou a sua segunda collecção, as *Novas meditações*, que continham a *Ode a Bonaparte*, *Sapho*, o *Poeta moribundo*, etc., e terminavam por dois poemas notaveis: a *Morte de Socrates* e o *Ultimo canto de Child-Harold*. Uma admiravel mas severa apóstrophe contra a Italia, da qual Harold se afasta para ir a outros pontos procurar

Des hommes et non pas de la poussière humaine,

valeu-lhe um duello com o coronel Pepe.

Durante a Restauração, o poeta publicou mais, em 1825, o *Canto da sagração*,

e em 1829 as *Harmonias poeticas e religiosas*, dois volumes, menos correctas de fórma sem duvida que as *Meditações*, mas ainda mais profundamente marcadas pela dupla inspiração íntima e christã. Foi então eleito membro da Academia franceza em substituição do conde Daru.

Depois da revolução de 1830, Lamartine deixou-se arrastar a pouco e pouco pela corrente da politica, á qual acabou por sacrificar a poesia. Conservou todavia, como homem de Estado, orador ou publicista, as suas maneiras de poeta e os seus sentimentos de philosopho christão. Eleito deputado em Bergues, depois em Maçon, teve pouca influencia na Camara, onde não representava nenhum partido, mas apresentou-se bastantes vezes na tribuna com muito brilho, ora tomando a peito a defeza dos estudos litterarios, atacados por Arago, ora tratando, sob um ponto de vista pessoal, mais elevado que pratico, a questão do Oriente, as fortificações de Paris, a lei da regencia, a abolição da pena de morte, a beneficencia social, etc. Todavia, o poeta, o escriptor revelava-se ainda por meio de grandes obras. Em 1835, em seguida a uma longa excursão, realisada com a sumptuosidade de um soberano, tinha publicado a sua *Viagem ao Oriente*, obra esplendida de fórma e muitas vezes arrojada de pensamento, mas da qual as negligencias de composição e as inexactidões geographicas, exaggeradas ainda pela critica, comprometteram o exito; continha tudo ou antes, continha de tudo, e, sobre todas as cousas, pontos de vista novos e cheios de grandeza. No anno seguinte, produzia uma obra poetica de largo folego: *Jocelyn* (1836), dois volumes. Sob a fórma descosida de um jornal de cura de aldeia, e annuciado como um *episodio*, um fragmento de um vasto poema humanitario, que devia abraçar todas as edades da natureza e todas as épocas da civilização, era, em si mesmo um poema completo, transbordando em vida e paixão, unido ao lyrismo o movimento dramatico, e ao sentimento dos problemas eternos da philosophia a pintura das luctas sangrentas da sociedade e das tempestades do coração. Depois de algumas hesitações da critica e da opinião, *Jocelyn* foi lido com paixão e geralmente acceto, senão como o modelo, ao menos como o primeiro grande esboço da unica epopèa que convenha ao nosso tempo. Foi seguido, dois annos depois, pela *Queda de um anjo* (1838), dois volumes, episodio antediluviano do mesmo grande poema universal, acolhido com uma frieza que as negligencias da fórma e os exaggeros systematicos do pensamento justificavam. Um ultimo ensaio do genero íntimo, os *Recolhimentos poeticos* (1839), era uma occasião para o auctor declarar, em nome do dever social, a subordinação da poesia á politica.

Esta absorvia-o já inteiramente. Ninguém contribuiu mais do que Lamartine, pelos seus discursos e pelos seus escriptos, para desconsiderar, sob o gabinete Guizot (1840-1848), o governo de Luiz Philippe; chamando á maioria ministerial «o partido dos marcos de pedra», provocava contra ella «a revolução do desprezo.» Contribuiu sobretudo para familiarisar a burguezia com a idéa revolucionaria publicando a sua *Historia dos Girondinos* (1847), oito volumes, reflecta de sentimentos republicanos e propria para inspiral-os. Pintando com extrema vivacidade os crimes de uma época terrivel, pretendia fazer sair da sua pintura, radiante e pura, «a idéa da que o sangue não macula.»

Apesar da insuficiencia dos estudos preparatorios e da leviandade das asserções, é incontestavelmente o melhor dos grandes improvisos historicos a que o auctor devia consagrar se; teve um duplo exito, litterario e politico, attestado por numerosas edições. A revolução de fevereiro, collocando por um instante nas mãos de Lamartine os destinos do paiz, forneceu-lhe occasião para manifestar uma corajosa eloquencia, e mais de uma vez a sua palavra foi a unica e fragil barreira entre o governo provisório e uma completa perturbação social.

Quando, depois de ter sido, para a nação, objecto alternativamente de um reconhecimento entusiasta e de uma indiferença ingrata, foi restituído á vida privada pelo golpe de Estado de 2 de dezembro de 1852, salvaguardou melhor a sua independencia do que a sua dignidade. Apesar da importancia do seu pa-

trimonio e das fontes de riqueza contidas na sua penna, a ruina da sua fortuna, no meio das agitações da vida publica e das dissipações de uma vida de artista e de grão senhor, condemnava-o a uma especie de trabalhos forçados litterarios nos quaes consumiu, n'uma infinidade de produções ephemerias, que adeante mencionamos, os seus ultimos thesouros de força e de intelligencia. Prodigalisou-se em todos os generos, na historia, no romance, na biographia, nas confidencias pessoais, na critica litteraria, até no drama e sobretudo nos jornaes e nos livros de vulgarisação. Todas estas produções apressadas, ás quaes se pôde censurar fraquezas de doutrina, inexactidões de factos, negligencias de estylo, distinguiram-se até ao fim pelo movimento proprio do improviso, pela elevação do sentimento e por aquella amplidão harmoniosa da phrase, de que o poeta das *Meditações* conservou sempre o segredo. Comtudo a sua intervenção pessoal em subscrições abertas a seu favor, appellações directas para a caridade publica, loterias repetidas, operações mais financeiras que litterarias, e que além d'isso foram mal succedidas, constituiram uma coroação lastimosa para tão bella vida. Depois de longas luctas contra uma miseria relativa, Lamartine recebeu finalmente, a titulo de recompensa nacional, por uma lei votada a 15 de abril de 1867, a dotação vitalicia da renda de um capital de 500:000 francos, e viveu dois annos ainda n'um estado de doença e de enfraquecimento. Por sua morte, um decreto imperial prescreveu que os seus funeraes lóssem celebrados a expensas do Estado; mas o poeta, tinha pedido que o seu enterro se fizesse com a maior simplicidade, na sua propriedade de Saint-Point.

Eis a relação das principaes publicações de Lamartine, a partir da Revolução de 1848:

Tres mezes no poder (1848, in-8.^o), da qual as *Paginas de historia da revolução de fevereiro* de 1848, de M. Louis Blanc, são apenas a relação;

Historia da revolução de 1848 (1849, 2 vol. in-8.^o);

As Confidencias (1849, in-8.^o), inaugurando a exploração pelo poeta dos mysterios intimos da sua mocidade e do seu lar;

Toussaint Louverture, poema dramatico em cinco actos e em verso, desempenhado no theatro da Porte-Saint-Martin, a 6 de agosto de 1850;

As Novas Confidencias (1851, in-8.^o), publicadas com grande ruido pela *Presse*;

Geneveva, memorias de uma creada de servir (1851, in-8.^o), inseridas no *Constitutionnel*;

O canteiro de Saint-Point (1851, in-8.^o);

Graziella (1852, in-32);

Historia da Restauração (1851-1863, 6 vol. in-8.^o);

Nova Viagem ao Oriente (1853, 2 vol. in-8.^o);

As Visões (1853, in-32), fragmento de um poema cujo assumpto devia ser a historia da alma humana e das suas transmigrações atravez das existencias e das provas successivas, desde o nada até á reunião ao centro universal, Deus;

Historia da Turquia (1854, 6 vol. in-8.);

Historia da Russia (1855, 2 vol. in-8.);

Regina (1862, in-18);

O espirito de mademoiselle de Girardin (1862, in-8.^o);

Uma serie de retratos litterarios: *Bossuet*, *Antar*, *Cicero*, *Christovam Colombo*, *Homero* e *Socrates*, *Nelson* (1863); *Heloisa* e *Abelardo*, *Mademoiselle de Sévigné*, *Shakespeare* e a sua obra (1864); *Civilisadores e conquistadores* (1865, 2 vol.); *Benevenuto Cellini*, a *França parlamentar* (2 vol.); *os Grandes homens do Oriente*, *Vida de Cesar*, *os Homens da Revolução* (1865); *J. J. Rousseau*, *o seu falso contracto social* e *o verdadeiro contracto social* (1866, in-18); *Vida do Tasso* (1866, in-18); *Antonella* (1867, in-18, 2.^a edic. 1868), etc.

Finalmente, uma longa serie de improvisos periodicos, a um tempo politicos e litterarios, com estes titulos:

O Conselheiro do Povo (1849 e seg.), *O Civilizador* (1851), *Curso familiar de litteratura* (1856 e seg.)

Além d'estas, mencionaremos as seguintes publicações póstumas :

O manuscrito de minha mãe (1870, in-8.);

Recordações e retratos (1871, 2 vol. in-18);

Poesias inéditas, publicadas por mademoiselle Valentine de Lamartine (1873, in-8.);

Correspondencia (1873-75, tomos I a V, in-8.º);

Convém não esquecer um numero consideravel de *Discursos*, de brochuras, de extractos e de reimpressões, que não nos é possível mencionar aqui. A maior parte das produções de Lamartine toram traduzidas em todas as linguas europeas, e em França, com o titulo de *Obras completas* tem sido objecto, desde 1840, de edições perpetuas, em formatos diversos.

Em ultimo lugar, depois do malogro das subscrições, Lamartine emprehenheu pessoalmente uma vasta edição geral, revista e correcta, de todos os seus escriptos, a qual devia conter muitas cousas inéditas (1860-1866, tomo I a XII, in-8.). Deu tambem uma edição das suas *Obras escolhidas e apuradas* (1849-1850, 14 vol. in-8.º), sem contar as colleções de extractos (*Leituras para todos*, 1854, in-18; *Trechos selectos*, para uso das classes, 1873, in-18).

Podem ler-se, para completo conhecimento da vida d'este grande escriptor, os seguintes trabalhos;

Diccionario dos Contemporaneos, de Vapereau, nas quatro primeiras edições;

Galeria dos contemporaneos illustres, de L. de Loménie, tomo I (Paris, 1842, in-12);

Lamartine, sua vida publica e particular, de Chapuys-Montlaville (Paris, 1843, in-8.º);

Lamartine poeta, orador, historiador, estadista, de Rastoul de Mongeot (Bruxellas, 1848, in-18);

Historia poetica e politica de M. A. de Lamartine, de L. Lurine (1848, in-12);

M. de Lamartine, na *Revista dos Dois Mundos*, por Gustavo Planche (1.º de junho de 1851; 15 de novembro de 1856);

Retratos litterarios, tomo I, e *Palestras da segunda feira*, tomo I e IV, por Sainte-Beuve;

Lamartine, sua vida litteraria e politica, por Carlos de Mazade (1872, in-18);

Lamartine, por Emilio Ollivier (1874, in-18).

GRAZIELLA

LIVRO PRIMEIRO

I

Eu levava em Napoles a mesma vida contemplativa do que em Roma, quando morava em casa do velho pintor da praça de Hespanha; com uma differença apenas: em vez de passar os dias discorrendo por entre os restos da antiguidade, empregava-os divagando ou sobre as margens ou sobre as ondas do golfo napolitano.

Recolhia á noite para o antigo convento onde, graças á hospitalidade que me dava um velho parente de minha mãe, tinha uma estreita cella com o tecto em cima da cabeça; mas cuja janella, festonada de plantas trepadeiras e guarnecida com vasos de flores, abria sobre o mar, sobre o Vesuvio, Castellamaro e Sorrento.

Quando pela manhã o cariz do horizonte apparecia limpo, via alvejar a casa branca do Tasso, suspensa como o ninho de um cysne no cimo de uma escarpa de rochedo amarellado e cortado a pique pelas ondas.

O alvor d'aquella casa penetrava sorrindo até o intimo da minha alma.

Era como um raio de gloria scintillando de longe sobre a minha juventude e sobre a minha obscuridade.

Recordava-me da scena homerica da vida do grande homem quando, remordido pela inveja dos pequenos, calumniado pelos potentados, ultrajado até no proprio genio, sua unica riqueza, volta a Sorrento em busca de alguma ter-

nura ou compaixão, e que, disfarçado em mendigo, se apresenta á irmã para lhe experimentar o coração e vêr se ella ao menos reconhece aquelle que havia amado tanto.

«Reconheceu-o immediatamente, diz o ingenuo biographo, apesar da pallidez doentia do rosto, da alvura da barba e do manto aos farrapos. Precipitou-se nos braços d'elle com mais carinho e mais extremo do que se houvesse conhecido o irmão sob as vestes esplendidas dos cortezãos de Ferrara.

Os soluços embargavam-lhe a voz; apertou o irmão contra o peito; lavou-lhe os pés; trouxe-lhe o manto de seu pae e mandou-lhe preparar um jantar de festa. Mas nem um nem outro poderam tocar nos manjares, tanto as lagrimas transbordavam d'aquelles corações!

Passaram o dia a chorar, sem proferir palavra, olhando para o mar e a recordarem-se da sua infancia!»

II

Um dia, era no principio do verão, na época em que o golfo bordado de collinas, de casas brancas, de vinhas trepadoras, que circundam o mar mais azul de que o ceu, se assemelha a uma copa verde antiga, onde alveja a espuma, e onde a hera e o pampano se entrelaçam adornando em graciosos festões as azas e as bordas.

Era a estação em que os pescadores do Possilipo levantam as cabanas sobre as rochas, extendem as redes pela areia loirejante das praias e se afo tam a metter-se pelo mar dentro, indo muitas vezes até debaixo dos penhascos de Caprea, de Procida, d'Ischia, e ao meio da bahia de Gaeta.

Alguns levam consigo archotes, que accendem para enganar o peixe. O peixe vem ao lume da agua julgando vêr o crepusculo do dia.

Um rapaz, agachado na prôa do barco, debruça-se calado, inclinando o archote sobre a vaga, enquanto o pescador, penetrando com a vista até o fundo das aguas, procura encherger a sua presa e trata de elaqueal-a na rêde.

Os clarões vermelhos, como as chammas dos tóros que ardem no lar, reflectem-se em traços longos e tremulos,

similhantes ao rasto luminoso que o globo da lua projecta sobre as aguas.

O movimento das ondas faz-os vacillar, e prolonga o deslumbramento de lamina em lamina, até á distancia em que a primeira vaga os reflecte nas vagas seguintes.

III

Passavamos ordinariamente, o meu amigo e eu sobre as ruínas húmidas do palacio da rainha Joanna, a olhar para aquelles clarões fantasticos, invejando a vida errante e des-cuidada dos pobres pescadores.

Alguns mezes de estada em Napoles, o trato habitual com a gente do povo, durante as nossas excursões de todos os dias pelo campo e pelo mar, havia-nos familiarisado com a sua linguagem accentuada e sonora, linguagem em que o gesto e o olhar substituem a eloquencia da palavra.

Philosophos por presentimento e fatigados das vãs agitações da vida antes de as havermos conhecido e experimentado, tinhamos inveja d'aquelles felizes *lazzaroni*, de que andavam então cobertas as praias e caes de Napoles, passando os dias a dormir á sombra dos seus barquitos, sobre a area, ouvindo os versos dos poetas ambulantes, dançando a *tarantela* com as raparigas, á tarde, debaixo dos parreiraeos proximos da beira-mar.

Conheciamos muito melhor os seus habitos e caracter do que os do mundo elegante onde não iamos jámais.

Aprazia-nos aquella vida, que applicava em nós a agitação febril da alma, que intimamente gasta a imaginação dos rapazes antes de chegar a hora em que o seu destino os chama para pensar ou praticar.

O meu amigo tinha vinte annos e eu dezoito. Ambos estavamos pois na idade em que é permittido confundir os sonhos com as realidades.

Resolvemos travar conhecimento com os pescadores, e embarcar com elles para levar alguns dias a mesma vida.

Aquellas noites tepidas e luminosas, passadas sob a vela, n'um barco embalado pelas ondinhas bulçosas, debaixo do céu perfumado e estrelado, parecia-nos uma das mais gratas e mysteriosas voluptuosidades da natureza, voluptuo-

sidade que era forçoso conhecer quando não fosse senão para mais tarde a contar.

Livres e sem termos que dar conta a ninguem das nossas acções e das nossas ausencias, realisámos no dia seguinte o que havíamos projectado na vespera.

Percorrendo a praia da Margellina, que se estende por baixo do tumulo de Virgilio, ao pé do monte Possilipo, onde os pescadores arrastam as suas redes, vimos um velho ainda robusto.

Embarcava os utensilios de pesca no seu cahique pintado de cores lubricas e decorado na pôpa com uma imagem de S. Francisco.

Um rapaz de doze annos, seu unico remeiro, trazia n'aquelle momento para a barca um queijo de bufalo, duro, reluzente e dourado como os calhaus da praia, alguns figos e uma biha de barro com agua.

Atrahiu-nos a physionomia do velho e do rapaz. Travámos paestra.

O velho poz-se a rir quando lhe perguntamos se nos queria tomar como remadores e levar consigo para o mar.

— Os senhores não teem as mãos calejadas como é preciso tel-as para pegar no punho de um remo, disse elle. As suas mãos foram feitas para pegar em penna e não n'um madeiro: até era lastima estragal-as no mar.

— Somos moços, queremos experimentar todos os officios antes de escolher um, respondeu o meu amigo. O seu agrada-nos porque se exerce sobre o mar e debaixo do céu.

— Têem razão, replicou o velho barqueiro, é um officio que alegra o coração e dispõe o espirito para confiar nos santos.

O pescador está sob a guarda immediata do céu.

O homem não sabe d'onde vem o vento e as ondas. A plama e a lima andam nas mãos do obreiro, a riqueza e as graças na mão do rei; mas a barca está nas mãos de Deus!

A piedosa philosophia do maritimo ainda mais nos confirmou no proposito de embarcarmos com elle.

Depois de longa resistencia cedeu emfim. Convencionámos dar-lhe dois *cartins*, como paga da nossa aprendizagem e do nosso sustento.

Feito o ajuste, elle mandou o pequeno á Margellina buscar provisões de pão, vinho, queijo e fructa. Ao cair da tarde, ajudámol-o a deitar o barco ao mar, e partimos.

IV

A primeira noite foi delectosa. O mar estava tranquillo como um lago entre as montanhas da Suissa.

A' medida que nos desviavamos da margem, viamos as linguas de fogo dos palacios e caes de Napoles afundarem-se na linha do horisonte.

Só os pharoes nos indicavam a costa, pharoes que empallideciam diante da ligeira columna de fogo, que sahia da cratera do Vezuvio.

Emquanto o pescador deitava e tirava a tarrafa e que o rapaz, meio a dormir, deixava vacillar o archote, nós dávamos de espaço a espaço um certo impulso á barca. e escutávamos, com vivo prazer, as gotas sonoras, cahindo harmoniosamente no mar como perolas n'uma bacia de prata.

Tinhamos dobrado, havia muito, a ponta do Possilipo, atravessado a bahia de Puzzoles e de Baia, e transposto o canal de Gaeta entre o cabo Mizeno e a ilha de Procida.

Deu-nos o somno. Deitámo-nos debaixo dos bancos, ao lado do rapaz.

O pescador estendeu sobre nós a vella dobrada no fundo da barca.

Adormecemos embalados pelo mar, que apenas fazia balançar o mastro.

Quando acordámos, era alto dia.

Um sol esplendido scintillava sobre o mar e reverberava nas casas brancas de uma costa para nós desconhecida. A leve viração que vinha da terra fazia palpitar a vella sobre nossas cabeças, levando-nos de enseada em enseada e de rochedo em rochedo.

Era a costa dentada e cortada a pique da graciosa ilha de Ischia, que eu, mais para o futuro, devia habitar por tanto tempo e amar tanto!

Pela primeira vez me apparecia nadando em lua, sahindo das aguas, perdendo-se no azul do céu, desabroxada como que de um sonho de poeta durante o ligeiro somno de uma noite de verão!

V

A ilha de Ischia, que separa a bahia de Gaeta do golfo napolitano, e que um estreito canal a destaca, a ella propria, da ilha de Procida, é uma só montanha a pique, cujo cimo alvejante e fulminado parece cravar os dentes lascados nas nuvens do céu.

Os flancos abruptos, cruzados de valles e de algares, são cobertos de castanheiros de um verde carregado. As chapadas mais proximas do mar, inclinadas sobre as ondas, estão cheias de choupanas, de casaes rusticos, de logarejos meio escondidos entre as latadas de viaha.

Cada uma d'estas aldeotas tem a sua *marina*. Dão este nome a um portosinho, onde fluctuam as canôas dos pescadores e algumas embarcações de vella latina.

As vergas tocam nas arvores e nos pampanos da costa.

Não ha nenhuma d'essas casas suspensas nos declivios da montanha, escondida no fundo dos algares, resaindo nas chapadas, projectando-se sobre as cepas, que se agarram trepando pelos troncos dos castanheiros, com as suas arcadas brancas e guarnecidas de parreirae pendentes, que não seja em sonhos a habitação de um poeta ou de um amante.

Os olhos não se cançam jamais com aquelle espectaculo. A costa é abundantissima em peixe.

O nosso pescador tinha tido uma noite de lanços felizes.

Abicámos n'uma das enseadas da ilha, para irmos buscar agua á fonte proxima e para descansarmos debaixo dos rochedos.

Com o declinar da noite voltámos para Napoles.

Uma vella quadrada, posta de travez no mastro de prôa, e da qual o rapaz tinha na mão a escota, bastava para nos impellir ao longo dos rochedos de Procida, do cabo Mizeno e para levantar a espuma do mar debaixo do nosso leve esquite.

O velho pescador e o filho, ajudados por nós, puxaram a barca para cima da areia e trouxeram os cabazes do peixe para a casita da Margellina onde habitavam.

No dia seguinte recommçámos alegremente o nosso novo

officio. Sulcámos em todas as direcções o mar de Napoles, aproveitando a feição do vento.

Visitámos a ilha de Caprea, d'onde a imaginação repelle ainda com horror a sinistra sombra de Tiberio; Cumas e os seus templos sepultados debaixo dos loureirae massiços e das figueiras bravias: Baia e as suas praças vãs, que pareciam ter envelhecido e embranquecido com os seus romanos: Portici e Pompeia, ridente ainda debaixo da lava e da cinza do Vesúvio: Castellamaro, cujas enredadas florestas de loireiros e castanheiros selváticos, reflectindo-se no mar, tingem de um verde carregado as ondas sempre murmurantes da barra.

O velho barqueiro por toda a parte conhecia alguma familia de pescadores como elle, onde tinhamos hospedagem quando o mar estava picado impedindo-nos a entrada em Napoles.

Durante dois mezes não puzemos pés n'uma estalagem.

Viviamos em pleno ar com o povo e da vida do povo. Nós mesmos nos haviamos tornado em povo, para estarmos mais perto da natureza. Tnhamos quasi os seus habitos, falavamos a mesma lingua e a simplicidade dos seus usos communicava-nos, por assim dizer, a ingenuidade dos seus sentimentos.

A transformação foi facil para nós. Creados no campo, o meu amigo e eu durante as tempestades da revolução, que havia batido e dispersado as nossas familias, tinhamos na infancia vivido muito da vida dos camponezes, elle nas montanhas de Gresivaudan, em casa de uma ama que o recolheu durante o tempo da prisão de sua mãe; eu sobre as collinas do Mâconais na casinha rustica para onde meu pae e minha mãe haviam transportado o ninho ameaçado pelo furacão revolucionario.

Entre o pastor das nossas montanhas e o pescador do golfo napolitano não ha outra differença senão o sitio, a lingua, o officio.

O rego ou a vaga inspiram os mesmos pensamentos ao homem que trabalha a terra ou a agua. A natureza fala a mesma linguagem áquelles que convivem com ella no monte ou no mar.

Nós tivemos essa experiencia. No meio d'aquella gente simples não nos achávamos como forasteiros.

Os mesmos instinctos eriam parentesco entre os homens.

A propria melancolia d'aquella vida nos agradava e adormecia brandamente.

Viamos com tristeza aproximar-se o fim do verão ; chegarem os dias de outono e de inverno, durante os quaes deviamos regressar á patria.

Inquietas as nossas familias, já começavam a chamar-nos.

Desviávamos, quanto podiamos, do animo a idéa da partida, comprazendo-nos em figurar que seria interminavel aquelle viver.

VI

Todavia, setembro começava já com os seus aguaceiros e borrascas. O mar estava menos placido. O nosso officio, tornando-se mais arduo, chegava muitas vezes a ser perigoso. As brisas refrescavam e a vaga espumante não raro nos encharcava com os borrifos salgados.

Tinhamos comprado dois gabões d'aquelles que os marinheiros e *lazzaroni* de Napoles deitam aos hombros durante a invernia.

As mangas largas d'esses gabões pendem ao lado dos braços nós. O capuz, fluctuando descabido ou puxado sobre a cabeça, segundo o tempo, abriga a frente do marinheiro da chuva e do frio, ou deixa a aragem e os raios do sol brincar por entre os seus cabellos molhados.

Um dia partimos da Margellina com um mar de leite, para irmos pescar salmonetes e os primeiros atuns nas costas de Cumas, onde as correntes os arrojam n'aquella estação.

Os nevoeiros da manhã fluctuavam a meia costa, annunciando vento rijo para o cahir da noite.

Esperávamos prevenil-o e ter tempo de dobrar o cabo Mizeno antes que o mar pesado e morbido se sublevasse.

A pesca foi abundante.

Quizemos deitar mais alguns lanços.

O vento assaltou-nos de improviso, cahindo do cimo do Epomeu, immensa montanha, que domina Ischia, com tal fragor e tal peso, como se fôsse a propria montanha que desabasse sobre o mar.

Primeiro aplanou todo o espaço liquido em volta de nós, como a reilha de ferro aplanava a gleba e nivella os regos.

Depois a vaga, tornando a si do abalo subito, inchou murmurante e cavada, erguendo-se dentro de poucos minutos a uma altura tal, que nos escondia de quando em quando a costa e as ilhas.

Estavamos igualmente separados da terra firme e de Ischia, e já a meio internados no canal que separa o cabo Mizeno da ilha grega de Procida.

Não tínhamos senão um partido: era entrar afoitamente o canal, e se lograssemos transpô-lo, tomarmos sobre a esquerda para a enseada de Baia e abrigarmo-nos nas suas aguas mansas.

O velho pescador não hesitou. Do cimo de uma vaga, onde o equilibrio do barco nos suspendia um momento sobre um cachão de espuma, elle deitou um olhar rapido em volta de si, como o homem transviado que sobe a uma arvore para procurar a estrada; depois precipitou-se sobre o leme:

— Peguem nos remos, rapazes, exclamou elle; é preciso que voguemos para o cabo mais rapido do que o vento; se nos toma a dianteira estamos perdidos!

Ob decemos como o corpo obedece ao instincto.

Com os olhos cravados nos olhos d'elle, procurávamos ler os rapidos indicios da direcção que pretendia dar-nos e curvando-nos sobre os remos ora subiamos difficilmente os flancos da vaga crescente, ora nos precipitávamos, com a espuma, no fundo das ondas descendentes, procurando afrouxar o impeto da queda pela resistencia do remo na agua. Oito ou dez vagas, cada vez mais grossas, nos arrojavam para o estreito do canal. Mas o vento havia-nos precedido, como o antevira o piloto, e abysmando-se entre o cabo e a ponta da ilha, adquirira força tal, que sublevava o mar, fazendo-o referver como a lava furiosa, e a onda não achando espaço para fugir com bastante presteza diante do vendaval que a impellia, amontoava-se sobre si propria, desabava, espalhando-se em todos os sentidos, como um mar embravecido, e buscando correr sem lograr escapar-se do canal, batia, despedaçando-se de encontro ás rochas do cabo Mizeno, levantando uma columna de espuma, cuja poeira lucida chegava até nós.

VII

Tentar transpôr aquella passagem com um batel que a mais leve golphada de agua podia encher e abysmar, era uma tentativa insensata.

O pescador lançou sobre o cabo, esclarecido pela columna de espuma, um olhar que não esquecerei jámais; depois fazendo o signal da cruz:

— Passar é impossivel, disse elle; recuar para o mar largo ainda peor; não temos senão um recurso: arribar a Procida ou morrer.

Nós, posto fôssemos noviços em coisas maritimas, sentimos bem a difficuldade de tal manobra debaixo de tempo.

Dirigindo-nos para o cabo, o vento, que era á pôpa, arrojáva-nos adiante de si; mas para arribar a Procida, cujos signaes de vigia brilhavam sobre a direita, era forçoso cortar obliquamente as vagas escorregando, por assim dizer, nos seus valles para a costa, apresentando o flanco á onda, e as frageis bordas do barco ao vento.

Todavia, a necessidade fez com que não hesitássemos. O pescador deu-nos signal de levar remos, aproveitando o intervallo de uma lamina a outra para virar de bordo.

Puzemos a prôa em Procida e vogámos como a planta marinha, que a onda arremessa para cima de outra onda.

VIII

Avançávamos pouco; a noite tinha cahido. O pó da espuma, as nuvens que o vento arremessava rasgando-as sobre o canal, redobravam a obscuridade.

O velho disse ao filho que accendesse um archote, ou para manobrar melhor com o auxilio da luz, ou para indicar aos maritimos de Procida que um barco naufragava no canal, implorando-lhes não soccorro, mas preces.

Era um espectaculo sublime e sinistro o que apresentava a criança, agarrando-se com uma das mãos ao mastro e com a outra agitando por cima da cabeça o tacho, cuja chama vermelha e afumada se estorcía sob a pressão do vento, queimando-lhe os dedos e os cabellos.

Aquelle clarão fluctuante, scintillando no cimo das vagas e desaparecendo depois no cavado das ondas, ora quasi extincto, ora reanimado, era como o symbolo das quatro vidas dos homens que luctavam entre a salvação no meio das sombras e das terriveis agonias d'aquella noite.

Tres horas, cujos minutos teem a duração dos pensamentos que os medem, correram para nós.

A lua ergueu-se, e, como é costume, o vento redobrou com a sahida d'ella.

Se trouxessemos um farrapo de vella, tinhamos virado vinte vezes.

Posto que a borda muito baixa do barco apresentasse pouca resistencia ao furacão, havia momentos em que parecia tirar a quilha das ondas e que nos obrigava a revoltar como a folha secca arrancada da arvore.

Tinhamos mettido muita agua e não podiamos dar-lhe vasão.

Havia momentos em que sentiamos o cavername ir-se abaixo como um caixão que desce á cova. O peso da agua fazia com que a barca obedecesse menos, e podia tornar-se mais lenta em subir entre duas vagas. Um segundo de demora e estavamos perdidos.

O velho, sem poder falar, fez-nos signal, com as lagrimas nos olhos, que alijassemos toda a carga ao mar.

As vasilhas da agua, os cabazes de peixe, as duas velas, a planqueta de ferro, enfim até os nossos capotes de lã ensopados, foram pela borda fóra.

O pobre marinheiro olhou para toda a sua riqueza que sobrenadava alguns momentos nas ondas.

A barca ergueu-se, correndo sobre a superficie das aguas como um corcel desafrontado do peso.

Entrámos insensivelmente n'um mar mais plano e abrigado um pouco pela costa occidental de Procida.

O vento cahiu; a chamma do archote ergueu-se; a lua, abrindo um grande espaço azul entre as nuvens, brilhou serena. As vagas, alongando-se, deixaram de bramar.

Pouco a pouco o mar tornára-se plano como uma tranquilla enseada, e a sombra escura das escarpas de Procida cortava-nos a linha do horisonte.

Estavamos nas aguas do meio da ilha.

IX

O mar era muito na ponta, para que podessemos demandar o porto. Foi preciso resolvemo-nos a tomar a ilha por um dos flancos e por entre os cachopos.

— Não haja susto, rapazes, disse o pescador, reconhecendo a margem á claridade do archote ; salvou-nos Nossa Senhora. Saltamos em terra e vamos ficar esta noite a minha casa.

Julgámos que o pobre homem tivesse perdido a cabeça, porque não lhe conheciamos outra casa além da choupana da Margellina, e para voltar lá era preciso lançarmo-nos no canal, dobrar o cabo e affrontar novamente com a tormenta de que havíamos escapado.

Elle, porém, sorrindo com o nosso ar de espanto e adivinhando-nos nos olhos os pensamentos, replicou :

— Estejam descansados ; havemos de lá chegar sem um borrião de agua.

Depois disse-nos que era de Procida, que possuia ainda na costa da ilha a cabana e o quintal de seu pae, e que n'aquella época sua mulher edosa e sua netinha, irmã de Bepino, moço da nossa barca, com dois pequenos, estavam em casa para seccar os figos e vindimar as parreiras, cujas passas vinham depois vender a Napoles.

— Mais meia duzia de remadas, accrescentou elle, e estaremos a beber da agua da nossa fonte, que é mais pura que o vinho de Ischia.

Estas palavras animaram-nos, remámos ainda na extensão de uma legua ao longo da costa direita e espumante de Procida.

De quando em quando o rapaz levantava o archote que lançava um clarão sinistro sobre os rochedos, mostrando-nos uma muralha inabordable.

Ao voltar de uma ponta de granito, que entrava pelo mar em fórma de baluarte, vimos as escarpas dispostas em curva formarem um vão semelhante á brecha no muro de uma fortaleza.

Uma volta de leme fez-nos virar direitos á costa e tres derradeiras vagas lançaram a nossa cansada barca contra dois escolhos onde a espuma refervia sobre um baixo.

A prôa, tocando na rocha, produziu som semelhante ao estalar de uma prancha quando bate em ôco quebrando-se.

Saltámos á agua, amarrámos, como pudemos, a barca, e seguimos o velho e o rapaz, que marchavam adiante de nós.

Subimos por uma especie de rampa, cujos degraus irregulares e feitos á picareta, escorregavam com os limos do mar. Estas escadas de rocha viva, que faltavam ás vezes de baixo dos pés, eram substituidas por degraus artificiaes, que haviam formado encravando pela ponta varas compridas nos buracos da muralha, e lançando sobre ellas pranchas alcatroadas de barcos velhos ou troncos de castanheiros guarnecidos de folhas seccas.

Depois de havermos subido quatro centos ou quinhentos degraus, achámo-nos n'um pequeno pateo circundado por um muro de pedra.

No fundo do pateo abriam dois arcos escuros que pareciam deitar para um celleiro. Estes dois arcos massiços suspendiam um tecto em fórma de terraço, cujos alegretes estavam guarnecidos de vasos de alecrim e de magericão.

Fatigados pela longa subida com os remos ás costas, parámos, por minutos, para tomar folego nós e o velho. Mas o pequeno, trepando pela escada, pôz-se a bater a uma janella da casa, clamando com alvoroço :

— Minha avó, minha irmã! *Madre! Sorelina!* exclamou elle; *Gaetana, Graziella*, é o avó, sou eu e mais duas pessoas que vem com a gente.

Ouvimos então uma voz meio acordada, porém, dôce e fresca, soltar algumas exclamações de espanto no interior da casa.

Em seguida abriu-se a meio o postigo de uma janella, empurrado por um braço alvo, que sahia d'entre a manga fluctuante da camisa e vimos, á luz do archote, que o rapaz tentava aproximar da janella, pondo-se nos bicos dos pés, a encantadora physionomia de uma rapariga, que appareceu ao postigo.

Acordada em meio somno pela voz do irmão, Graziella não pensou em se arranjar. Arremessou-se descalça para a janella e tal qual como estava dormindo.

Dos cabellos longos e negros metade cahia sobre uma das faces; a outra torcia-se em volta do pescoço; depois impellida para o outro lado da espadua pelo vento que soprava com força, batia no postigo entreaberto e voltava

a fustigar-lhe o rosto semelhante á aza de um corvo sacudida pelo vendaval.

Com as costas de ambas as mãos a rapariga esfregava os olhos, erguendo os cotovellos, e dilatando os hombros na acção de uma criança, que desperta querendo espantar o somno.

A camisa afogada em volta do pescoço não deixava entrever mais do que a estatura alta e delicada, onde se remodelavam apenas na tella as primeiras ondulações da juventude.

Os olhos ováes e grandes, eram da côr indecisa entre o negro carregado e o azul do mar, que modera a irradiação pela humidade do olhar e que mistura, em proporções eguaes, nos olhos da mulher, a ternura da alma com a energia da paixão, tinta celeste que os olhos das mulheres da Asia e da Italia devem ao ardor dos seus dias de fogo, ao sereno azul do ceu, do mar e das noites do seu paiz.

As faces eram cheias, arredondadas; mas um pouco pallidas, não da pallidez doentia do Norte, porém sim da alvura saudavel do Meio-dia, que é semelhante á côr do marmore exposto durante seculos ao vento e ás ondas.

Os labios, mais grossos e mais abertos do que são os das mulheres dos nossos climas, eram a expressão da candura e da bondade. Os dentes curtos, porém alvissimos, brilhavam com os reflexos do archote, como a madre-perola á beira-mar sob a transparencia da agua ferida pelos raios do sol.

Emquanto ella falava com o irmão, as suas palavras vivas, um pouco asperas e accentuadas, em parte levadas pelo vento, soavam aos nossos ouvidos como uma musica.

A sua phisionomia tão movel como os clarões do facho passou n'um momento do imprevisto ao medo, do medo á alegria, da ternura ao riso: depois, avistando-nos por detrás do tronco nodoso da figueira onde estávamos, retirou-se confusa e precipitada para dentro; foi acordar a avó, vestiu-se n'um santiamem, veio abrir-nos a porta e abraçar, commovida, o avô e o irmão.

X

A velha appareceu em breve, trazendo uma lampada de barro, que lhe alumiaava o rosto magro e pallido e os cabellos tão brancos como os flocos de lã que alvejavam na roca posta em cima da mesa.

Beijou a mão do marido e a testa do neto.

Toda a narração que se contem n'estas linhas foi dita n'algumas palavras e n'alguns gestos trocados entre os membros d'aquella pobre familia.

Nós não podiamos perceber tudo.

Tinhamo-nos desviado um pouco para não incomodar nas suas expansões os nossos hospedes. Elles eram pobres; nós extranhos, deviamos respeitá-los.

O nosso gesto acanhado e a posição em que haviamos ficado atraz de todos na entrada da porta, devia provar-lh'o.

Graziella de quando em quando olhava-nos admirada e como se estivesse sonhando. Assim que o pae terminou a narração, a avó cahiu de joelhos proximo do lar; Graziella, indo ao terraço, trouxe um ramo de alecrim e algumas flôres de laranja: subiu a uma cadeira e foi pregar o ramo com um alfinete comprido, que tirou dos cabellos, diante de uma imagem da Virgem, que ficava por cima da porta e em frente da qual ardia uma lampada.

Vimos que era uma acção de graças votada á sua divina protectora, por lhe haver salvo o avô e o irmão.

Nós, tomámos tambem parte n'ella.

XI

O interior da casa era em tudo tão semelhante ao rochedo como o exterior. Não tinha senão as paredes sem reboco e apenas branqueadas com uma demão de cal.

Os lagartos, acordados com a luz, rastolhavam nos intersticios das pedras sob os fetos que serviam de leito aos pequenos.

Dos ninhos suspensos nos barrotes, que formavam o tecto, viam-se sahir as cabecinhas negras e os olhos inquie-

tos das andorinhas. Graziella e sua avó dormiam juntas n'uma cama, só coberta com pedaços de vella. Cabazes de peixe e uma albarda de macho juncavam o chão.

O pescador voltou-se para nós, como envergonhado, apontando para a penúria da sua pobre casa; depois conduziu-nos ao terraço, logar de honra no Oriente e no Meio dia da Italia.

Ajudado pelo neto e por Graziella, formou uma especie de telheiro, apoiando uma das extremidades dos nossos remos no parapeito do terraço e a outra no chão. Cobriu o fragil abrigo com uns ramos de castanheiro cortados de fresco, estendeu molhos de fetos por baixo do telheiro; trouxe-nos dois bocados de pão, agua fresca, figos e deunos as boas noites.

As fadigas e commoções do dia fizeram-nos adormecer subita e profundamente.

Quando acordámos, as andorinhas chilriavam em volta de nós e o sol, já alto, aquecia excessivamente os ramos frondeados que nos serviam de tecto.

Ficámos largo tempo deitados debaixo do nosso telheiro no estado de meio semno, que permite que o homem moral sinta e pense antes que o homem dos sentidos tenha a coragem de levantar-se e por-se em acção.

Trocámos algumas palavras mal articuladas e interrompidas por longos silencias que recahiam em vago sonho.

A pescaria da vespera, a barca aos balanços, o mar embravecido, os rochedos inacessiveis, a physionomia de Graziella por entre o postigo alumiada com os clarões indecisos do archote; todas essas imagens cruzavam-se, fugiam, reapareciam, confundindo-se no mundo do nosso espirito.

Os soluços e recriminações da velha mãe, que falava no interior da casa com seu marido, vieram arrancar-nos do estado de somnolencia em que jaziamos.

A abertura da chaminé, que deitava para o terraço, trazia-nos algumas palavras intelligiveis.

A pobre mulher lamentava a perda das vazilhas, das cordas, quasi novas, da ancora, e principalmente das duas bellissimas vellas fiadas por ella, que nós tinhamos tido a inaudita barbaridade de lançar ao mar para salvar as vidas.

— Que pensavas tu, dizia ella ao velho aterrado e mudo, depois de te metteres com francezes?

Não sabes que são pagãos — *pagani* — e que trazem comsigo a desgraça e a infelicidade? Os santos castiga-

ram-te. Esses estrangeiros tiraram-nos quanto possuíamos; ainda tens que lhes agradecer não nos haverem perdido a alma.

O pobre homem não sabia que responder. Graziella porém, com a prepotencia da criança a quem sua mãe consente tudo, revoltou-se contra a injustiça das suas exprobações, e tomando o partido do velho, respondeu:

— Quem lhe disse que eram pagãos? Os pagãos tem para a gente pobre um ar tão compadecido? Os pagãos fazem, como nós, o signal da cruz diante da imagem dos santos? Pois olhe, eu digo-lhe que hontem, quando a avó se poz de joelhos e eu fui collocar o ramo diante da imagem da Senhora, vi-os baixar a cabeça como se resassem, fazendo o signal da cruz, e até dos olhos do mais moço cahiu uma lagrima.

— Era uma gota da agua do mar, que lhe escorreu dos cabellos, disse a velha agastada.

— Pois eu digo-lhe que era uma lagrima, respondeu Graziella em tom colerico. O vento que corria tinha bem tempo de lhe enxugar os cabellos desde a praia até cá acima; mas o vento não secca o coração. Digo e redigo que tinham lagrimas nos olhos.

Vimos que possuíamos em casa uma poderosa protectora, porque a avó não proferiu mais palavra.

XII

Apressámo-nos em descer, para irmos dar á pobre familia os nossos agradecimentos pela sua hospitalidade.

Achámos o pescador, a mulher, Beppo, Graziella e os pequenos dispondose a descer para ver se a barca abandonada na vespera estava bem amarrada e poderia resistir ao tempo que soprava ainda bravo.

Descemos com elles, confusos, como hospedes que foram causa, posto involuntaria, d'uma desgraça.

O pescador e a mulher iam adiante; em seguida Graziella com um dos irmãosinhos pela mão e com o outro ao collo.

Nós atraz de todos e silenciosos.

Na ultima volta de uma rampa, de onde descobriam os cachópos, invisiveis do ponto em que estavamos, sentimos

partir a um tempo um grito de angustia da bôca do pescador e da mulher. Em seguida ergueram ao ceu os braços nus, torceram as mãos, como nas convulsões do desespero, bateram na testa com os punhos cerrados e arrancaram depois mãos cheias de cabellos, que o vento atirava revolteando para cima dos rochedos.

Graziella e os pequenos confundiram em breve a voz e os gritos com as dolorosas exclamações que soltavam os dois velhos. Todos se precipitaram, como desvairados, para os rochedos, e transpondo os ultimos degraus da rampa, avançaram até á orla de espuma que as vagas immensas arrojavam pela terra dentro, uns cahindo em joelhos, outros para traz ; a velha com o rosto nas mãos e prostrada sobre a arêa humida.

Contemplavamos aquella scena de desespero, sem coragem de avançar nem de recuar. A barca amarrada ao rochedo, mas sem ancora na poupa que podesse contel-a, tinha-se sublevado durante a noite, fazendo-se em pedaços de encontro aos cachópos, que deviam protegel-a. A metade do pobre esquite estava presa ainda pela corda á rocha onde o tinhamos amarrado na vespera.

Debatia-se com ruido sinistro, semelhante á voz dos nau-rado.

fragos, que se extingue n'um gemido rouco e desespe-

As outras partes do casco, a pôpa, o mastro, as pranchas pintadas andavam semeadas aqui e além sobre a praia, semelhantes aos membros de cadaveres despedaçados depois de uma lucta de lobos.

Quando chegaram abaixo, o velho pescador corria d'uns d'aquelles destroços para outros. Levantava-os, mirava-os, com os olhos seccos, depois deixava-os cahir aos pés, e corria para mais longe.

Graziella chorava, sentada em terra, com a cabeça escondida no avental.

Os pequenos mettidos n'agua corriam e gritavam atraz das taboas, forcejando pol-as conduzir para a praia.

A velha clamava soluçando :

— O' mar feroz ! mar implacavel ; mar peor que os demonios do inferno ! — mar sem coração e sem honra ! bradava ella, arremettendo de punhos fechados para as ondas ; porque não nos enguliste a todos, já que nos tiraste o pão !

Aqui tens, aqui tens ! leva-me tambem aos pedaços.

E dizendo isto levantava-se rasgando os vestidos, arancando os cabellos e arrojando-os ao mar.

Depois, passando alternativamente da colera ao pranto, e do desespero ao enternecimento, tornava a sentar-se, firmava o rosto nas mãos e olhando, lavada em lagrimas, para as pranchas descosidas que batiam sobre os cachópos dizia como se fosse aos membros de um ser adorado :

— Pobre barca! foi este o pago que te demos? Deviamos perecer junctos como junctos vivemos! Eis-te ahí despedaçada; reduzida a pó, em cima do rochedo, onde em vão chamaste por nós durante toda a noite. Tão bem nos serviste e tão mal te pagámos! Perdida, aqui, tão perto de casa, ao alcance da nossa voz! arrojada á costa como o cadaver de um cão que a vaga arremessa aos pés do dono ingrato que o afogou!

As lagrimas embargavam-lhe a voz; depois ella recommençava a enumerar todas as qualidades da sua barca, o dinheiro que lhes havia custado e as saudosas memorias que estavam presas áquelles fluctuantes fragmentos.

— E era para isto que te calafetámos e pintámos depois da ultima pesca do atum. Era para isto que o meu pobre filho antes de morrer, e de me deixar os seus tres pequenos sem pae nem mãe, te construiu com tanto amor, quasi toda com as suas proprias mãos. Quando eu vinha buscar os cabazes de peixe, vendo as móssas que a sua enxó deixara nos madeiros, beijava-as em memoria d'elle! São os tubarões do mar que hão de beijal-as agora! Durante as noites de inverno, elle proprio esculpiu, com a sua faca, a imagem de S. Francisco, e pol-a na prôa para a proteger das tempestades.

Oh! santo implacavel! que affecto nos mostraste. Que fizeste de meu filho, de sua mulher e da barca, que elle nos deixou para com ella ganharmos a vida dos nossos pobres netos?

Como te protegeste a ti proprio? Onde está a tua imagem? Para ahí aos baldões sobre as ondas!

— Minha mãe! exclamou um dos pequenos apanhando um fragmento do barco que a vaga atirou para entre dois rochedos que ficavam em secco, aqui está o Santo.

A pobre mulher, passando-lhe a colera, correu para o pequeno, metteu-se n'agua, pegou no pedaço de madeira e colando-o aos labios cobriu-o de lagrimas.

Depois tornou a sentar-se e não pronunciou mais palavra.

XIII

Nós ajudámos Beppo e o velho a recolher um a um todos os fragmentos da barca. Depois tornámos a subir para casa, tristes e distanciados dos nossos hospedeiros.

A falta de barco e o tempo não nos permittia partir. Em seguida a comer, com os olhos baixos e sem proferir palavra, um bocado de pão e leite de cabra que nos trouxe Graziella para junto da fonte, debaixo da figueira, deixámos a casa entregue ao seu lucto e fomos passeiar por entre as latadas de vinha e debaixo das oliveiras, que ficavam na chapada do alto da ilha.

XIV

O meu amigo e eu quasi que não falavamos, mas tínhamos os mesmos pensamentos e tomámos instinctivamente pelos atalhos que iam dar á ponta oriental da ilha e que deviam conduzir-nos á proxima villa de Procida.

Alguns cabreiros e raparigas, em traço grego, que encontramos, trazendo bilhas de azeite á cabeça, indicaram-nos o direito caminho.

Chegámos enfim á villa ao cabo de uma hora de marcha.

— Foi uma triste aventura, disse por fim o meu amigo.

— É preciso convertel-a em alegria para aquella boa gente, respondi-lhe eu.

— Pensava n'isso, replicou elle, fazendo resoar no cinto uma porção de sequins de ouro.

— E eu tambem; mas não tenho senão cinco ou seis sequins na bolsa. Todavia, como tive parte no damno, é bem que o tome no remedio.

— Eu sou o mais rico dos dois, disse o meu amigo, tenho um credito n'um banqueiro de Napoles. Levanta-se o que lá houver. Ajustaremos contas em França.

XV

Dizendo isto, descíamos as ruas inclinadas de Procida. Chegámos em breve à *marina*. Dá-se este nome á praia próxima da barra, ou do porto no archipelago e sobre as costas da Italia.

A praia estava coberta de barcos de Ischia, de Procida e de Napoles, forçados pela tempestade da vespera a procurarem abrigo nas suas aguas.

Os marítimos e os pescadores dormiam ao sol e ao ruído decrescente das vagas ou conversavam em grupos sentados no molhe.

Pelo nosso vestuário imaginaram que eramos marítimos de Toscana ou de Genova, de algum brigue carregado de azeite ou de vinho, que, procedente de Ischia, houvesse fundeado em Procida.

Percorremos a *marina* procurando com a vista uma barca valente e bem equipada, cujas fôrmas se approximassem o mais possível d'aquella que se havia perdido.

Não nos foi difficil achal-a.

Pertencia a um rico pescador da ilha, que possuia muitas outras. A barca tinha poucos mezes de serviço; podia dizer-se que estava nova.

Fomos procurar o dono, cuja morada nos indicaram os rapazes do porto.

O proprietario da barca era um homem alegre, sensível e bom.

Compungiu-se ouvindo a narração do desastre que na noite antecedente tinha reduzido á miseria o seu compatriota de Procida.

Nem por isso abateu uma piastra no preço da sua embarcação, mas também não pediu por ella senão o que era justo.

O negocio concluiu-se por trinta e dois sequins de oiro, que o meu amigo lhe pagou em contado.

Mediante esta somma, o barco e o apparelho todo novo, vellas, cordas, ancora, etc., etc., passou a ser nosso.

Além d'isto, fomos a uma loja do porto e comprámos dois gabões de lã parda, um para o velho, outro para o ra-

paz, algumas redes de diversas qualidades, cabazes para o peixe, e varios utensilios para uso das mulheres no lavor caseiro.

Ajustámos com o vendedor da barca dar-lhe mais tres sequins, se elle nol-a mandasse pôr n'aquelle mesmo dia no ponto da costa que nós lhe designassemos. Elle comprometeu-se a fazel-o e nós partimos por terra para casa de Andréa.

XVI

Proseguimos lentamente, descansando á sombra das arvores, dos parreirae, falando, scismando, comprando a todas as raparigas procitadas figos, nesperas, passas que ellas vendiam, deixando correr as horas.

Quando do cimo de uma eminencia descriminámos a nossa embarcação escoi regando furtivamente ao longo da costa, apressámos o passo para chegar ao mesmo tempo de que os remadores.

Nem na casa nem na vinhasita que a circumdava escutámos som de vozes ou rumor de passos.

Dois bellissimos pombos de patas emplumadas, brancos e mosqueados de negro, debicavam n'uns grãos de milho em cima dos alegretes do terraço.

Eram os unicos viventes que animavam a casa.

Subimos vagarosamente e achámos toda a familia adormecida.

Todos, excepto os pequenos, cujas lindas cabeças repousavam ao pé uma da outra nos braços de Graziella, dormiam, denunciando o fundo abatimento, que é reacção natural das exaltações da dôr.

A avó tinha a cabeça entre os joelhos e a respiração de tal modo curta e opressa que a pobre velha parecia estar ainda soluçando.

O marido deitado de costas, com os braços cruzados sobre o peito e exposto aos raios do sol.

Da altura dos olhos até aos cantos da bocca dois traços tortuosos como que lhe fendiam o rosto.

Eram o sulco que as lagrimas corrosivas haviam deixado attestando que a força do homem se fundira na dôr.

Aquelle espectáculo partiu-nos o coração. A idéa de que trazíamos a felicidade á pobre gente consolou-nos.

Acordámol-os.

Depuzemos aos pés de Graziella e dos pequenos o pão alvo, o peixe salgado, as passas, as laranjas, enfim as provisões de que nos havíamos munido em Procida e pela estrada.

A rapariga e os irmãos não ousavam levantar-se no meio d'aquella chuva de abundancia, cahindo como vinda do céu em volta d'elles. A avó olhava para tudo com olhos embaciados.

— Vamos, Andréa, disse o meu amigo ao velho, o homem não deve chorar duas vezes, aquillo que pôde reaver com o trabalho e força de vontade.

Ha taboas no bosque e linho nos agros.

Tudo cresce e se renova menos a vida do homem quando se gasta com as amarguras.

Um dia de lagrimas faz mais estragos nas forças de que um anno de trabalho.

Venha connosco, traga sua mulher e os netos.

Nós tambem somos marinheiros, ajudal-o-hemos a carregar para cima o resto do naufragio.

Fazem-se d'elles camas, mesas, moveis para a familia.

Um dia hão de achar prazer em dormir sobre as mesmas taboas que os embalaram por tantas vezes.

— Oxalá que ellas nos servissem de caixão! disse a velha com voz soturna.

XVII

Todavia ergueram-se e acompanharam-nos descendo lentamente os degraus da rampa. Via-se porém que o aspecto do mar os commovia.

Não tratarei de descrever a impressão de espanto e de jubilo d'aquella pobre gente quando, do ultimo degrau da rocha descobriram a barca, brilhando aos raios do sol, posta em secco sobre a arêa ao lado dos fragmentos da outra, e que o meu amigo lhes disse:

— É vossa!

Cahiram todos como fulminados pelo raio da mesma ale-

gria, de joelhos, agradecendo a Deus, antes que achassem palavras para nos agradecer a nós.

O seu jubilo pagava-nos de sobra o sacrificio, se houvesse sacrificio no que tinhamos feito.

Ergueram-se á voz do meu amigo, que chamava por elles. Correram para a barca.

Primeiro andaram em volta e a distancia, como receiando que ella fosse fantastica e se desvanecesse semelhante ás visões.

Depois aproximaram-se mais, tocaram n'ella, levando em seguida á frente e aos labios as mãos que a haviam tocado.

Emfim, soltaram exclamações de pasmo e de alegria, e fazendo uma cadeia com as mãos, avô, marido e pequenos dançaram todos em volta do casco.

XVIII

Beppo foi o primeiro que entrou na barca. Em pé, em cima da prôa, tirou um a um de dentro todos os utensilios : as cordas, a ancora, os potes de quatro azas, as velas novas, os cestos de junco, os capotes : tocava na ancora, levantava os remos, desdobrava as velas, esfregava entre os dedos o pello aspero dos capotes, mostrava todas aquellas riquezas ao avô, á avó, a sua irmã com os risos e gestos de felicidade.

O pescador, a mulher, Graziella choravam, olhando ora para a barca ora para nós. Os maritimos que haviam conduzido a barca tinham tambem lagrimas nos olhos.

Todos nos abençoavam.

Graziella, com a frente inclinada e manifestando com ar mais sério o seu reconhecimento, aproximou-se da avó e eu percebi que ella lhe dizia :

— Julgava que eram pagãos, e quando eu lhe respondi que mais me pareciam anjos, quem tinha razão ?

A velha deitou-se-nos aos pés pedindo-nos perdão pela má idéa que fizera de nós. Desde esse momento amou-nos tanto como á neta e a Beppo.

XIX

Despedimos os barqueiros, depois de lhes havermos pago os tres sequins do ajuste. Cada um de nós carregou com um dos objectos do apparelho da barca.

Em vez dos destroços do naufragio, trouxemos para casa todas as riquezas da pobre familia. A' noite, depois da ceia, Beppo tirou da cabeceira do leito da avó, a figura de S. Francisco, que havia sido esculpida pelo pae, pintou-a e poliu-a de novo, dispondo-se a pôl-a no dia seguinte na extremidade interior da prôa, para que na barca nova houvesse alguma cousa da antiga.

Era assim que os povos da antiguidade, quando erguiam um templo no chão onde existira outro, introduziam no novo edificio os materiaes ou uma columna ao menos do antigo, para que houvesse ahí uma sagrada memoria do passado, embora rude, no meio dos primores d'arte do santuario moderno.

O homem é em toda a parte o homem. A sua sensível natureza tem sempre os mesmos instinctos, quer se trate do Parthenon, de S. Pedro em Roma ou de uma pobre barca de pescadores sobre um escolho da ilha de Procida!

XX

Aquella noite foi talvez a mais feliz de quantas a Providencia destinou á casa do pescador. Nós adormecemos ao som das refregas de vento que sacudiam as oliveiras, das ondas que batiam a costa e á luz da lua que alumiaava o terraço.

Quando acordámos, o céu estava varrido de nuvens, de modo que parecia um cristal polido. O mar carregado e espumante.

O vento, cada vez mais impetuoso, bramava sempre.

A espuma no cabo Miseno refervia com mais força ainda do que na vespera.

Não se discriminava uma vella na bahia de Gaeta nem na de Baia.

As gaivotas roçavam com a ponta da aza alvissima o

cimo das vagas, unica ave cujo elemento é a tempestade, que solta gritos de alegria durante os naufragios, como os habitantes de certas costas malditas, que esperam com impaciencia o momento em que o navio sossobre, para cairem como abutres sobre as vidas e sobre o peculio dos desventurados viajantes.

Nós sentiamos, posto o não revelassemos, uma alegria intima em que a força do tempo nos obrigasse a ficar por mais alguns dias na casinha do barqueiro.

Com effeito o vendaval ahi nos reteve oito dias.

Nós quizeramos, eu principalmente, que uma circumstancia involuntaria e fatal nos obrigasse a ficar n'aquelle doce captivo; e todavia as horas corriam-nos bem monotonas.

Isto prova que pouco é preciso para a felicidade, quando o coração está moço e disposto a gosar de tudo.

E' assim que os alimentos mais simples nutrem e renovam a vida do corpo, quando o appetite os tempera e os órgãos são novos e sãos.

XXI

Acordar com os pios alegres das andorinhas, escutar a voz infantil de Graziella, cantando baixinho com medo de interromper o somno dos hospedes; descer á praia, mergulhar na agua e nadar n'um pequeno recife, cuja areia fina brilhava atravez da agua funda, e onde as ondas do mar picado não penetravam; subir lentamente a encosta enxugando os cabellos aos raios do sol; almoçar na vinha pão e queijo de bufalo, que a rapariga nos trazia e comia tambem comnosco; beber agua fresca e cristalina, que ella tinha ido buscar á fonte n'uma bilha de barro; ajudar a familia nos labores ruraes, eis as nossas distracções, até que a força do dia nos obrigava a procurar a sombra das parreiras e das arvores.

LIVRO SEGUNDO

I

Graziella então mettia-se em casa, para fiar ao pé da avó e para fazer o jantar.

O velho pescador e Beppo passavam o dia inteiro á beiramar arranjando a barca, experimentando as redes ao abrigo dos rochedos.

Para o jantar traziam-nos sempre algum peixe de escamas reluzentes como o chumbo que se acabou de fundir.

A avó frigia-os em azeite doce.

A familia conservava o azeite, como é de uso n'aquelle paiz, n'um pote de barro, encravado no rochedo proximo da casa tapado com uma pedra grossa e sellado por um anel de ferro.

Uma sallada, alguns mariscos semelhantes aos mexilhões e que ali chamam *frutti di mare* — fructos do mar — compunham o frugalissimo jantar.

Cachos loirejantes de uvas muscateis, pendentés da vide e guarnecidos de parras, apanhados de manhãzinha por Graziella, eram a sobremesa. Um talo ou dois de funcho, polvilhado com pimenta, servia-nos de café e de licor como é costume entre os maritimos e camponezes de Napoles.

Depois do jantar o meu amigo e eu iamós procurar um sitio ensombrado, que ficasse n'um alto de onde se avistasse o mar, e ahi passavamos as horas lendo, conversando, devaneando até o cahir da tarde.

II

Das ondas haviam-nos escapado apenas tres volumes porque estavam fóra da malla quando a deitámos ao mar. Era um pequeno volume italiano de Ugo Foscolo intitulado: *Cartas de Jacopo Ortis*, especie de Werther meio po-

litico, meio romanescos, onde o amor da liberdade do seu paiz se mistura no coração do moço italiano com a paixão que tributa a uma joven veneziana.

O duplo enthusiasmo, alimentado pelo duplo fogo do amante e do cidadão accende na alma de Ortis uma febre, cujos accessos demasiado fortes para um homem sensivel e propenso á melancholia, produzem, emfim, o suicidio.

Este livro, copia litteral, porem colorida e luminosa do Werther de Goethe, andava então nas mãos de todos os rapazes que alimentavam, como nós, na sua alma, o duplo sonho d'aquelles que são dignos de sonhar duas coisas grandiosas: o amor e a liberdade!

III

A policia de Bonaparte e Murat proscreeveram em vão o auctor e o livro. O auctor tinha por azilo o coração de todos os patriotas italianos e de todos os liberaes da Europa. O livro tinha por sanctuario o peito de todas os moços como nós: de encontro ao coração o guardavamos para nos identificar com as suas máximas.

Dos outros dois volumes que haviam escapado, um era *Paulo e Virginia*, de Bernardino de Saint-Pierre, esse manual do amor ingenuo; livro que parece uma pagina da infancia do mundo arrancada á historia do coração humano e repassada de lagrimas contagiosas para olhós de dezeses annos.

O outro era um volume de Tacito: paginas manchadas pela devassidão, pela ignominia e pelo sangue, porem onde a virtude, tomando o buril e aparentando a impassibilidade da historia, inspira, áquelles, que a comprehendem, o horror da tyrannia.

Estes tres livros, por singular acaso, correspondiam aos tres sentimentos que faziam então, por presentimento vibrar as nossas almas juvenis: o amor, o enthusiasmo pela liberdade da Itália e da França e emfim a paixão pela acção politica, para o movimento das grandes coisas de que Tacito nos apresentava a imagem e para as quaes temperava desde cedo as nossas almas no sangue do seu pincel e no fogo da sua virtude antiga.

Liamos alto, ora admirando, ora chorando, ora pensando.

Interrompíamos a leitura por longos silêncios e por algumas exclamações, que eram o commentario irreflectido das nossas impressões, commentarios que o vento levava de envolta co'a os nossos devaneios.

IV

Nós, pela imaginação collocavamo-nos nas situações reaes ou ficticias que o poeta ou o historiador nos descrevia.

Creávamos um ideal de amante ou de cidadão, da vida retirada ou da vida publica, da felicidade ou da virtude.

Compraziamos-nos em combinar as grandes circumstancias, os maravilhosos acasos do tempo das revoluções, em que os homens mais obscuros são procurados pela multidão que lhes adivinha o genio e que os chama, como que pelos seus nomes, para combater a tyrannia e salvar as nações; depois, victimas da volubilidade e da ingratição dos povos, morrem nos patibulos, martyres do presente; eleitos da posteridade que tem de vingal-os!

Não havia papel, por heroico que fosse, que não achasse as nossas almas á altura da situação. Preparavamo-nos para tudo. Se a sorte um dia não quizesse deparar-nos os grandes lances a que nos arrojavamos em pensamento, vingavamo-nos d'antemão despresando-a.

Tinhamos em nós mesmos a grande consolação das almas fortes; se a nossa vida não passasse da obscuridade, da trivialidade, era porque a bôa sorte nos faltava, não por que nós faltassemos a ella!

V

Ao declinar do sol cruzavamos a ilha em todas as direcções. Iamos á villa buscar as coisas que faltavam em casa de Andréa.

As vezes traziamos-lhe uma porção de tabaco, o opio dos maritimos, que os anima no mar e que os consola em terra.

Entravamos ao cahir da noite com as algibeiras e as mãos plenas das nossas modestas provisões.

A familia reunia-se em cima, no terraço, a que chamam em Napoles o *astrico*.

Nada mais pictoresco, nas noites d'aquelle clima, do que a scena do *astrico* á luz do luar.

No campo a casa baixa e quadrada assimelha-se a um pedestal antigo com grupos viventes e estatuas animadas. Todos os moradores da habitação vão para ahi; á claridade da lua ou aos reflexos da lanterna, projectam-se, desenhando-se, os perfis no chão azul do firmamento.

Vê-se ahi a mãe fiando, o pae fumando no seu cachimbo, os rapazes encostados ao parapeito cantando as modinhas mariúmas ou campestres, cujo accento, arrastado ou vibrante, tem o quer que seja do gemer do costado da embarcação batida das vagas, ou da voz estridente da cigarra quando canta sob os raios do sol estivo; as raparigas emfim, com os vestidos curtos, descalças, as roupinhas verdes agaloadas de seda e os cabellos longos descahidos pelas costas, envoltos n'um lenço atado sobre a nuca, cujas pontas descem para resguardarem os cabellos do pó.

Dançam frequentemente ali sós ou com as irmãs; uma péga na guitarra, outra tange o pandeiro.

Estes dois instrumentos, um terno e gracioso, outro monotonico e surdo, acordam maravilhosamente para darem as duas notas que alternam no coração do homem — a tristeza e a alegria.

No verão todas as noites nos terraços, e até nas barcas, se ouvem estes concertos aereos, de sitio em sitio, desde a beira do mar até o alto das montanhas, parecidos com o zumbir de mais um insecto que o calor faz nascer debaixo d'aquelle bello ceu.

Esse pobre insecto é o homem, que desprende a voz alguns dias diante de Deus, cantando a sua juventude e os seus amores; calando-se depois pela eternidade!

Não pude nunca ouvir aquelles cantos que vinham na aragem sem sentir o coração transbordar de alegria intima e de melancholia mais forte do que eu proprio.

VI

Eram assim no terraço da casa de Andréa as attitudes, as musicas e as vozes. Graziella tocava na guitarra; Beppo corria os dedos pelo pandeirinho que havia servido para o embalar na infancia, acompanhando sua irmã.

Posto os instrumentos fossem festivos e os gestos de alegria, a toada triste, as notas lentas abalavam profundamente as fibras do coração.

A musica, quando não é só para agradar ao ouvido, é isto : um gemido harmonioso das paixões, que sae da alma expresso pela voz.

Todas as cadencias são suspiros; todas as notas trazem o pranto de envolta com os sons.

Não se abala jamais o coração do homem sem que saiam d'elle as lagrimas, tão triste é no intimo a natureza!

VII

Quando Graziella, instada por nós, se erguia modestamente para dançar a *tarantella* ao som da padeireta, que o irmão tangia e que, transportada pelo movimento vertiginoso d'aquella dança nacional, volteava sobre si com os braços graciosamente erguidos imitando com os dedos o estalar das castanholas, então mesmo havia na toada, nas posições, no phrenesi d'aquelle delirio em acção o quer que fosse sério e triste, como se toda aquella alegria não passasse de um desvario fugaz o como se para apanhar um relampago de felicidade, a juventude e a propria belleza carecessem de se aturdir até á vertigem e embriagar-se pela agitação até á loucura!

VIII

Ordinariamente as nossas distracções com os nossos hospedes eram mais sérias. Faziamos com que elles nos fallassem da sua vida, das suas tradições, das suas memorias de familia. Cada familia tem uma historia e até um poema para quem saiba investigal-a bem. Aquella tinha tido titulos, riqueza, prestigio no passado.

O avô de Andréa era um negociante grego da ilha de Egina.

O pachá de Athenas perseguiu-o por motivos de religião.

Uma noite elle embarcou com sua mulher, suas filhas seus filhos e os seus haveres n'um dos seus navios.

Refugiára-se em Procida, onde tinha correspondentes, e cujos habitantes eram gregos como elle.

Comprára na ilha muitos bens, dos quaes restava apenas o parco torrão onde nos achavamos e o nome dos seus antepassados n'alguns tumulos do cemiterio da villa.

As filhas tinham morrido freiras professas no mosteiro de Procida.

Os filhos haviam perdido os navios com as tormentas, e com elles toda a sua riqueza.

A familia cahira em decadencia.

Haviam até trocado o seu illustre nome grego pelo nome obscuro dos pescadores da ilha.

— Quando uma casa desaba termina a gente por desarreigar a ultima pedra, dizia-nos Andréa.

De quanto o meu avô possuia debaixo do ceu não restam hoje senão dois remos, a barca, que os senhores nos deram, esta vivenda, que não chega para nos dar de comer, e a graça de Deus!

IX

A avó e a neta tambem nos perguntavam quem nós eramos, onde ficava o nosso paiz e que posição era a dos nossos? Se tinhamos pae, mãe, irmãos, irmãs, uma casa, figueiras e vinhas?

Porque haviamos abandonado isso tudo tão moços para virmos remar, ler, escrever, pensar ao sol e dormir no chão no golfo napolitano?

Debalde procuravamos persuadil-as que tinhamos feito isso para admirar o ceu e o mar, para expandir as nossas almas aos raios vividos do sol, para sentir fermentar a juventude e receber impressões, sentimentos, ideias, que depois exprimiriamos em versos como aquelles que vêm nos livros ou como os que os improvisadores de Napoles recitavam aos domingos de tarde no *Môle* ou na *Margellina*.

— Estão a gracejar comigo, dizia Graziella desatando ás gargalhadas; os senhores são lá poetas! se o fossem haviam de ter os cabellos arrepiados e os olhos espantadiços como tem aquelles a quem dão esse nome no caes da *marina*.

Poetas! e não sabem pôr as mãos na guitarra!

Então como acompanham as modas que fazem?

E dizendo isto começava em gestos de impaciencia, imaginando que não lhe queriamos declarar a verdade.

X

A's vezes percebia-se que a sombra de uma ruim suspeita lhe sobresaltava a alma, obscurecendo-lhe o olhar. Mas era rapida e nós ouviamos-lhe dizer em vóz baixa á avó :

— Nada, não é possível que estejam fugidos do seu paiz por terem feito alguma acção má. São muito moços e muito bons; não pôdem ser criminosos.

Nós divertiamo-nos então declarando-nos auctores de terriveis attentados. O contraste das nossas physionomias serenas e abertas com os crimes fantasticos que nos attribuiamos fazia com que ella e Beppo rissem a bom rir, dissipando-lhe n'um momento toda a sombra de desconfiança.

XI

Graziella perguntava-nos muitas vezes o que é que liamos nos nossos livros.

Ella suppunha que eram orações, porque nunca tinha visto livros senão na mão do padre ou dos fieis que sabiam ler.

Julgava-nos excessivamente religiosos, porque passavamos todo o dia a balbuciar palavras mysteriosas.

Admirava-se então que não nos fizessemos padres ou eremitas, no seminario de Napoles ou n'algun mosteiro das ilhas.

Para a desenganar intentámos traduzir-lhe em linguagem do seu paiz algumas passagens de Foscolo ou alguns bellissimos fragmentos do nosso Tacito.

Cuidavamos que os patrioticos suspiros do exilado italiano e as grandes tragedias da Roma imperial produzissem uma impressão forte no animo do nosso ingenuo auditorio; porque o povo tem a patria no instincto, o heroismo no sentimento e o drama no relance do olhar.

O que elle conserva no espirito são as grandes quédas e as mortes heroicas.

Vimos, porém, logo que as scenas que tinham tanto poder em nós não produziam effeito n'elles.

O sentimento da liberdade politica, esta aspiração do homem do ocio, não vae tão fundo no povo.

Os pobres pescadores não comprehendiam a causa porque Ortis se desesperava e se matava, visto que podia gozar de todas as voluptuosidades da vida, passear sem ser obrigado ao trabalho, vér o sol, amar a sua apaixonada e amar a Deus, discorrendo pelas margens ridentes do Brenta.

«Para que se affligia, diziam elles, por coisas que não chegam ao coração? Que lhes importava fôsem os Austriacos ou os Francezes que dominassem em Milão? Era um doido em se amofinar por taes bagatelas.»

E não queriam ouvir mais.

XII

Emquanto a Tacito ainda o entendiam menos. O imperio ou a republica; os homens que se matavam, uns para reinar, outros para não sobreviverem á virtude; aquelles crimes por causa do throno; os sacrificios em nome da gloria e da posteridade não os commoviam.

As tempestades da historia rebramiam muito por cima das suas cabeças; não lhes produziam impressão.

Para elles eram como os trovões fóra do alcance, ribombando no cimo da montanha: a barca e a casa estavam longe do perigo.

Tacito não é popular senão para os politicos e para os philosophos; é o Platão da historia.

A sua sensibilidade é muito fina para o paladar do vulgo.

E' necessario haver lidado nos tumultos das praças publicas ou nos mysteriosos enredos das côrtes para o comprehender.

Tirae a liberdade, a ambição e a gloria a essas scenas: que resta d'ellas? São os tres grandes actores d'aquelles dramas. Estas tres paixões não as conhece o povo, porque são paixões do espirito e elles não teem senão as do coração.

Foi-nos facil comprehendel-o pela friesa que infundiam no nosso auditorio aquelles primorosos fragmentos.

Experimentámos então, uma noite, ler-lhes *Paulo e Virginia*.

Fui eu que traduzi, lendo, porque manusiava tanto o livro que o sabia quasi de cór. Familiar com a lingua italiana, as expressões sahiam-me dos labios como se rebentassem do idioma nativo.

Tinha apenas começado a leitura e já o nosso pequeno auditorio exprimia nas physionomias attenção e interesse, indicio certo das commoções do coração.

Tinhamos achado finalmente a nota que vibra unisona na alma do homem, de todas as edades e de todas as condições, a nota sensível, a nota universal; a que encerra n'um som unico a eterna verdade da arte: a natureza, amor e Deus!

XIII

Tinha lido apenas algumas paginas, e já o velho, a neta, o pequeno, todos haviam mudado de posição.

O pescador, com o cotovelo firmado no joelho e o ouvido á escuta, esquecia-se de puxar as fumaças do cachimbo.

A avó, assentada diante de mim, apoiava a barba na concha de ambas as mãos, como as piedosas mulheres que escutam no templo a palavra de Deus.

Beppo tinha descido de cima dos alegretes, onde estava, depozera devagarinho a guitarra no chão, assentando-lhe a palma da mão em cima do braço para que as cordas não vibrassem com o vento.

Graziella, que de ordinario ficava mais distante de nós, aproximou-se insensivelmente de mim, como impellida por um poder de attracção occulto no livro.

Encostada á parede do terraço, ao pé da qual eu estava tambem recostado, chegava-se mais para mim, na attitude do gladiador ferido.

Graziella, com os bellissimos olhos muito abertos, mirava, ora para o livro, ora para os meus labios, ora para o espaço entre os labios e o livro, como se quizesse, com o olhar, descobrir o invisivel espirito que m'o interpretava.

Sentia-lhe a respiração desigual interromper-se ou pre-

cipitar-se, segundo as palpitações do drama, semelhante ao folego agitado d'aquelle que sobe uma montanha, parando de vez em quando para descansar.

Antes de chegar ao meio da historia, a pobre criança tinha esquecido a continencia um pouco agreste que costumava guardar comigo: eu sentia nas mãos o sopro da sua respiração; os aneis dos seus cabellos ondeavam pela minha testa. Duas ou tres lagrimas ardentes, correndo-lhe ao longo das faces, cahiram nas paginas, proximas dos meus dedos.

XIV

Excepto a minha voz lenta e monotona, que traduzia literalmente á familia dos pobres pescadores aquelle poema do coração, não se ouvia outro ruido senão o que produzia o mar batendo sobre os rochedos da costa. Aquelle mesmo som estava em harmonia com a nossa leitura.

Era como o desenlace presentido da historia rumorejando de antemão no principio e durante a curso da narrativa.

O interesse augmentava cada vez mais entre o nosso auditorio.

Quando eu hesitava, por acaso, em achar a expressão propria para traduzir a phrase franceza, Graziella, que, havia muito, abrigava com a ponta do avental a luz do vento, aproximava-a tanto das paginas, que estava quasi a queimar o livro na sua impaciencia, como imaginando que a luz trazia mais rapidamente o senso intellectual aos meus olhos e as palavras aos meus labios.

Eu arredava, sorrindo, a lampada com a mão, sem desviar os olhos da pagina, e sentia nos meus dedos as suas lagrimas ainda quentes.

XV

Quando cheguei ao momento em que Virginia, chamada a França por sua tia, sente, por assim dizer, partir-se em dois o seu ser, e forceja por consolar Paulo, falando-lhe da volta, apontando-lhe para o mar que em breve a tem de

levar, fechei o livro, suspendendo a leitura até o dia seguinte.

Foi um repelão violento para o coração d'aquella pobre gente.

Graziella pôz-se de joelhos diante de mim, depois diante do meu amigo, supplicando-nos que terminassemos a historia. Foi debalde.

Quizemos prolongar o interesse d'aquella leitura para ella, e o encanto para nós.

Graziella abriu o livro como se podesse, á força de vontade, comprehender os caracteres.

Falou-lhe, beijou-o ; pôl-o respeitosamente sobre os joelhos, unindo as mãos e mirando-me supplicante.

A sua physionomia, tão serena e tão risonha ordinariamente, porém um pouco austera, tinha de improviso tomado, no enternecimento e sympathia d'aquella narrativa, o quer que fôsse da animação, do movimento e do pathetico do drama.

Dir-se-hia que uma revolução subita havia mudado aquelle bello troço de marmore em carne e em lagrimas.

A rapariga sentia a sua alma, até ali adormecida, revelar-se a si propria, na alma de Virginia.

Parecia que seis annos lhe haviam corrido n'aquella meia hora. Como que as tintas proprias para exprimir as paixões tempestuosas lhe haviam tocado a fronte, o alvo azulado dos olhos, as faces e os labios graciosos.

Similhante a um lago sereno e abrigado, onde o sol, o vento, as sombras, cahissem luctando de repente e pela primeira vez !

Não nos cansavamos de admirar-a n'aquella posição; ella que até ali apenas nos inspirava jovialidade, quasi que nos infundia respeito depois d'essa hora.

Foi, porém, debalde que nos pediu a continuação; não quizemos gastar de uma vez só os nossos recursos; aquellas bellissimas lagrimas agradavam-nos tanto, que não ou-sámos estagnar n'um dia a fonte de onde provinham.

Retirou-se com gestos de impaciencia e apagando a lampada encolerizada.

XVI

No dia seguinte, quando a tornei a vêr e lhe quiz falar, desviou-se, no gesto de pessoa que esconde as lagrimas, e não me respondeu.

Via-se nas palpebras pisadas, na pallidez embaciada das faces e n'uma leve e graciosa depressão dos cantos da bôca, que não tinha dormido, e que o seu coração transbordava ainda com as imaginarias tristezas da vespera.

Maravilhoso poder é o de um livro, que actua na alma de uma rapariga insciente e de uma familia ignorante com todo o poder da realidade, e cuja leitura é um acontecimento notavel na vida do coração.

E' que assim como eu traduzia o poema, o poema tinha traduzido a natureza.

Aquelles acontecimentos tão simples, o berço de duas crianças aos pés de duas pobres mães, os seus innocentes amores, a separação cruel, a volta a que a morte obstou, o naufragio e aquelles dois tumulos, encerrando um só coração, escondidos á sombra das bananeiras, são coisas que todos sentimos, todos comprehendem, desde o palacio até á cabana do pescador.

Os poetas procuram o genio em remotas paragens, e elle está bem perto, está no coração !

Algumas notas simples, vibradas com ternura e como ao acaso n'esse instrumento fabricado pela mão de Deus bastam para arrancar lagrimas a um seculo, para se tornarem tão populares como o amor e tão sympathicas como o sentimento.

O sublime fatiga, o bello engana, só o pathetico é infalivel na arte.

O que sabe enternecer descobre o grande segredo.

Ha mais genio n'uma lagrima do que em todos os museus e todas as bibliothecas do mundo.

O homem é como a arvore quando a sacerdem para lhe apanharem os fructos : jámais o abalam sem que as lagrimas caiam tambem.

XVII

Em todo o dia a casa esteve triste, como se algum doloroso successo se houvesse dado no seio da pobre familia.

Durante o jantar quasi que não falaram.

Separaram-se e reviram-se sem um sorriso.

Graziella percebia-se que andava alheia ao que fazia. Olhava repetidas vezes para o curso do sol e via-se que esperava a noite com impaciencia.

Quando ella chegou, cada um tomou o seu lugar do costume no *astrico*.

Abri o livro, e acabei a leitura no meio de soluços.

O avô, a avó, os pequenos, o meu amigo, eu proprio, todos participavamos da impressão geral.

O som melancholico e pausado da minha voz, casava-se á tristeza dos lances e á gravidade das palavras. Palavras, que no fim da narrativa pareciam vir de longe e cahir do alto na alma com o *accento cavo* de um peito vasio onde o coração já não bate e que já não participa das coisas da terra senão pela tristeza, a religião e a saudade.

XVIII

Depois da narração foi-nos impossivel pronunciar uma palavra.

Graziella ficou immovel, na attitude em que estivera escutando e como se continuasse a escutar ainda.

O silencio, o grande applauso das impressões duradoiras e verdadeiras, não foi interrompido por ninguem. Cada um respeitava nos outros os sentimentos que palpitavam em si proprio.

A lampada ia-se apagando sem que dessemos por tal.

A familia ergueu-se e retirou-se furtivamente.

Nós ficámos sós e pasmados com a omnipotencia da verdade, da singelesa e do sentimento sobre todos os homens, sobre todas as edades, sobre todos os paizes.

Talvez que já outras commoções abalasses o intimo da nossa alma.

A fascinadora imagem de Graziella, transfigurada pelas

lagrimas, iniciada na dôr pelo amor, fluctuava nos nossos sonhos com a celeste criação de Virginia. Aquelles dois nomes e aquellas duas creanças confundindo-se em aparições errantes, ora nos entristeceram ora nos alegraram o somno até pela manhã.

Na noite d'aquelle dia, nas duas seguintes, foi-nos preciso repetir, a rogos de Graziella, a mesma narrativa.

Cem vezes a teriamos relido sem que ella se fartasse de ouvi-la.

E' este o character das imaginações do meio dia; scismadoras e profundas, não procuram a variedade nem na poesia nem na musica; a musica e a poesia não são, por assim dizer, mais de que o thema que serve para glosar os seus proprios sentimentos; d'elle se nutrem, como o povo, das mesmas narra'tivas e dos mesmos modilhos durante seculos.

A propria natureza — a musica e a poesia supremas — que outra coisa tem senão duas ou tres palavras, duas ou tres notas, sempre as mesmas, com as quaes entristece ou enranta os homens, desde o primeiro vagido até o suspiro ultimo ?!

XIX

Ao erguer do sol do nono dia, o vento do equinocio cahiu emfim, e dentro de poucas horas o mar tornou-se de leite.

As proprias montanhas da costa de Napoles, as aguas e o céu pareciam nadar n'um fluido mais limpido e mais azul do que nos dias da estação calmosa.

As parras amarelladas e as folhas crestadas das figueiras começavam juncando o chão. A vin lima estava feita.

Os figos passados postos nas ceiras.

A barca impaciente por entrar no mar, e o velbo pescador desejoso de partir com a sua familia para a Margelina.

Limpou-se a casa e o terraço, cobriu-se a fonte com uma grande pedra, para a reservar das folhas seccas e das aguas turvas do inverno. Tiraram o azeite da talha e vasaram-o nos potes, que os rapazes conduziram até á praia, atravessando-lhe um pau nas azas.

Embrulharam-se e ataram-se com cordas os colchões e os cobertores das camas.

Accenderam pela ultima vez a lampada diante da imagem de Nossa Senhora. Resaram a ultima prece á *Madonna*, pondo debaixo da sua protecção a casa, as figueiras, as vinhas, que iam deixar por muitos mezes.

Depois fecharam a porta, esconderam a chave n'uma fenda do rochedo coberto de heras, para que se o pescador voltasse durante o inverno soubesse onde estava e podesse visitar a sua casa.

Descemos em seguida para o mar ajudando a pobre familia a transportar a modesta bagagem.

LIVRO TERCEIRO

I

A nossa volta a Napoles foi uma grande festa para Graziella, para os pequenos, para nós, e um triumpho para Andréa.

Entrámos na Margellina ao cahir da noite e cantando.

Os velhos amigos e visinhos do pescador não se fartavam de admirar a barca nova. Ajudaram-n'o a pol-a em secco.

Como tinhamos prohibido a Andréa que dissesse quem lh'a havia dado, os pescadores não repararam em nós.

Depois da embarcação estar sobre a praia e de levarem a bagagem para a casita da Margellina, retirámo-nos furtivamente.

Transpozemos, não sem um aperto de coração as ruas tumultuosas de Napoles e entrámos na nossa hospedaria.

II

Tinhamos *tencionado*, depois de descansar alguns dias em Napoles, *proseguir*, sempre que o tempo o permittisse, na mesma vida com o pescador.

Por tal modo nos havíamos acostumado á simplicidade d'aquella existencia, á nudez da barca durante tres mezes, que o leito, os moveis, o traje da cidade nos parecia um luxo esusado.

Esperavamos não o vestir senão por pouco tempo ; mas no dia seguinte, indo ao correio procurar cartas atrasadas, o meu amigo achou uma de sua mãe, em que lhe dizia que voltasse a França para assistir ao casamento de sua irmã.

O cunhado resolvera vir-lhe ao encontro até Roma.

Pelas datas calculava-se que já devia ter chegado.

Era impossivel a demora ; e forçoso partir.

Eu devêra acompanhal-o ; mas um poder que me attraia para a solidão e para as aventuras, obrigou-me a ficar.

Os dias do golpho ; a cabana do pescador, a imagem de Graziella contribuíam de certo muito ; não porém, de um modo directo para o meu espirito.

A ancia da liberdade ; o orgulho de viver independente a trezentas leguas de distancia do meu paiz ; a paixão pelo que é vago e desconhecido, essa aerea perspectiva das imaginações juvenis, eram a causa principal.

Separámo-nos com internecimento viril.

Elle prometeu-me voltar assim que pudesse. Emprestou-me cincoenta *luizes*, para encher o vacuo que seis mezes tinham deixado na minha bolsa, e partiu.

III

A despedida, a ausencia d'aquelle amigo, que era para mim o que um irmão mais velho é para um irmão quasi creança, deixaram-me n'uma solidão, n'uma tristeza que de hora a hora augmentava, e eu sentia-me como que afundar n'um abysmo.

Todas as minhas idéas, todos os meus sentimentos, todas as minhas palavras, que se evoporavam d'antes trocando-se com elle, jaziam-me na alma ; ali se corrompiam, ali se entristeciam, recahindo-me depois sobre o peito com um peso que me parecia não poder nunca mais levantar.

O movimento da cidade, que não tinha para mim nada de interessante ; a multidão onde ninguem conhecia o meu nome ; o quarto onde me não sorria um olhar de amigo ; aquella vida de hospedaria ; vendo entrar e sair sempre

gente desconhecida; sentar-me á mesa ao pé de homens constantemente novos e constantemente indifferentes; os livros que havia lido cem vezes e cujos caracteres immoveis me diziam as mesmas palavras, as mesmas frases e no mesmo lugar; tudo aquillo emfim, que em Roma, em Napoles me delectava tanto, antes das n. ssas excursões vagabundas do verão, parecia-me agora uma morte lenta. Sentia o coração afogado em malancholia.

Arrastei durante alguns dias aquella tristeza de rua em rua, de theatro em theatro sem lograr sacudil-a.

Por fim venceu-me.

Cahi doente. Não podia com o peso da cabeça e as pernas não podiam com o peso do corpo. Estava pallido e transfigurado. Fastio mortal. O silencio entristecia-me; o ruido incomodava-me. Passava os dias deitado, sem força nem vontade para me levantar.

O velho parente de minha mãe, unica pessoa que ali podia interessar-se por mim, fôra passar alguns mezes a trinta leguas de Napoles para os Abruzzos, onde queria estabelecer uma fabrica de manufacturas.

Mandei chamar um medico; veio; observou-me; tomou-me o pulso; palpou-me a cabeça e disse-me que não tinha nada.

O facto é que eu padecia de uma enfermidade para a qual a sua sciencia não tinha remedio: enfermidade d'alma e da imaginação.

O medico foi-se e não tornei mais a vel-o.

IV

Todavia, no dia seguinte, senti-me tão mal, que entrei a procurar na minha imaginação alguém a quem me socorresse no caso que a doença augm. ntasse.

A imagem da pobre familia da Margellina, no meio da qual vivia ainda em recordação, veio-me naturalmente ao espirito.

Mandei um pequeno, que me servia, a casa de Andréa, dizendo-lhe que o mais moço dos dois estrangeiros estava doente e precisava falar-lhe.

Quando o pequeno foi levar o recado, Andréa andava no

mar com Beppino ; a avó vendia peixe em Chiaja ; Graziella estava em casa com os irmãos.

Teve apenas tempo de os entregar a uma visinha, de se vestir com o fato domingueiro de procitana e de acompanhar o pequeno, que lhe ensinou o caminho, precedendo-a no subir da escada.

Senti bater devagarinho á porta do meu quarto. A porta abriu-se como se fosse impellida por mão invisivel: vi Graziella. Soltou um grito assim que encarou comigo. Deu alguns passos avançando para o meu leito; depois parou com as mãos incavilhadas e pendentes sobre o avental; a cabeça inclinada sobre o hombro esquerdo, na attitude da Piedade.

— Como está pallido, disse em voz baixa; como em tão poucos dias se transtornou assim.

E onde está o outro? proseguiu, procurando com os olhos em volta do quarto o meu companheiro.

— Partiu, estou só e ninguém me conhece em Napoles.

— Partiu? deixando-o so e doente? Não o amava. Oh! se fosse eu decerto o não fazia, e mais não sou seu irmão, e só o conheço ha poucos dias!

V

Expliquei-lhe então que tinha adoecido depois da sua partida.

— Porém como! proseguiu ella em tom de reprovação, meio terno, meio severo, não pensou que tinha outros amigos na Margellina?

Ah! bem sei, acrescentou, olhando para as mangas e para a orla do seu vestido, é por que nós somos uma pobre gente e far-lhe-íamos vergonha entrando n'esta bella casa.

E' o mesmo, proseguiu, enxugando os olhos que tivera constantemente pregados na minha physionomia desfigurada; ainda que nos despresassem, nós vinhamos.

— Pobre Graziella, respondi sorrindo, Deus me defenda do dia em que tenha vergonha d'aquelles que me estimam.

VI

Ella sentou-se á cabeceira do meu leito e conversámos. O som da sua voz, a limpidez dos seus olhos, a confiança com que estava ao pé de mim, a ingenuidade da sua physionomia, o accento da pronuncia entre-aspero e lamentoso, condição peculiar das mulheres d'aquellas ilhas, que faz lembrar, como no Oriente, o tom submisso da escrava mesmo no meio das palpitações do amor, a memoria emfim d'aquelles risonhos dias da cabana, passados ao pé d'ella; o sol de Procida, que me parecia ainda vel-o rebrilhar na sua frente, no seu corpo, em volta do meu quarto soturno; tudo isto, enquanto a mirava e ouvia, por tal modo me arrancava do estado de languidez e padecimento, que me julguei subitamente restabelecido.

Parecia-me que assim que ella partisse, poderia levantar-me e andar.

Todavia, tão bem me achava com a sua presença, que prolonguei a conversação o mais que pude, retendo-a sob mil pretextos, receiando que ao partir levasse comsigo a felicidade que me reanimava.

Serviu-me durante uma parte do dia, sem ar contrafeito, sem falsa modestia, como uma irmã presta serviços a seu irmão não pensando em que elle é homem.

Foi-me comprar laranjas. Mordia, com os bellissimos dentes a epiderme, expremendo o sumo n'um copo; tirou do pescoco uma medalhinha de prata, que trazia presa por um cordão e escondida no seio, pregou-a com um alfinete ás cortinas do meu leito e assegurou-me que a virtude da santa me havia de curar.

Ao declinar do dia despedira-se de mim, não sem voltar vinte vezes da porta á cabeceira da minha cama, para saber se precisava de alguma cousa e recommendar-me que me não esquecesse de resar com devoção á imagem antes de adormecer.

VII

Fosse virtude da santa imagem, e das preces que lhe fizera a joven procitana, fosse influencia benefica da suave

aparição de Graziella, fosse do agrado e distracção que me produzira a sua presença, o facto é que toda a irritação doentia do meu ser se appacou, e que assim que ella se foi adormeci de um somno reparador e profundo.

No dia seguinte, vi a cadeira onde Graziella estivera, voltada ainda para a cabeceira do meu leito, na posição em que ella a deixára e como se viesse sentar-se outra vez ali; a benta medalhinha pendente das cortinas da cama pelo cordão de seda preta; todos os vestigios da presença e dos cuidados feminis, que havia tanto me faltavam; e meio acordado ainda, afigurou-se-me que minha mãe ou uma das minhas irmãs haviam entrado durante a noite no meu quarto.

Foi só depois de bem acordado e de precisar um a um todos os meus pensamentos, que a figura de Graziella me appareceu tal como a tinha visto na vespera.

O céu estava puro, o descanso fortificára-me os membros abatidos, a solidão do meu quarto comprimia-me, a necessidade de ouvir uma voz amiga apertava-me tanto, que me levantei fraco e cambaleante ainda: metti-me n'um *carricolo* de aluguer e dirigi-me para o lado da *Margellina*.

VIII

Chegando á casita de Andréa, subi a escada que dava para o andar por cima da adega e sobre a qual deitavam as janellas dos quartos da familia. Achei no *astrico* Graziella, a avó, o velho pescador, Beppino e os pequenos.

Disponham-se a sahir n'aquelle mesmo instant', com o seu fato melhor, para me visitarem.

Cada um d'elles trazia n'um cesto aquillo que imaginavam mais agradável e mais salutar para o doente: este um frasco de vinho branco e doirado de Ischia, aquelle figos passados, est'outro nesperas; os pequenos laranjas: n'uma palavra: o coração de Graziella tinha-se expandido por toda a familia.

IX

Soltaram um grito de espanto ao verem-me surgir fraco e pallido, mas em pé e sorrindo diante d'elles.

Graziella, de alegria deixou rolar no chão as laranjas que tinha no avental, e batendo as mãos correu para mim.

— Bem lhe tinha eu dito, exclamou ella ; uma noite só que a imagem da Santa ficasse á cabeceira do seu leito bastava para pol-o bom.

Enganei-o ?

Quiz restituir-lhe a imagem e tirei-a do peito onde a pusera ao sahir de casa.

— Beije-a primeiro, disse ella.

Beijei-a e juntamente as pontas dos dedos de Graziella, que tinha extendido a mão para a receber.

— Dar-lh'a-hei outra vez, se tornar a adoecer, acrescentou ella, pendurando-a ao pescoço e escondendo-a no seio; servirá para nós ambos.

Sentámo-nos no terraço á restea do sol da manhã.

Os meus hospedes estavam alegres como se lhes houvesse voltado um filho ou um irmão de longa viagem.

Entre o p-vo travam-se relações intimas em muito menos tempo do que entre a aristocracia.

Os corações abrem-se sem desconfiança, estreitam-se immediatamente, porque não ha suspeição de interesse nos sentimentos.

Formam-se mais ligações de parentesco e d'alma em oito dias entre os homens da natureza do que em dez annos entre os homens da sociedade.

Aquella familia e eu eramos já como parentes. Relatámos reciprocamente o que nos havia succedido durante a curta ausencia.

A pobre familia estava em veia de felicidade. A buca parecia abençoada. A pesca jámais rendera tanto. A avó não tinha mãos a medir na venda do peixe. Beppino, apesar dos seus doze annos, valia por um barqueiro de vinte.

Graziella aprendia um officio muito superior á modesta profissão da sua familia. O ordenado, grande já para uma rapariga e que devia augmentar á proporção que se aperfeiçoasse, chegaria para sustento e vestuario dos irmãos pequenos, e para se dotar a si propria quando viessem idade e idéas de casamento.

Era *coralleira*, quer dizer, aprendia a lavar o coral.

O commercio e manufactura do coral eram, n'essa época, a principal riqueza na industria das cidades da costa da Italia. Um dos tios de Graziella, irmão de sua mãe, era contra-mestre na principal fabrica de coral de Napoles. Rico

pela sua profissão e dirigindo grande numero de artífices de ambos os sexos, que ainda assim não bastavam para dar vazão á sahida que tinha aquelle objecto de luxo por toda a Europa, pensara em sua sobrinha e poucos dias antes viera alistal-a no numero dos outros operarios. Trouxe coral, instrumentos, e deu-lhe as prim iras lições da sua arte, aliás muito simples.

Os outros artífices trabalhavam em commum na fabrica.

Na ausencia forçada da avó e do pescador, Graziella, a unica que podia tomar conta nos pequenos, exercia em casa o seu officio.

O tio, que não podia largar a fabrica senão raras vezes, mandava-lhe o filho, primo de Graziella, moço de vinte annos, prudente, arranjado, official primoroso, mas simples de espirito, enfezado e um pouco defeituoso de figura.

Todas as tardes, ao fechar da fabrica, vinha examinar os trabalhos da prima, aperfeiçoal-a no uso dos instrumentos e dar-lhe tambem as primeiras lições de leitura, de escripta e de conta.

— Esperamos, dizia-me a avó em segredo, que isto venha a dar em proveito de ambos e que o mestre passará a ser o servo da sua desposada.

Vi que a pobre velha pensava, com orgulho, na futura posição que assumiria a neta.

Graziella não imaginava semelhante coisa.

X

A ingenua rapariga levou-me pela mão até ao seu quarto para me mostrar as obras de coral que tinha já torneado e polido.

Estavam cuidadosamente dispostas n'umas caixinhas de cartão aos pés da cama.

Quiz, diante de mim, afeiçãoar um troço. Em quanto girava o torno, oppunha o tronco vermelho á serra circular, que o cortava ringindo. Arredondando depois os pedaços, pegava-lhes com a ponta dos dedos e burnia-os de encontro á mó.

A poeira rosada cobria-lhe completamente as mãos, e, voando para o rosto, tingia-lhe as faces de uma leve côr que

fazia com que os seus olhos resaissem mais resplandecentes.

Depois limpava o rosto sorrindo e sacudia dos cabellos negros o pó que recahia sobre mim.

— Não é verdade, dizia ella, que é um bello officio este para uma rapariga filha do mar, como eu ?

Devemos tudo ao mar, desde a barca de meu avô e o pão de cada dia, até estes coraes e estes brincos, com que eu talvez um dia venha a enfeitar-me depois de haver fabricado muitos para outras mais ricas e mais formosas do que eu.

A manhã correu-nos a conversar, a folgar, a trabalhar, sem que me passasse pela cabeça a idéa de partir.

Jantei com a familia. O sol, o ar livre, o contentamento de espirito, a frugalidade da mesa composta de pão, peixe frito e fructas seccas, desenvolveram-me forças e appetite.

Dêpois de jantar ajudei o pescador a tomar as malhas da rede extendida no *astrico*. Graziella, fazendo girar o torno, o ruido da roca da avó e a voz dos pequenos, brincando com as laranjas no chão da casa, eram o acompanhamento do nosso lavor.

Graziella chegava de quando em quando á janella para sacudir os cabellos ; trocávamos então um olhar, uma palavra affectuosa, um sorriso.

Sentia-me feliz até ao intimo d'alma sem saber porquê.

XI

Ao passo que declinava o dia, ia-se-me annuviando o coração. Entr stecia pensando na volta para o meu quarto de viajante. Graziella foi a primeira a perceber-o. Chegou-se á avó e murmurou-lhe algumas palavras ao ouvido.

— Para que nos deixa, disse-me a velhita, como se fallsse com um dos seus netos.

Em Procida não estavamos bem todos juntos ?

O senhor parece um passaro que ficou sem mãe e que anda girando em roda do ninho.

Venha viver comnosco, se acha sufficiente a casa.

Não ha senão tres quartos ; mas Beppo dorme na barca. O dos pequenos é bastante para Graziella, com tanto que de dia possa trabalhar n'aquelle em que o senhor dormir.

Fique e espere aqui pela volta do seu amigo, porque um rapaz tão moço e tão bom como o senhor é, sosinho nas ruas de Nápoles, até mette dó á gente.

O pescador, Beppino, os pequenos, que já morriam por mim, alegraram-se com a idéa da avó.

Instaram todos juntos para que eu acceitasse o offerecimento.

Graziella n. o dizia nada, mas esperava, com visível ansiedade, posto que dissimulada, a minha resposta ás instancias dos seus.

Batia com o pé, n'um movimento convulso e involuntario, a cada razão que eu apresentava para não ficar.

Ergui por fim os olhos para ella; vi os seus marejados de lagrimas.

Um a um quebrava com os dedos os ramos de um alecrineiro que estava n'um vaso no parapeito da janella.

Compreendi aquelle gesto melhor de que todas as palavras.

Accitei a commuidade de vida que me offertavam.

Graziella bateu as palmas e saltou de alegria, correndo para o seu quarto, sem se voltar, pegando-me na palavra e não me dando tempo ainda que quizesse retractar-me.

XII

N'um momento, Graziella e Beppino trouxeram para o quarto dos pequenos a cama, os modestos moveis, o espe-lhinho com moldura pintada, a lampada de cobre, as duas ou tres imagens da Virgem, que pendiam da parede pregadas com alfinetes; a mesa e o torno com que lapidava o coral.

Renovaram a agua do pote; espargiram-na com as mãos pelo sobrado; varreram o pó do coral; collocaram em cima do parapeito da janella os vasos de alecrim e resedá.

Não arranjariam com mais cuidado o quarto de nupcias, se Beppo trouxesse n'aquella noite a sua noiva para casa da avó.

Eu ajudava-os rindo com elles.

Quando tudo estava preparado, sat com Beppino e o pescador, para ir buscar os poucos trastes que me faltavam.

Comprei uma cama de ferro, mesa, duas cadeiras de

vime, um brazeirito de cobre para me aquecer no inverno : a mala que mandei buscar ao meu quarto, continha o resto. Não queria perder um dia que fosse, d'aquella vida, que me punha como em familia.

Já n'essa mesma noite dormi no meu aposento.

Não acordei senão aos pios das andorinhas, que entravam no meu quarto por um vidro quebrado, e á voz de Graziella, que cantava acompanhada pelo rodar do torno.

XIII

Abri a janella que deitava para os quintalinhos dos pescadores e das lavadeiras, que ficavam encravados entre os rochedos do monte Possilipo e a praça da Margellina.

Alguns pedaços de barro, semelhantes a torrões disformes tinham rolado até os quintaes e até proximo da casa.

Figueiras grossas, que bracejavam, como esmagadas debaixo dos rochedos, circundavam-os com os troncos nodosos assombreado-os com as folhas largas e immoveis.

Ao lado das casas e dos quintaes cantavam as noras puxadas por um jumento ; a agua corria em calhas de pau, para ir regar o chão tratado de horta.

As mulheres penduravam a roupa em cordas presas nos ramos dos limoeiros ; os pequenos em camisa brincavam ou choravam nos terraços das casitas, que alvejavam dissiminasdas pelos quinchosos.

Aquelle panorama limitado e vulgar, dos suburbios de uma grande cidade, parecia-me ainda assim delicioso em comparação com as altas fachadas, as ruas sombrias, a multidão ruidosa do bairro que eu acabava de deixar.

Respirava ar puro em vez do pó, do fogo e do fumo d'aquella atmospherá humana, que durante dias me vira obrigado a respirar. Ouvia o cantar dos gallos, o sussurro das folhas, os gemidos alternados do mar, em vez do rodar das carruagens, dos gritos agudos do povo, d'aquelle trovão incessante, onde se fundem todos os sons desagradaveis e estridentes, que nas cidades rum rosas não dão um instante de tregua ao ouvido, nem de tranquillidade ao pensamento.

Não havia quem me tirasse da cama onde me deliciava

com o sol, as harmonias campestres, o voejar dos passaros, a quietação do espirito.

Na propria nudez do quarto achava prazer intimo.

N'aquella casa havia quem me votasse affeição, e não existim pinturas, tapetes, cortinas primorosas, que valham um pouco de carinho.

Todo o oiro d'este mundo não pôde conseguir um bater de coração, um raio de ternura do olhar de indifferentes.

Estes pensamentos embalavam-me suavemente no meu meio somno.

Bettino entrou muitas vezes no meu quarto a vér se me era necessaria alguma cousa.

Trouxe-me á cama pão. e uvas, que comi deitando as migalhas e a grainha ás andorinhas.

Era quasi meio dia.

Quando me levantei, as frechas do sol do outomno entravam no meu quarto.

Ajustei com o pescador e com a mulher dar-lhes uma pequena pensão todos os mezes, como aluguer do quarto e ajuda para as despezas da casa.

Era um nada, e aquella santa gente julgava que era immenso.

Via-se, que em vez de quererem ganhar comigo, se affligiam porque a pobreza e frugalidade da sua vida não lhes permittia darem-me melhor hospitalagem.

Juntaram-se dois pães áquelles que se compravam todos os dias para a familia, um pouco de peixe cosido ou frito para o jantar; sopas de leite e fructa passada para a noite, azeite para a minha lampada e brazido para os dias de inverno: eis tudo.

Alguns *grains* de cobre, moeda miuda do povo napolitano, chegavam á minha despesa.

Nunca percebi tão bem quanto a felicidade é independente do luxo, e quanto mais e melhor se compra com um ceutil do que com uma bolsa de oiro, sabendo-se procurar onde Deus o esconde.

XIV

Assim vivi durante os ultimos mezes do outono e durante o inverno.

Esta estação em Napoles é tão amena que chega a confundir-se com a primavera.

Nada perturbava a monotonia serenidade da nossa vida.

O velho e o neto já se não aventuravam a entrar pelo mar largo, em consequencia dos vendavaes subitos que são frequentes n'aquellas costas; mas pescavam dentro do golfo. Ainda assim o peixe vendido pela avó, na *marina*, dava para viverem desafogadamente.

Graziella aperfeiçoava-se na sua arte; desenvolvia-se e aprimorava-se mais com a vida a que o labor do coral a obrigava.

A fêria de todas as semanas dava-lhe para trazer os irmãos melhor arranjados, mandal-os á escóla, fazer alguns presentes á avó e comprar para si vestidos de mais preço e mais elegantes.

Não faltavam os lenços de seda de mil cores; sobretudoos de seda em listões verdes e pretos; corpete aberto aos lados, deixando ver a delicadesa da estatura, os contornos do pescoço ornado de coraes, emfim, os brincos graciosamente cinzelados.

As mulheres mais pobres das ilhas gregas tem este vestuario e estes enfeites, e nada no mundo as levaria a desfazerem-se d'elles.

Nos climas onde o sentimento do bello é mais vivo do que entre nós, onde a vida é o amor, os adornos não são um luxo aos olhos da mulher, são a sua primeira e quasi unica necessidade.

XV

Quando aos domingos ou nos dias santos Graziella, vestida d'este modo, sahia do seu quarto para o terraço, com algumas flôres de romã ou de murta entrelaçadas, nos cabellos negros; quando ouvindo o som festivo dos sinos da ermida proxima, passava e repassava por diante da minha janella, como um passaro de plumagem esplendida pavoneando-se aos raios do sol; quando arrastava languidamente os pés clausurados nos estreitos pantufos bordados a prata, e depois levantava a cabeça, meneando o pescoço com as ondulações peculiares do cysne, para fazer fluctuar o lenço de seda e os cabellos sobre as costas, se via que eu a mirava, tornava-se vermelha e como que envergo-

nhada por ser tão bella! Havia momentos em que o novo brilho da sua formosura me feria de tal modo, que julgava vel-a pela primeira vez, e a familiaridade ordinaria que tinha com ella mudava para uma especie de receio e de deslumbramento.

Ella, porém, tão pouco pensava em fascinar, e o instincto de se adornar com elegancia era tão exempto de orgulho e de provocante leviandade, que assim que voltava da missa revestia immediatamente o seu trajo ordinario.

Quando as amigas ou o primo não vinham busca-la era eu quem a acompanhava á igreja.

A' sahida tinha uma certa utania, como se ella fosse minha irmã ou minha desposada, em ouvir as palavras de admiração que a sua graciosa figura produzia entre as raparigas e os moços maritimos do caes da Margellina.

Ella, porém, não ouvia nada, e não me vendo senão a mim no meio da multidão, sorria-se do alto do primeiro degrau, fazendo pela ultima vez o signal da cruz, com os dedos molhados na agua benta, e descendo modestamente as escadas, no fim das quaes eu a esperava.

Era assim que nos dias santos a levava de manhã á egreja, unico divertimento que conhecia e de que gostava. Eu tinha o cuidado n'esse dia de me arranjar com o fato dos maritimos da ilha, para que a minha presença não produzisse pasmos em ninguem, e me julgassem irmão ou parente da rapariga que acompanhava.

Nos outros dias ella não sahia.

Eu recahira nos habitos da minha vida estudiosa e solitaria, solidão e estudo que eram apenas interrompidos pela doce amizade de Graziella e pelo meu apego á sua familia. Lia os historiadores e os poetas de todas as linguas. Escrevia algumas vezes; procurava, ora em francez, ora em italiano, expandir em prosa ou em verso os primeiros fervores da alma, que pesam sobre o coração até que a palavra os desatogue exprimindo-os. Parece que a palavra é a unica predestinação do homem, e que ella foi criada para produzir pensamentos como a arvore para produzir fructos.

A sua palavra escripta é como o espelho de que elle carece para se reconhecer a si proprio.

Emquanto se não revê nas suas obras não sente completamente a vida.

O espirito tem a sua puberdade como o corpo.

Eu estava na idade em que a alma carece de se nutrir e de se multiplicar pela palavra. Mas, como sempre acontecia, o instincto produzia-se em mim antes da força. Assim que acabava de escrever ficava descontente com a minha obra e quantas vezes o vento e as vagas do mar de Napoles me levaram de manhã fragmentos das ideias e sentimentos da noite, que voavam, sem me deixarem saudades, para longe de mim!

XVI

Graziella, ás vezes, vendo-me por longo tempo encerrado e silencioso, entrava no meu quarto para me arranjar ás minhas obstinadas leituras e occupações.

Vinha devagarinho, por detraz da minha cadeira, punhase nos bicos dos pés, olhando por cima do meu hombro, sem comprehender o que eu lia ou escrevia; depois, por um movimento subito, tirava-me o livro ou a penna da mão fugindo.

Eu corria atraz d'ella pelo terraço; chegava a zangar-me. Graziella ria-se. Eu perdoava-lhe; ella, porém, ralhava comigo, como se fosse minha mãe, dizendo-me, com ar entre sério e folgasão:

— Que tera este livro para o prender todo o dia; estas linhas negras n'este papel enrugado e velho não acabarão nunca de lhe falar? Não sabe já tantas historias para nos contar aos domingos, como aquella que tanto nos fez chorar em Procida?

E a quem escreve, todas as noites, essas immensas cartas, que no dia seguinte atira ao mar? Não vê que lhe faz mal á saude, que fica tão pallido e tão distraido depois de passar umas poucas de horas a ler e a escrever?

Pois não é melhor falar comigo, que o estou a ver, do que falar dias inteiros com essas palavras ou essas sombras, que o não vêem?

Oh! meu Deus! que não possa eu valer tanto como taes folhas de papel! Havia de conversar comsigo todo o santo dia, responder-lhe a tudo que me perguntasse; já não tinha necessidade de estragar a vista e o azeite da lampada.

Escondia-me então o livro, papel e pennas; trazia-me o gabão e o barrete de maritimo, obrigando-me a sahir.

Eu condescendia, resmungando, é verdade; mas querendo-lhe cada vez mais.

LIVRO QUARTO

I

Dava longos passeios pela cidade, margens do golfo e campo; mas estas divagações solitárias não eram tristes como as da minha primeira volta a Nápoles.

Com quanto só, sentia prazer íntimo no espectáculo da cidade, da costa e das águas; a minha solidão já me não acabrunhava; concentrava-me em mim mesmo e concentrava as forças do coração e do sentimento. Sabia que me seguiam por toda a parte olhos amigos, e que na volta me recebiam corações que palpitavam por mim.

Já não era como a ave, que solta pios lamentosos em volta do ninho extranho, segundo a expressão da velha esposa do pescador; era como a ave que se afoita a voar para grandes distancias do ramo onde se abriga, mas que sabe bem o caminho da volta.

Toda a afeição que tinha pelo meu amigo ausente recahira em Graziella.

Este sentimento havia mesmo o quer que fosse mais vivo, [mais apaixonado, mais terno do que tinha o que me prendia a elle.

Parecia-me que devia um ao habito e ás circumstancias, mas que o outro nascera de mim e fôra conquistado pela minha propria escolha.

Não era amor. Eu não sentia nem os sobresaltos, nem os zêlos, nem a apaixonada preocupação do amor; era um suavissimo repouso do coração, em vez da febre da alma e dos sentidos. Não pensava em amar de outro modo, nem em ser amado com mais extremo. Não sabia se ella era um companheiro, um amigo, uma irmã ou outra coisa para mim; sabia que era feliz com ella e ella feliz comigo.

Não ambicionava nada mais; não estava na idade em

que o homem analysa o que sente em si, para dar-se uma vã definição da sua propria felicidade.

Bastava-me o estar tranquillô, affeiçãoado e ditoso sem saber de quê, nem por quê.

A nossa vida intima, os nossos reciprocos pensamentos estreitavam cada vez mais a innocente e suave familiaridade que existia entre nós.

II

Havia tres mezes que eu era como da familia, que habitava debaixo dos mesmos tectos, que fazia, por assim dizer, parte dos seus pensamentos. Graziella afizera-se a olhar-me como inseparavel do seu coração a ponto de talvez não perceber todo o imperio que já eu exercia sobre ella.

Não tinha comigo os receios, recatos, pudores, que se entrepõem entre um rapaz e uma rapariga, e que muitas vezes fazem com que o amor nasça d'essas mesmas precauções que se tomam para o evitar.

Ella não desconfiava, nem talvez eu proprio, de que os encantos, já desabrochados em todo o esplendor de um precoce desenvolvimento, convertessem a sua ingenua formosura n'um grande poder, na admiração de todos que a viam e n'um immenso perigo para mim.

Não se acautelava em esconder ou ostentar a sua belleza a meus olhos.

Por mim não entreaçava uma flôr a mais nos ondeados anneis dos seus cabellos. Entrava a toda a hora no meu quarto, sempre aberto, e sentava-se tão innocentemente como Beppino na cadeira ou aos pés da minha cama.

Muitas vezes, nos dias de chuva, passava horas inteiras no quarto onde ella dormia com os pequenos e trabalhava no coral. Ajudava-a tambem, conversando e brincando, e posto fôsse menos habil do que ella no seu officio, como tinha mais força, conseguia cesbatar facilmente os pedaços em bruto. D'este modo trabalhava o duplo, e por conseguinte n'um dia ganhava-se por dois.

De noite, quando as crianças e o resto da familia já estavam deitados, era eu então o mestre. Ensinava-lhe a lêr e a escrever, obrigando-a a pronunciar as letras dos meus

livros, e dirigindo-lhe a mão inexperiente na conformação dos caracteres.

Como o primo não podia vir todos os dias, era eu quem o substitua.

Fôsse porque o rapaz contrafeito e coxo não lhe inspirasse bastante atracção e respeito, apesar da doçura, paciência e timidez das suas maneiras, fôsse porque ella se distraisse durante as lições, é certo que fazia menos progressos com elle do que comigo.

A metade do tempo passava-o a brincar, a rir, a arremedar o mestre.

O pobre moço estava muito impressionado pela discipula, e era muito acanhado para se atrever a ralhar. O que elle não queria era ver-lhe as sobranceiras franzidas e a physionomia carregada.

Quasi sempre a hora da lição passava-a elle burnindo as contas de coral, desembaraçando a meada da avó ou a tomar as malhas da rede de Beppo.

Tudo achava bom, contanto que á despedida Graziella, sorrindo prazenteira, lhe dissesse : *addio*, em tom que exprimisse : Até mais vêr !

III

Quando eu era o mestre a lição tornava-se séria. Prolongava-se, ás vezes, até que ambos principiássemos a toscanear.

Via-se-lhe no inclinar da cabeça, no extender do pescoço, na immobildade attenta da physionomia, que a pobre creança fazia todos os esforços para comprehender.

Apoiava o cotovelo sobre o meu hombro, para ler no livro onde eu indicava a linha, ensinando-lhe a pronunciar a palavra.

Quando escrevia, pegava-lhe nos dedos para dirigir a penna. Se commettia um erro, reprehendia-a com ar severo ; ella calava-se e zangava-se consigo mesma.

A's vezes punha-se quasi a chorar; adoçava então a voz, animando-a para que continuasse.

Se dava bem a lição tinha a paga nos meus applausos.

Voltava-se então para mim, córando e com o esplendor da alegria na frente e nos olhos, mais satisfeita com o pra-

zer, que me dava do que por haver alcançado aquelle pequeno triumpho.

Eu recompensava-a lendo algumas paginas de *Paulo e Virginia*, leitura que preferia a todas, ou algumas bellissimas estrophes do Tasso, quando descreve a vida campestre dos pastores, entre os quaes Herminia habita ou quando canta os lamentos ou o desespero dos dois amantes.

A musica d'aquelles versos deixava-a chorosa e enteeda por muito tempo depois da leitura.

O ecco mais sonoro e prolongado da poesia é o coração da juventude, onde o amor vae despontar; ella é ahi como o presentimento de todas as paixões! Para o declinar da vida é a saudade e lucto.

Faz-nos chorar nas duas epochas extremas da existencia: na juventude, lagrimas de esperança; na velhice, lagrimas de saudade!

IV

As seductoras familiaridades d'aquellas longas e deliciosas noites, passadas á luz da lampada e ao aconchego do brazeiro, não nos provocavam pensamentos e intimidade que não fossem infantis.

Separávamo-nos tão tranquilos como nos tínhamos reunido, e um momento depois das prolongadas conversações adormeciamos debaixo dos mesmos tectos, a poucos passos um do outro, como duas crianças que tivessem brincado toda a tarde, sem pensar em nada alem dos seus pueris folguedos.

Esta tranquillidade de sentimentos, cuja origem se ignora, e que se nutrem de si proprios, duraria annos, se uma circumstancia imprevista não a mudasse subitamente, revellando-nos a origem de uma amisade que bastaria, tal como era, para nos tornar felizes.

V

Cecco, era este o nome do primo de Graziella, vinha com mais assiduidade passar as noites de inverno em casa do *marinero*.

Posto que a rapariga lhe não desse demonstração especial de *sympathia*, e que muitas vezes o primo fosse ob-

jecto dos gracejos d'ella, era tão paciente, tão humilde, tão bom moço, que a joven pescadora não podia deixar de se commover com as suas affabiidades e de lhe sorrir com ternura. Isso bastava para elle.

Era uma d'estas organisações de coração fraco, porém amante, que sentindo-se desherdado das qualidades que provocam o amor, contentam-se em amar sem recompensa e devotam-se como escravos voluntarios ao serviço, quando não seja a felicidade, da mulher a quem sujeitam a alma.

Não são as mais nobres, porem são as mais tocantes e delicadas naturezas. Lastimamol-as, mas admiramol-as

Amar para ser amado é do homem; porem amar por amar é quasi do anjo.

VI

Sob as feições mais desgraçadas que podem imaginar-se havia o quer que fosse angelico no amor do pobre Cecco. Longe, pois, de se humilhar e de ter zeos com a preferencia que tinha por mim Graziella, elle amava-me porque ella gostava de mim.

Na affeição de sua prima não pedia o primeiro lugar ou o unico, mas sim o segundo ou o ultimo.

Para lhe agradar um instante, para obter um olhar de complacencia, um gesto, uma palavra agradável, viria desencantar-me nos confins da França e trazer-me aquella que me preferia a elle.

Estou certo mesmo que me tomaria odio, se eu fosse causa da prima ter um desgosto.

O seu orgulho n'ella se resumia, como o seu amor. Póde ser tambem que, frio no intimo, reflexivo, prudente e methodico, tal como Deus e a sua enfermidade o haviam feito, calculasse instinctivamente que o meu imperio sobre o espirito da prima não seria eterno; que uma circumstancia qualquer, mas inevitavel, havia de separar-nos; que eu era forasteiro, de um paiz longinquo, de condição e haveres evidentemente incompativeis com os de uma filha de um pescador de Procida; que um dia ou outro as relações entre sua prima e mim haviam de acabar como tinham principiado; que ella ficaria então só, desamparada, amarguradissima; que o proprio abalo lhe enterneceria o coração, e que entim lh'o havia de entregar partido; mas todo, apesar de despedaçado.

Este papel de consolador e de amigo era o unico a que elle aspirava.

O pae tinha, porem, outras ideias a seu respeito.

VII

O pae, conhecendo a attracção que impellia o filho para a sobrinha, vinha de quando em quando. Encantado com a belleza, juizo e maravilhosos progressos que ella fazia na sua arie, na leitura e na escripta; pensando alem d'isso em que os defeitos phisicos de Cecco não lhe permittiam senão a convivencia intima e placida da vida de familia; resolveu casal-o com a prima.

Rico, para um operario, olhou a sua pretensão como um beneficio feito á casa do pescador.

Fosse que tivesse dado parte do seu projecto ao filho, fosse que tencionasse fazer-lhe uma surpresa, resolveu explicar-se.

VIII

Na vespera de Natal recolhi mais tarde que de ordinario, para ceiar com a familia. Percebi certa frieza e certa perturbação nas physionomias evidentemente contrafeitas de Andréa e sua mulher.

Levantando os olhos para Graziella vi-a chorosa.

A serenidade e alegria eram tão peculiares do seu rosto, que a desusada expressão de tristeza cobria-a como se fosse com um veu material. Dir-se-ha que as sombras dos seus pensamentos e do seu coração se lhe haviam difundido pelas feições.

Fiquei petrificado e mudo, sem me atrever a falar com a pobre familia, nem dirigir a palavra a Graziella, receiando a'é que o som da minha voz fizesse rebentar a tempestade que ia n'aquelle peito.

Contra o costume, ella nem sequer me olhava. Distraidamente levava á bôca o pão. mas não podia comer.

Antes do fim da ceia taciturna, sob pretexto de ir deitar os pequenos, Graziella levantou-se, e levando os irmãosinhos, fechou-se no quarto sem se despedir dos seus nem de mim.

Assim que ella desapareceu, perguntei ao pescador e

á mulher a causa da sua preocupação e da tristeza de Graziella.

Contaram-me então que n'esse dia o pae de Cecco viera ali, lhes pedira a neta para o filho; que o partido era optimo, porque o moço viria a ser rico, e Graziella, que tinha tão bom coração, levaria comsigo os pequenos para os educar; que o resto dos seus dias se apresentava desanuviado, que tinham falado com a neta, que ella não respondera por timidez e modestia proprias de uma rapariga, que o seu silencio e as lagrimas eram provenientes da commoção e imprevisto sobresalto que lhe produzira a nova repentina; mas esse estado havia de passar, como passa o insecto que poisa na flôr; e emfim que entre o pae de Cecco e elles ficara tratado que as bodas seriam depois do dia de Natal.

IX

Continuaram a falar por muito tempo ainda sem que eu percebesse o que diziam.

Não explicara jamais a mim proprio a affeição que me inspirava Graziella. Ignorava como lhe queria; não sabia se era amizade, amor, habito, intimidade, ou se todos estes sentimentos conglobados produziam a inclinação que eu tinha por ella.

A ideia, porém, de ver mudar subitamente as doces relações de vida e de coração que se haviam estabelecido entre nós; o pensamento de que iam tirar-m'a e dal-a a outro; que, de minha companheira e minha irmã, que era até ali, se me tornaria como em pessoa extranha e indifferente; que não poderia vel-a a todas as horas, sentindo a sua voz chamar-me; que não veria mais nos seus olhos, sempre erguidos para os meus, a expressão suave e acariciadora que me penetrava até ao intimo do coração, lembrando-me minha mãe e minhas irmãs; o vacuo e a noite que de subito afigurava em volta de mim, ali, no dia seguinte a seu marido a levar para casa; aquelle quarto que ella ia deixar; o meu onde jámais entraria; as egrejas a que não voltaria a leval-a nos domingos; na barca vasio o logar que ella ordinariamente occupava, e onde eu, d'ali por diante conversaria com o vento e as ondas; as graciosas imagens revestidas com todos os encantos da vida passada, que me vinham ao espirito, desvanecendo-se

subitamente e deixando-me como no abysmo da solidão e do nada, tudo isto fez com que eu sentisse pela primeira vez o que era para mim a joven procitana e me convencesse de que, amor ou amisade, a affeição que me unia a ella era mais forte do que eu suppunha, e que o encanto d'aquella vida de Napoles se resumia n'um ente só; em esse ente se ausentando tudo desapareceria tambem com elle!

X

Entreí silencioso no meu quarto. Deitei-me vestido em cima da cama.

Quiz ler, escrever, pensar, distrair-me com algum trabalho de espirito difficil e capaz de dominar a minha agitação.

Baldado esforço. A labutação interior era tal, que não consegui combinar dois pensamentos, e o proprio abatimento das minhas forças fez com que não pudesse conciliar o somno.

Jámais a imagem de Graziella me appareceu tão formosa e tão fixa diante dos olhos; gosava com essa apparição como se gosa com a contemplação de um objecto, que vemos todos os dias, mas de que só apreciamos o completo valor no momento de perdê-lo.

A sua propria belleza não fora nada para mim até áquella hora; confundia a impressão que me produzia com o effeito da amisade que sentia por ella, e com a que a sua physionomia manifestava por mim.

Ignorava que houvesse tanta admiração no meu affecto; não suspeitava a menor paixão n'aquella ternura.

Não pude explicar a mim proprio o que sentia, nas longas circumvoluções da minha alma durante a insomnia d'aquella noite.

Tudo era vago na minha dôr como nas minhas sensações. Estava como o homem aturdido por uma pancada subita, que não pôde bem distinguir o ponto onde está ferido, mas sente que tudo lhe doe.

Levantei-me da cama antes que dêsse pelo mais leve rumor na habitação. Não sei que instincto me levava a afastar-me d'aquella casa por algum tempo, como se a minha presença fosse perturbar em tal momento o sanctuario d'aquella família, cuja sorte se agitava diante de um estrangeiro.

Sahi prevenindo Beppo que não voltaria senão passados alguns dias.

Deixei-me ir por onde me levavam os primeiros passos. Segui pelos compridos caes de Napoles, e pela costa de Resina, de Portici e faldas do Vesúvio.

Tomei um guia na Torre del Grecco : dormi em cima de uma pedra no eremiterio de *San Salvatore*, no termo da natureza habitavel e onde começa a região do fogo.

Como o vulcão havia dias que estava em ebullição, lançava em cada golfada nuvens de cinza e pedras, que sentiamos rolar até o algar de lava que fica ao pé do eremite rio. O meu guia recusou-se a acompanhar-me mais adiante.

Subi só ; trepei custosamente até ás ultimas alturas pyramidaes, enterrando os pés e as mãos na cinza espessa e ardente que se desfazia debaixo do meu peso.

O vulcão rugia e troava de quando em quando, as pedras vermelhas e esbraçadas ainda choviam aqui e além, em volta de mim, apagando-se na cinza.

Nada me fez parar. Cheguei até o rebordo da cratera. Sentei-me, vendo erguer-se o sol sobre as aguas do golfo, sobre o campo e a deslumbrante cidade de Napoles.

Fiquei frio e insensivel em presença d'aquelle espectáculo, que tantos viajantes vem admirar de toda a parte do mundo.

Não procurava na immensidade da luz, das aguas, dos edificios brilhando com os raios do sol, senão um pequeno ponto branco, no meio do verde sombrio dos arvoredos, na extremidade da collina do Possilipo, onde julgava discriminar a casita de Andréa.

O homem póde embora olhar e abraçar o espaço, a natureza inteira compõe-se para elle de dois ou tres pontos sensiveis e aos quaes toda a sua alma aspira.

Tirae á vida o coração que nos ama, e o que ficará ? E' o mesmo na natureza. Apagae o sitio e a casa que os vossos pensamentos procuram e as vos.as saudades povoam e tereis um vacuo immenso onde o othar se mergulha sem encontrar nem fundo nem repouso. Quem pois deve extranhar que as scenas mais sublimes sejam contempladas com olhos diversos pelos viajantes ? Cada um traz consigo o seu ponto de vista.

Uma nuvem sobre a alma cobre e descora muito mais a terra do que uma nuvem no horisonte.

O espectáculo está no espectador.
Oh! senti-o bem então!

XI

Ohava para tudo; não via nada. Em vão desci como um insensato, agarrando-me ás arestas de lava arrefecida, até ao fundo da cratera. Em vão transpuz as tendas profundas, onde o fumo e as chammás trepadoras me suffocavam e me queimavam. Em vão contemplei as grandes chapadas de enxofre e de sal cristalisado, que se pareciam com pia-ninos de gelo colorido pelas respirações do fogo.

Fiquei impassível diante do sublime como diante do pe-rigo.

A minha alma estava além; debalde queria chamal-a. Desci ao cahir da tarde para o eremiterio. Despedi o meu guia. Voltei por entre os vinhedos de Pompea. Passei um dia inteiro a percorrer as ruas da cidade abysmada.

Aquelle tumulto aberto ha dois mil annos, deixou-me impassível como me deixara o Vezuvio. A alma de todas aquellas cinzas tem sido varrida ha tantos seculos pelo vento de Deus, que já me não falou ao coração. Calquei aos pés aquella poeira de homens nas ruas do que fôra a sua cidade, com tanta indifferença como se fossem mon-tões de cascas de mariscos vasiós, que o mar arrojasse para a margem.

O tempo é um grande mar que transborda como o ou-tro mar, com os nossos destroços.

Não podemos chorar sobre todas as coisas.

A cada homem pertencem as suas dôres; a cada seculo a sua piedade. Já é bastante!

Deixando Pompéa, entranhei-me nas gargantas arborisa-das das montannas de Casteilamaro e de Sorrento. Passei ali alguns dias discorrendo de aldéa em aldéa, acompa-nhado pelos pastores que me indicavam os sitios mais no-taveis das suas montanhas.

Tomavam-me por um pintor que estudava os pontos de vista, porque eu escrevia de quando em quando algumas notas n'um livrinho de desenho, que o meu amigo me ha-via deixado.

Não era um pintor, mas uma alma errante, que divagava aqui e além, para matar as horas.

Faltava-me tudo ; até eu me faltava a mim proprio.

Não me pude colter por mais tempo.

Quando as festas do Natal passaram e os primeiros dias do anno tambem, dias que os homens festejam, como para seduzir com alegrias e festoes enflorados o tempo, como se faz a um hospede severo que procuramos captivar, apressei-me em voltar a Napoies. Entrei ali de noite e hesitando entre o desejo de vér Graziella e o terror de saber que não devia mais tornar a vê-la.

Parei vinte vezes, sentando-me no rebordo das barcas ao approximar-me da Margelina. Encontrei Beppo a poucos passos da casa. Deu um grito de alegria ao vér-me e saltou-me ao pescoço como se fosse meu irmão. Levou-me para a barca e contou-me o que se havia passado durante a minha ausencia.

Tudo estava completamente mudado na casa. Graziella não fazia senao chorar durante a minha partida. Ao jantar não vinha á mesa. Já não trabalhava no coral.

Passava todos os dias lechada no seu quarto sem responder quando a chamavam, e as noites passeando no terraço.

A visinhança dizia que ella tinha enlouquecido ou que havia cahido *enamorada*.

Elle, porém, tinha a certeza que não era verdade aquillo.

Todo o mal provinha, dizia o pequeno, de a quererem casar com Cecco e d'ella não querer.

Beppino vira e ouvira tudo.

O pae de Cecco vinha todos os dias pedir uma resposta ao avô e á avó. Estes affligiam constantemente Graziella, instando-a para que desse o seu consentimento. Ella nem queria ouvir falar em semelhante coisa.

Dizia que antes fugiria para Genova. Para o povo catholico de Napoies, esta expressão equivale a dizer : *Antes me faria renegado*.

É uma ameaça peor do que a do suicidio ; é o eterno suicidio da alma.

Andréa e a mulher, que adoravam Graziella, desesperavam-se com aquella obstinação e com a perda das esperanças no futuro. Conjuravam-na em nome dos seus cabelos brancos ; falavam-lhe da sua veihice, da sua miseria, do porvir dos dois pequenos.

Então graziella enternecia-se. Recebia um pouco melhor o pobre Cecco, que vinha de quando em quando sentar-se

humildemente á porta de Graziella e brincar com os irmãosinhos.

Dizia-lhe bons dias e adeus atravez da porta; mas era raro que ella respondesse uma palavra.

Ia-se triste, porem resignado, e voltava no dia seguinte, sempre o mesmo.

— Minha irmã faz muito mal, affirmava Beppino, Cecco gosta tanto d'ella e é tão bom rapaz! Havia de ser bem feliz com elle.

Emfim esta noite deixou-se commover pelas supplicas do avô e da avó e com as lagrimas de Cecco.

Entreabriu a porta, poz-lhe no dedo o anel e prometeu que amanhã consentiria em desposar-se.

Mas quem sabe se amanhã estará no mesmo proposito!

Ella que era tão meiga, e tão alegre!

Oh! meu Deus, como está mudada!

Estou certo que a não conhece!

XII

Beppino meteu-se na barca. Instruido por elle do que se havia passado, entrei na casa.

Andréa e sua mulher estavam sós no *astrico*. Encararam-me com alegria, e ralharam comigo amigavelmente pela minha dilatada ausencia.

Falaram-me dos seus desgostos e das suas esperanças com relação a Graziella.

— Se cá tivesse estado, ella que é tão amiga do senhor e a quem não sabe dizer não, decerto que nos tinha servido de muito. Ainda bem que veio. Amanhã são os esponsaes; ha de assistir a elles.

A sua presença traz-nos sempre felicidade.

Estas palavras fizeram-me correr um calafrio ao longo do corpo.

Dizia-me vóz intima que a desgraça d'elles proviria de mim.

Ardia em desejos e tremia ao mesmo tempo de tornar a ver Graziella.

Falava alto; passava e repassava por defronte da sua porta, como alguém que não quer chamar, mas que deseja ser ouvido.

Ella nem me respondeu, nem me appareceu.

Fui para o meu quarto e deitei-me. Uma certa tranquillidade que produz n'alma agitada a ausencia da duvida e a certesa seja do que fôr, até mesmo da desgraça, apode-rou-se do meu espirito. Cahi na cama como um peso inerte e morto.

Adormeci profundamente.

XIII

Por duas ou tres vezes, durante a noite, fiquei como acordado.

Era uma d'essas noites de inverno mais raras, porem mais sinistras de que n'outros logares nos climas quentes e á beira-mar.

Os relampagos brilhavam sem interrupção atravez das fendas da minha janella com o relancear de uns olhos de fogo sobre as paredes do meu quarto.

O vento uivava como uma matilha de cães famintos.

O mar pesado bramia na praia da Margellina, fazendo resoar toda a margem, como se rolassem sobre ella pedaços de rochedos. A porta do meu quarto batia com o vento. Duas ou tres vezes pareceu-me que se abria, que se fechava por si propria e que ouvia chôros abafados, gemidos humanos nos silvos e lamentos da tempestade.

Julguei mesmo sentir uma vez proferir palavras minhas e repetir o meu nome por uma vóz em retirada que implorasse soccorro!

Sentei-me na cama; não ouvi nada mais; julguei que a tempestade, a febre e as larvas da imaginação me haviam enganado.

Recahi na modorra.

Pela manhã a tempestade tinha desaparecido e surgira um dia esplendido.

Fui acordado pelos gemidos verdadeiros, e pelos gritos de desespero do pobre pescador e da mulher que se desfaziam em lagrimas no limiar do quarto de Graziella. A pobre rapariga tinha fugido durante a noite.

Havia acordado e abraçado os pequenos, fazendo-lhes signal para que se calassem.

Deixára em cima do leito o fato melhor, os brincos, os collares e o pouco dinheiro que possuia.

O pae tinha na mão um pedaço de papel, assignalado de lagrimas, que haviam achado sobre o travesseiro pregado com um alfinete.

Continha cinco ou seis linhas, que me imploravam, desvairados, que lesse.

Peguei no papel, Constava d'estas palavras, escriptas a tremer, no excesso da febre e que me custaram a decifrar:

«Prometti o que não podia cumprir... uma voz diz-me que isto é mais forte do que eu... Beijo-lhes os pés. Perdoem-me. Quero antes ser freira. Consolem Cecco e o *Senhor*... Eu pedirei a Deus por elle e pelos pequenos. Déem-lhe tudo o que for meu. Devolvam o anel a Cecco...»

Com a leitura d'estas linhas toda a familia desfechou novamente em lagrimas.

Os pequenos ainda nús, ouvindo dizer que a irmã partira para sempre, misturavam os gritos aos gemidos dos dois velhos correndo em todas as direcções da casa a chamar: Graziella!

XIV

O bilhete cahiu-me das mãos.

Indo para o agarrar, deparou-se-me junto da minha porta o ramo de romã, que no ultimo domingo admirara vendo-o entrelaçado nos cabellos d'ella, e com a devota medalha que a pobre rapariga trazia sempre consigo, a mesma que mezes antes pendurara nas cortinas do meu leito durante a minha enfermidade.

Não duvidei então de que a porta se tivesse aberto e fechado durante a noite; que as palavras e os gemidos abafados fossem o suspiroso adeus da infeliz criança.

Um espaço enxuto, fóra da porta do meu quarto, no meio dos vestigios da chuva que se viam em todo o resto do terraço, attestavam que ella havia estado ali durante a tempestade, passando a ultima hora antes da partida, chorando assentada ou ajoelhada em cima d'aquella pedra.

Apanhei a flôr de romã, a medalha e escondi-as no peito.

Os pobres pescadores no meio da sua amargura estavam commovidos por me verem chorar como elles.

Fiz quanto pude para os consolar.

Decidiu-se que se chegassem a dar com a filha nunca mais lhe falaria de Cecco.

Elle mesmo, a quem Beppo tinha ido buscar, foi o primeiro a sacrificar-se, para haver socego na casa e para que sua prima voltasse.

Apesar de afflictissimo, no fundo, via-se que se julgava feliz, por que no bilhete lóra pronunciado com affecto o seu nome, e ainda vinha amigavel aquelle *adeus*, adeus que lhe tirava tôdas as esperanças.

— Emfim, ella sempre pensou em mim, dizia o pobre moço limpando os olhos.

Decidiu-se immediatamente que nenhum de nós desancaria um momento antes de darmos com o rasto da fugitiva.

O pescador e Beppo sahiram á pressa para irem tomar informações nos innumerados mosteiros da cidade. Beppo e a avó correram a casa das jovens amigas de Graziella, a vér se alguma lóra confidente dos seus planos de fuga.

Eu incumbi-me de percorrer os portos de Napoles e as portas da cidade, para perguntar aos guardas, aos capitães de navios, aos marítimos, se algum d'elles tinha visto sahir da cidade uma joven procitana.

A manhã passou-se em vãs pesquisas.

Voltámos silenciosos a casa contando mutuamente o que havíamos feito e aconselhando-nos a respeito do mais que havíamos de fazer.

Ninguem, excepto os pequenos, teve animo de levar um bocado de pão á bôca.

Andréa e a mulher sentaram-se desanimados sobre o limiar da porta do quarto de Graziella. Beppino e Cecco voltaram a divagar sem esperança pelas egrejas que se abrem de tarde em Napoles para as litanias e para as benções.

XV

Eu sahi só, depois d'elles, tomando tristemente e ao acaso pela estrada que vae da gruta do Possilipo. Transpuz a gruta e fui até á beira do mar que banha a ilha de Nisida.

Da beira mar volveram-se-me os olhos para Procida, que via alvejar em distancia, como uma escama de tartaruga sobre o azul das vagas. O meu pensamento, naturalmente,

dilatou-se por aquella ilha e pelas memorias dos dias festivos que ahi passei com Graziella. A inspiração impellia-me para lá.

Lembre-me que a joven procitana tinha lá uma amiga, quasi da sua idade, filha de um pobre habitante das cabanas circumvisinhas; que essa rapariga trajava de forma diversa das suas companheiras.

Um dia perguntando-lhe o motivo da differença do seu vestuario, respondeu-me que era treira. posto vivesse livremente em casa dos seus, n'um estado intermedio entre o claustro e a vida de familia. Mostrou-me a igreja do seu mosteiro. Havia muitas como ella em Ischia e nas aldeias do Campo de Napoles.

Veiu-me então o pensamento de que Graziella, querendo votar-se a Deus, se fosse confiar da sua amiga e pedir-lhe que lhe abrisse as portas do seu mosteiro. Sem hesitar um momento deitei-me com alma ao caminho que vae a Pozzuoli, povoação onde mais perto de Procida se encontram barcos.

Ceguei a Pozzuoli em menos de uma hora. Corri ao porto; paguei o duplo a dois remeiros para os decidir a deitarem-me em Procida, apesar do mar picado e da noite que vinha cahindo. Deitaram o barco ao mar; eu peguei tambem em dois remos. Dobrámos a custo o cabo Miseno e duas horas depois chegámos á ilha.

Trepei só, açodado e tremulo, no meio das trevas e do vendaval, os degraus da longa rampa que ia dar á choupanita de Andréa.

XVI

«Se Graziella estiver na ilha, dizia eu comigo, terá vindo primeiro aqui, pelo instincto natural que impelle a ave para o seu ninho e a creança para casa dos paes. Se já não estiver, alguns vestigios me indicarão para onde foi. Se a não encontro a ella, nem indicios da sua passagem, está tudo perdido: as portas d'algum sepulchro vivo ter-se-hão fechado para sempre sobre a sua juventude.»

Agitado por esta duvida terrivel cheguei ao ultimo degrau. Sabia qual era a fenda do rochedo onde a avó, no momento da partida, tinha escondido a chave da casa. Des-

viei as hervas e metti a mão. Os dedos estavam-me crispados com medo de encontrar o frio do ferro que viria gelar todas as minhas esperanças...

A chave não estava lá.

Soltei um grito abafado de alegria e subi sem fazer bulha.

A porta e os postigos estavam fechados. Um tenue clarão, que sahia pelas fendas da janella fluctuando sobre os ramos da figueira, denunciava que uma lampada esclarecia o interior da casa.

Quem podia achar a chave, abrir a porta, accender a lampada, a não ser a filha da casa?

Já não duvidei que a dois passos de mim estivesse Graziella; cahi de joelhos sobre o ultimo degrau da escada, para agradecer ao anjo que me havia guiado até ali.

XVII

Da casa não sahia o mais leve som. Colei o ouvido á porta e julguei ouvir o tenue sussurro de uma respiração e como que uns gemidos no fim do segundo quarto. Abanei a porta de modo que parecesse que ella estremecia com a força do vento, para chamar a attenção de Graziella, receitando que a vibração subita de uma voz humana lhe produzisse effeito mortal.

Chamei então Graziella a meia voz e com o accento mais tranquillo e mais carinhoso que me foi possivel.

Um pequeno grito respondeu-me do fundo da casa.

Chamei de novo, implorando que abrisse a porta ao amigo, ao irmão, que vinha só, de noite e de tão longe, no meio da tempestade, guiado pelo seu anjo bom, saber onde estava, arrancar-a áquelle estado de afflicção, trazer-lhe o perdão da familia, reconduzil-a ao dever, á felicidade, á pobre avó, aos queridos irmãosinhos.

— Meu Deus! é elle! é o meu nome! é a sua voz! exclamou ella em tom abafado.

Chamei com mais paixão: «Graziellina,» empregando o affectuoso diminutivo que lhe dava algumas vezes, quando brincavamos juntos.

— Oh! é de certo elle! Não me engano, meu Deus, é elle!

Senti-a erguendo-se sobre as folhas seccas, que ringiam

a cada um dos seus movimentos, dar um passo para vir abrir-me a porta ; depois cabir pela fraqueza e commoção.

XVIII

Não hesitei ; metti hombros á porta com todo o impeto da minha impaciencia ; a fechadura cedeu sem custo, e precipitei-me dentro da casa.

A lampada, que em frente da *Madona*, Graziella accendera, difundia no interior da habitação uma fraca claridade. Corri para o segundo quarto ondê sentira a voz e o baquear do corpo no chão. Suppunha achal-a desmaiada ; não estava. Tinha recahido sem forças, sobre o feixe de fetos que lhe serviam de leito, e com as mãos erguidas olhava-me.

Os olhos animados pela febre, abertos pelo espanto e languidos pelo amor, brilhavam fixos como duas estrellas, cujos clarões parecem mirar-nos.

A cabeça, que em vão tentava erguer, descahia para traz, sobre as folhas, como se o pescoço se houvesse truncado. Estava da pallidez da agonia, excepto nas maçãs do rosto accesas por vivissimas rosetas. O vestido negro confundia-se com o escuro das folhas espalhadas no chão e sobre as quaes jazia em parte deitada. Os pés nús e da alvura do marmore, ultrapassavam o monte de fetos e assentavam sobre a pedra. Os calafrios corriam-lhe por todos os membros e os dentes batiam convulsivamente. O lenço vermelho com que envolvia os belissimos cabellos, solto, e posto como um meio veu até quasi acima dos olhos.

Via-se que se servira d'elle para esconder o rosto e as lagrimas na sombra como de uma mortalha antecipada, e que o não erguera senão no momento de me ouvir a voz, quando intentava levantar-se para abrir a porta.

XIX

Prostrei-me em joelhos ao pé d'ella ; tomei-lhe ambas as mãos entre as minhas ; levei-as aos labios para lh'as

aquecer; algumas lagrimas dos meus olhos cahiram sobre ellas.

Percebi pelo convulsivo apertar dos seus dedos, que ella sentira aquelles orvalhos do coração e que m'o agradecia.

Tirei o meu gabão de marítimo; deitei-lh'o sobre os pés, embrulhand-os nas pregas de lã.

Ella consentia em tudo, seguindo-me com os olhos na expressão de um ditoso delirio, mas sem poder ainda ajudar-se a si propria, semelhante á creança que se deixa amantihar e conduzir ao berço.

Em seguida deitei uns troncos na lareira, que ficava no quarto proximo, accendi-os para aquecer o ambiente e voltei a sentar-me junto do leito de folhas.

— Como me sinto bem, disse ella, falando baixinho, em tom suave, egual e monotonico, como se o peito houvesse perdido a um tempo toda a vibração, conservando apenas uma nota unica na voz.

E'n vão tentei escondel-o a mim mesma, em vão tentei occultal-o sempre de ti. Quizeram dar-me um noivo: tu só é que és o noivo da minh'alma! Não me entregarei a outro na terra, porque em secreto a ti me entreguei!

Tu no mundo ou Deus no céu!

Foi este o voto que fiz quando conheci que o meu coração adoecia, mas adoecia por ti!

Bem sei que não passo de uma pobre rapariga indigna de tocar, em pensamento que seja, nos teus pés. Eis por que jámais ousarei pedir o teu amor, jámais te perguntarei se me amas! Oh! porém eu amo-te, amo-te, amo-te!

E dizendo isto parecia concentrar todas as forças da sua alma n'estas tres palavras.

Agora despreza-me, ralha comigo, ri-te de mim como de uma louca que fantasia que é rainha no meio dos seus andrajos. Entregame á irrisão de todos: serei eu propria a dizer-lhes: Sim, amei-o e se estivessem no meu lugar teriam fei'o como eu, teriam morrido ou tel-o-hiam amado!

XX

Eu estava com os olhos baixos, não me atrevia a erguel-os receiando dizer muito ou muito pouco para tama-

nho extremo. Todavia, áquellas palavras, ergui a fronte colada ás suas mãos e balbuciei algumas frases.

Ella disse-me, pondo-me as mãos nos labios :

— Deixa-me desafogar ; sou feliz agora ; já não duvido. Deus apiedou-se de mim. Escuta :

Hontem, quando sahi de casa, depois de passar a noite em combates com o meu coração e a chorar á porta do teu quarto, ao chegar aquí por entre a tempestade, vim julgando não tornar a ver-te e vim como uma defuncta, que procurasse ella propria a sepultura.

Fui bater á porta de um convento, era tarde, não me abriram. Dirigi-me aquí para passar a noite, beijar as paredes da casa de meu pae antes de entrar na casa de Deus e no tumulo do meu coração. Escrevi por um pequeno a uma amiga, pedindo-lhe que viesse amanhã. Peguei na chave, accendi a lampada a Nossa Senhora, puz-me de joelhos, e fiz-lhe um voto, um derradeiro voto de esperanza até no meio do desespero ! Porque tu saberás, se um dia amares, que resta sempre um ultimo clarão no intimo da alma, quando mesmo julgamos que tudo se apagou !

— Santa protectora, disse-lhe, envia-me um signal que indique a minha vocação e me assegure que o amor me não engana, que consagro verdadeiramente a Deus uma vida, que a elle só deve pertencer.

Eis aquí a minha ultima noite passada entre os vivos. Amanhã, talvez, virão buscar-me ; porém já me não has de achar. Se fôr a amiga que avisei, a que vier primeiro, será esse o signal de que devo cumprir o meu designio, e seguil-a para o convento. Mas se fôr elle... elle que venha, guiado pelo meu anjo, dar commigo e suspender-me á borda da minha outra vida !... Oh ! então será esse o signal de que vós me não quereis, e de que devo voltar para elle e amal-o o resto dos meus dias.

Fazei com que seja elle, accrescentei eu, fazei mais este milagre, se é vontade vossa e vontade de Deus ! Para obtel-o, um dom vos faço, o unico que posso fazer, eu que não tenho nada.

Aquí estão os meus cabellos, de que elle gostava tanto, que elle tantas vezes desatava, rindo para os vér fluctuar com o vento sobre as minhas costas.

Senhora, são vossos ; vou cortal-os eu mesma, para vos provar que não quero mais d'elles, e que antecipo o corte

da tesoura, que amanhã, cortando-os, devia separar-me do mundo.

A estas palavras desviou com a mão esquerda o lenço de seda que lhe cobria a cabeça, e pegando com a outra nas longas madeixas dos seus cabellos, cahidas ao pé do leito de folhagem, mostrou-m'as, desenrolando-as.

— A *Madona* fez o milagre, proseguiu ella com voz mais forte e accento de intima alegria. Trouxe-te! Irei para onde tu quizeres que eu vá. Os meus cabellos são d'ella! A minha vida é tua!

Precipitei-me sobre as tranças, que me ficaram nas mãos como o ramo inerte arrancado da arvore. Cobri-as de beijos, apertei-as de encontro ao coração. orvalhei-as de lagrimas, como se fossem uma parte d'ella propria que eu ia sepultar no seio da terra. Depois, volvendo o rosto para Graziella, vi-lhe a encantadora cabeça despojada dos aneis ondados e negros, mas como que adornada e aformoseada pelo sacrificio, resplandecer de alegria e de amor no meio dos pedaços desiguaes, que mais pareciam despedaçados do que cortados pela tesoura.

Surgiu-me como a estatua mutilada da Juventude, á qual os proprios aggravos do tempo augmentam a graça e a belleza, reunindo no sentimento que nos inspira a ternura com a admiração. Este ultraje a si propria, este suicidio da sua belleza pelo meu amor, produziu-me tal effeito na alma que senti como um furacão subito abalar todo o meu ser e arrojá-me a seus pés com a fronte no chão.

Presenti o que era amar e tomei esse sentimento pelo amor!

XXI

Não era aquelle o completo amor; não era, ai! de mim! Enganei-me; a minha inexperiencia e ingenuidade me illudiram! Julguei adoral-a como tanta formosura, tanta dedicação, tanto amor mereciam ser adorados por um amante.

Disse-lh'o com o fervor concentrado que nos produz a solidão, a noite, o desespero, as lagrimas! Ella acreditou porque precisava crer para viver e porque na sua alma havia thesouros de affecto para socorrer a escacez de milhares de corações!

A noite correu em intimas confidencias, ingenuas e puras como dois entes que se revellam innocentemente o seu affecto, desejando que a noite, e o silencio sejam eternos, que nada extranho a elles se entreponha entre os labios e o coração.

O proprio enternecimento das nossas almas desviava toda a sombra de perigo. O manto das lagrimas estava sobre nós.

Nada existe, nada tão alheio á voluptuosidade como é o enternecimento.

Abusar de tal intimidade seria profanar duas almas!

Tinha as suas mãos entre as minhas. Começavam a reanimar-se.

Activei o lume com alguns troncos; depois voltei a sentar-me sobre a pedra do lado do feixe de mato em que ella repousava a cabeça para ouvir e reouvir as deleitosas confidencias do seu amor; como nascera a occultas, d'ella, sob o aspecto de casta e doce amisade de irmã; como se alarmara a principio, como depois se tranquillizou, qual foi o signal por que se convenceu finalmente que amava; quantas demonstrações de predilecção me deu, escondendo-as de mim; em que dia julgou que se atraçoava; em que outro cuidou que era correspondida; as horas, os gestos, os sorrisos, as meias palavras, os clarões ou as sombras involuntarias das nossas physionomias durante aquelles seis mezes.

A sua memoria guardava tudo, conservava tudo, como o arbusto das montanhas do meio-dia, a que o vento poz fogo durante o verão, conserva os vestigios do incendio em todos os pontos por onde a chamma lavrou.

XXII

Juntava a isto as mysteriosas superstições do sentimento, que tornam notaveis e apreciaveis as mais insignificantes circumstancias.

Ella erguia, por assim dizer, todos os veus da sua alma diante de mim. Revelava-se-me como a Deus em toda a nudez da sua candura, da sua infantil inexperiencia e da sua cega confiança.

A alma só uma vez na vida tem d'estes momentos, em

que se funde inteira n'outra alma, com o murmurio dos labios, que não bastam para a sua amorosa expansão, e que terminam por balbuciar sons inarticulados e confusos como os beijos do infante que adormece.

Ela ouvia, suspirava, estremezia de quando em quando.

Posso que o meu coração, muito moço e muito leviano, não estivesse assás sazonado nem bastante fecundo para produzir tão ardentes e profundas commoções, essas commoções faziam, cahindo na minh'alma, uma impressão tão nova e tão deliciosa, que, sentindo-as cuidava que partiam de mim proprio.

Erro! eu era o gelo, ella era o fogo. Reflectindo-as, julgava produzil-as.

Não importa; aquelle esplendor repercutindo de um a outro, parecia pertencer aos dois, e envolver-nos na mesma atmosphera de sentimentos.

XXIII

Assim correu aquella longa noite de inverno; noite, que para mim e para ella não durou mais do que dura o primeiro suspiro que nos diz que amamos.

Quando o dia rompeu, pareceu-nos que vinha interromper esta palavra apenas começada.

Todavia o sol estava já alto no horisonte quando os raios penetravam pelos postigos fechados, impallidecendo a luz da lampada.

No momento de abrir a porta, vi toda a familia, que subia, correndo, as escadas.

A joven religiosa de Procida, amiga de Graziella, a quem mandara recado na vespera, confiando-lhe os desígnios de entrar no mosteiro, suspeitara algum desgosto de coração e enviara um dos seus irmãos, de noite, a Napoles para prevenir a familia da presença de Graziella n'aquelle logar. Vieram pois a toda a pressa, alegres e arrependidos, para a suspender á beira do seu desespero e conduzil-a livre ao lar paterno.

A avó deitou-se de joelhos ao pé do leito, impellido com ambos os braços os dois pequenos, que trouxera consigo, e cobrindo-se com os seus corpinhos como de um escudo contra as recriminações da neta.

Os pequenos, em choro alto, arremessaram-se nos braços da irmã.

No momento de se erguer para acariciar e beijar a avó, o lenço que encobria a fronte de Graziella cahiu, deixando-lhe vêr a cabeça despojada de cabellos.

A' vista d'aquelle ultra e feito á sua beleza, cujo motivo comprehendiram bem, estremeceram.

Os soluços rebentaram de novo na casa.

A religiosa, que entrara, consolou a todos; apanhou as tranças cortadas, tocou-as na imagem da Senhora, e, embulhando-as n'um lenço de seda branca, pôl-as no avental da avó.

— Guardem-as, disse ella, para lh'as mostrarem de tempos a tempos, na alegria ou nas maguas e para lhe lembrarem, quando pertencer áquelle que ama, que as primicias do seu amor devem pertencer sempre a Deus, como as primicias da sua formosura lhe pertenceram na offerta d'esses cabellos.

XXIV

De tarde voltámos todos juntos para Napoles. O zelo que eu mostrara em salvar Graziella redobrou a afeição que o velho pescador e a mulher me tributavam. Nenhum d'elles suspeitava a natureza da minha inclinação por ella e da attracção d'ella por mim.

Attribuiam a repugnancia que oppunha ao casamento á deformidade de Cecco. Pensavam em vencer aquella repugnancia com a razão e com o tempo.

Prometteram a Graziella não a instarem mais pelo consorcio.

O proprio Cecco implorou a seu pae que não falasse mais em tal, e pediu, com olhar humilde, perdão a Graziella de lhe haver sido causa de tamanho desgosto.

A tranquillidade restabeleceu-se na casa.

XXV

Cousa alguma annuviava o rosto de Graziella, nem perturbava a minha felicidade, a não ser o pensamento de que

essa felicidade, cedo ou tarde, havia acabar com a minha volta ao meu paiz. Quando por acaso alguém proferia o nome da França, a pobre rapariga impallidecia, como se visse diante de si o phantasma da morte.

Um dia, entrando no meu quarto, achei todo o fato de cidade despedaçado e deitado no chão.

— Perdoa-me, disse Graziella, rojando-se-me aos pés e erguendo para mim o semblante demudado: fui eu que fiz esta *desgraça*.

Oh! não ralhes commigo! Mata-me tudo que me faz lembrar que um dia deixarás este trajo de marítimo!

Parece-me que has de trocar o coração que tens ho,e por outro quando vestires o fato que d'antes costumavas trazer.

Áparte estes aguaceiros, que provinham do excesso da sua paixão e que se deslaziam com algumas lagrimas, tres mezes correram assim, n'uma felicidade imaginaria, ventura que a mais leve realidade, tocando-nos, devia fulminar.

O nosso Eden estava sobre uma nuvem.

Foi assim que eu conheci o amor: por uma lagrima nos olhos de uma creança!

XXVI

Como eramos felizes juntos quando podíamos esquecer completamente que existia um outro mundo além do nosso, um outro mundo além d'aquella casita do Possilipo; aquelle terraço illuminado pelo sol, o quartito em que trabalhavamos durante a metade do dia; a barca encunada sobre o seu leito de areia na praia, e o vasto mar, cujo vento humido e sonoro nos trazia a frescura e a melodia das aguas!

Porém, ai! — Horas havia em que davamos por nós, pensando em que o mundo não terminava ali, e que havia de erguer-se um dia em que o mesmo raio de sol e de lua não viesse alumiar-nos.

Faço mal em accusar a secura do meu coração de outr'ora comparando-o com o que elle foi depois.

No intimo começava a amar Graziella mil vezes mais do que suppunha amal-a. Se não lne houvesse querido tanto, o vestigio que ella deixou na minh'alma não teria sido nem

tão profundo, nem tão doloroso, e a sua memoria não se houvera incorporado em mim tão tristemente, nem a sua imagem se representaria tão viva na minha lembrança.

Posto que o meu coração não fosse n'essa época mais do que areia, aquella flôr do mar n'elle se enraizava para mais de uma estação, como os lyrios milagrosos da praia-sinha se enraizam sobre as margens da ilha de Ischia.

XXVII

Quaes olhos tão faltos de luz, qual coração tão frio na aurora da vida haveria, que vendo-a não a amasse?

A sua physionomia parecia desenvolver-se da noite para a manhã pelo influxo do amor.

Não crescia mais, porém completava-se em todas as suas graças. Graças, hontem da creança; hoje da rapariga desabroxada.

As fórmas esbeltas transformavam-se a olhos vistos, nos contornos mais suaves e mais arredondados da ado'escencia.

A estatura anrumava-se-lhe sem todavia perder os encantos da flexibilidade.

Os bellos pés descalços já não calcavam tão ao de leve o solo de terra batida; arrastava-os a indolencia e languidez que o peso dos primeiros ensamentos amorosos parece imprimir a todos os movimentos da mulher.

Os cabellos cresciam com a seiva e pujança das plantas maritimas sob as vagas tépidas da primavera.

Entretinha-me muitas vezes em lhes medir o comprimento, enrolando-os nos dedos e deixando-os descair sobre a gola debroada do seu corpete verde.

A pelle embranquecia e córava a um tempo da mesma côr do pó do coral que todos os dias lhe tingia as pontas dos dedos.

Os olhos rasgavam-se mais de dia a dia, como para abraçar um horisonte, que subitamente surgisse diante d'elles.

Era o espanto da vida, como em Galathea quando sente a primeira palpação sob o marmore.

Tinha involuntariamente comigo recatos nas posições, no olhar, no gesto, como jámais tivera até ali. Eu, dando por elles, muitas vezes ficava mudo e tremulo diante d'ella.

Dir-se-hia, vendo-nos, que eramos dois culpados e nós não passavamos de duas creanças muito felizes.

Sem embargo, havia muito que um fundo de tristeza se escondia ou se revelava sob a nossa felicidade.

Não sabíamos bem o porquê; mas sabia-o o destino: era a consciencia do pouco tempo que nos restava para viver juntos.

XXVIII

Muitas vezes Graziella, em vez de se pôr ao trabalho alegremente depois de haver vestido e penteado os pequenos, deixava-se ficar sentada ao pé do parapeito do terraço, á sombra das largas folhas de uma figueira, que vinha debaixo até ao rebordo do muro.

Alli se conservava immovel, com o olhar desvairado durante horas e horas.

Quando a avó lhe perguntava se estava doente, respondia que não sentia nada a não ser uma grande fadiga antes mesmo de principiar no trabalho.

Não gostava de que a interrogassem n'essas occasiões; desviava o rosto, de todos, excepto de mim; porém a mim olhava-me sem proferir palavra durante largo tempo.

Algumas vezes os labios moviam-se como se falassem; mas apenas balbuciavam palavras que ninguem comprehendia.

Commoções subitas faziam-na ora impallidecer, ora corar, encrespando-lhe a face como se encrespa a superficie da agua dormente, tocada das primeiras lufadas do vento da madrugada.

Mas assim que eu me sentava ao pé d'el'a, que lhe pegava nas mãos, roçando levemente as suas longas e encurvadas pestanas com a rama da minha penna ou com as folhas miudas e recortadas de um raminho de alecrim, esquecia-se de tudo, punha-se a rir e a conversar como d'an tes.

Só depois de haver rido e brincado comigo é que recahia na tristeza.

Eu dizia-lhe algumas vezes:

— Graziella, o que miras tu além, no fim do mar, durante horas inteiras? Vês porventura alguma cousa que nós não vemos?

— Vejo a França por detraz d'aquellas montanhas, respondia-me ella.

— E que vês tu de tão bonito em França ?

— Vejo a quem se parece contigo, a quem que anda por uma ionga estrada alvacentas, que não termina nunca. Elle caminha sem se voltar, sempre e sempre em frente, e eu fico horas inteiras á espera que elle volte para traz.

Mas, ah! de mim! que não volta jámais!

Dizendo isto escondia o rosto no avental, e por mais que eu a chamasse com affectuosas palavras, não tornava a erguer a bellissima frente.

Eu voltava então triste para o meu quarto. Tratava de lér para me distrair; mas via sempre a sua imagem entre os meus olhos e o livro.

Parecia-me que as palavras impressas tomavam voz e suspiravam como os nossos corações.

Muitas vezes, vendo-me sosinho, desatava a chorar; porém envergonhava-me da minha iraqueza e occultava o pranto de Graziella.

Que mal pensava!

Uma lagrima dos meus olhos ter-lhe-hia feito tanto bem!

XXIX

Recordo-me da scena que mais a feriu no coração, e da qual nunca se restabeleceu completamente.

Havia tempos que ella travára relações de amizade com duas ou tres raparigas, pouco mais ou menos da sua idade.

Essas raparigas moravam n'uma das casinhas que ficavam nos quintaes vizinhos, e trabalhavam em engommar e compôr os vestidos de uma casa de educação de meninas francezas.

O rei Murat estabelecera aquella casa em Napoles para as filhas dos ministros e generaes.

As procitanas conversavam muita vez com Graziella, que as mirava de cima do parapeito do terraço.

Mostravam-lhe então bellissimaas rendas, córtes de seda, chapéus, sapatos, fitas, chailes, que traziam e levavam para as recolhidas no convento.

Não faltavam exclamações de espanto e de admiração de parte a parte.

Algumas vezes as costureiras vinham buscar Graziella para a levarem á missa, ou ás festas de instrumental que se celebravam na capelinha do Possilipo.

Eu sahia-lhes ao encontro ao cahir da tarde, quando os repiques dos sinos me advertiam de que o padre ia deitar a benção.

Voltavamos correndo e folgando pela beira-mar, avançando para a onda quando se retirava, e fugindo d'ella quando vinha sobre nos, alcançando-nos os pés com a orla espumante.

Oh! Deus! como Graziella era formosa, tremendo com medo de molhar os seus pantulos bordados a ouro, e correndo com os braços estendidos para mim, como para refugiar-se no meu peito da vaga zelosa, que buscava retel-a ou ao menos beijar-lhe os pés!

XXX

Eu notava, havia tempo, que ella procurava esconder-me fôsse o que fôsse dos seus pensamentos.

Tinha largas conveisações com as suas companheiras; parecia haver ali uma conspiraçãozinha a que eu não era admittido.

Uma noite, estava lendo no meu quarto, e tinha aberta a porta que deitava para o terraço.

Senti ruido; o falar baixinho das raparigas; risinhos abafados, exclamações comprimidas ora de desgosto, ora de impaciencia; depois novamente o allear das vozes, cortadas por longos suencios, tudo isto no quarto de Graziella e dos pequenos.

A principio não dei grande attenção; mas o proprio esforço que faziam para abafar as palavras e a especie de mysterio que pretendiam guardar, remordeu-me a curiosidade.

Depuz o livro, peguei na luz com a mão direita e com a esquerda abriguei-a da corrente do ar.

Atravessi pe ante pé o terraço.

Appliquei o ouvido á porta de Graziella.

Senti rumor de passos, que iam e vinham, rugir de estofos, que dobravam e desdobravam, sons dos dedaes, das agulhas, das tesouras, de mulher ajustando fitas, e aquelle

papear de vozes alegres, que por tantas vezes ouvira em casa de minha mãe quando minhas irmãs se vestiam para os bailes.

No dia seguinte não havia festa no Possilipo; Graziella jámais pensava em aformosear-se com adornos; nem sequer um espelho havia no seu quarto; mirava-se na agua ou antes revia-se nos meus olhos...

Não resistiu a minha curiosidade áquelle mysterio: empurrei a porta com o joelho: a porta cedeu e eu surti de subito no limiar com a luz na mão.

As costureiras soltaram um grito, fugindo como um bando de passaros e escondendo-se, como se fôsem apanhadas em flagrante delicto, n'um canto do quarto.

Tinham ainda nas mãos as provas.

Uma o fio, outra a tesoura, aquella as flôres, esta as fitas.

Graziella, porém, collocada no meio do quarto, sobre um banquinho de pau, e como que petrificada pela minha aparição repentina, não pudera escapar-se.

Estava vermelha como a romã.

Baixava os olhos sem se atrever a mirar-me, e podendo apenas respirar.

Tudo estava calado, na expectativa do que eu iria dizer.

Eu não dizia nada. tão absorto ficára na surpresa e na contemplação muda do que via.

Graziella despira o seu vestido de lã grossa, o corpete agalado á moda de Procida, aberto no peito, para deixar livre a respiração á mulher e a fonte da vida á criança, os pantufos bordados e de tacões de pau, onde folgavam os seus pés nus, os grandes alfinetes de maçaneta de cobre onde se enrolavam transversalmente no alto da cabeça os seus cabellos negros, como se enrola na verga a vella da barca; os brincos largos como braceletes, estavam deitados, de envolta com o resto, em cima da cama.

Em vez do pittoresco traje grego, que diz tão bem aos pobres como aos ricos, traje em que o vestido curto, o corpete aberto, o córte das mangas dão liberdade e flexibilidade ás formas da mulher, as amigas de Graziella, a seu pedido, pozeram-lhe o fato e os adornos de uma menina franceza do convento e que tinha pouco mais ou menos a sua estatura e a sua idade.

Estava com um vestido de seda, um cinto côr de rosa, um cabeção branco, um toucado com flôres artificiaes, sa-

patos de setim azul, meias de seda abertas, que deixavam vér por entre as malhas a côr da carne.

N'este trajo apparecia, e tão confusa diante de mim, como se de improviso a surprehendesse na sua nudez o olhar de um homem.

Eu proprio a mirava sem poder desprender os olhos d'ella, mas sem que um gesto, uma exclamação, um sorriso lhe podessem revelar a impressão que produzira em mim aquelle disfarce.

Uma lagrima veiu-me do coração aos olhos.

Compreendi de repente o pensamento da pobre criança.

Envergonhada com a differença de posição entre ella e mim, tinha querido vér se a analogia no vestuario aproximaria a meus olhos os nossos destinos.

Tentára aquella prova a occultas minhas, auxiliada pelas suas amigas, esperando surgir diante de mim mais bella e mais da minha condição do que suppunha sel-o sob os singelos vestidos proprios da sua ilha e da sua classe.

Como se enganára!

O meu silencio lh'o dizia.

A physionomia contrahia-se-lhe na expressão da impaciencia e do desespero; quasi que já as lagrimas me revelavam o seu occulto designio, o seu crime e a sua decepção.

Estava formosa, mas a imaginação afigurava-lhe que a meus olhos parecia mais bella ainda.

A sua belleza assimelhava-se a uma tortura.

Era como as Virgens de Corregio cravadas no poste do seu martyrio, estorcendo-se para escaparem aos olhos que lhes profanavam o pudor. Ah! que era aquelle um martyrio para Graziella; mas não era, como podiam julgal-o vendo-a, o martyrio da sua vaidade; era o martyrio do seu amor!

O fato que lhe haviam vestido da joven pensionista franceza, cortado para a estatura debil de uma creança de quatorze annos clausurada n'um convento, estava estreito para o corpo desenvolvido e fórmas esbeltas d'aquella filha do sol e do mar. O vestido estalava nos hombros, no seio, na cinta, como a casca do symoro que se despedaça nos troncos da arvore com a seiva forte da primavera.

As raparigas costureiras em vão pregaram aqui e ali o vestido e a romeira; a natureza rompia o estofa a cada movimento.

Via-se em muitos sitios, atravez dos rasgões da seda, o nú do pescoço e dos braços resahir dos apanhados.

A camisa de linho ordinario surgia pelas costuras estouradas do vestido, contrastando com a elegancia da seda. Os braços comprimidos n'uma manga estreita e curta, appareciam como a borboleta cõr de rosa rebentando a crisalida. Os pés, habituados a andarem descalços ou a folgarem em largos pantufos gregos, acalquinhavam o setim dos sapatos, que pareciam postos á maneira de sandalias.

O cabelo mal erguido e mal seguro pelo enfeite de rendas e flôres artificiaes, parecia levantar por si proprio o edificio do toucado, dando ao rosto encantador, que em vão tentaram desfigurar, a arrogancia dos atavios e a vergonhosa modestia da physionomia, uma expressão que produzia o mais delicioso contraste.

A mesma perplexidade se lhe exprimia na attitude e no rosto.

Não se atrevia a fazer um movimento, com medo de deixar cahir no chão as flôres da cabeça e de amarrotar o fato.

Não podia andar, a tal ponto o calçado lhe apertava os pes; mas o proprio embaraço dava graça aos movimentos que intentava fazer.

Vendo-a, dir-se-hia que era a Eva ingenua d'aquelle mar do sol apanhada em flagrante no primeiro pecadilho de leviandade.

XXXI

Um momento durou no quatto o silencio.

Por fim, mais contristado do que satisfeito com aquella profanação da natureza, caminhei para ella, dando aos labios certa expressão de escarneo, mirando-a com ar de leve censura e amigavel ironia, affectando reconhecê-la apenas sob aquelle apparatuso vestuario.

— Como! disse eu, és tu, Graziella! Quem no mundo reconheceria a bella procitana transformada n'essa boneca de Paris?

Vamos, prosequi com certa rudeza, não tens vergonha de desfigurar d'esse modo o que Deus fez tão bello na singularidade do seu traje habitual?

Tal... Em vão te esforças! Não serás nunca jámais senão uma rapariga das ondas tocada pelo raio do teu bellissimo céu. Resigna-te a isso e agradece a Deus.

Essas plumas de passaro de gaiola não se hão de afeiçoar á andorinha do mar.

Esta palavra varou-a até o coração.

Ella não comprehendeu quanta preferencia apaixonada, quanta adoração havia no meu espirito pela andorinha do mar.

Suppoz que eu a provocava a que se parecesse, com o que era impossivel parecer-se, com uma formosura da minha raça e do meu paiz.

Julgou que todos os esforços que fizera para se tornar mais bella por minha causa, e para illudir os meus olhos a respeito da sua humilde condição, estavam perdidos.

Desfechou de repente em choro, e sentando-se na borda do leito, com o rosto entre as mãos, pediu, em tom agastado, ás suas amigas, que viessem desembaraçal-a d'aquella odiosa vestimenta.

— Eu bem sabia, disse ella gemendo, que não passava de uma pobre procitana; porém suppoz que mudando de traço te faria menos vergonha se um dia te acompanhasse ao teu paiz.

Vejo agora bem que devo ficar onde estou e morrer onde nasci. Mas tu não devias accusar-me pelo que fiz.

A estas palavras arrancou com despeito as flôres, a touca, a romeira, e, lançando-as com gesto colerico para longe de si, calcou-as aos pés, dirigindo-lhes apostrophes violentas, como a avó tinha feito ás pranchas da barca depois do naufragio.

Em seguida, precipitando-se para mim, apagou a lampada que eu tinha na mão, para que a não visse por mais tempo n'aquelle traço, que me havia desagradado.

Senti então que tinha feito mal em brincar com demasiada rudeza: o gracejo tornou-se sério.

Pedi-lhe perdão. Disse-lhe que lhe havia ralhado d'aquelle modo, porque mil vezes mais seductora me parecia vestida de procitana do que de francesa.

Era verdade; mas o golpe tinha partido. Ella ja me não ouvia; soluçava.

As amigas despiram-na: eu não tornei a vel-a senão no dia seguinte.

Tinha tornado ao seu fato de insulana; mas os olhos es-

tavam vermelhos de lagrimas que durante toda a noite lhe havia custado aquelle brinquedo.

XXXII

Pelo mesmo tempo começou a desconfiar das cartas que eu recebia de França, suspeitando, com razão, que ellas instassem pela minha volta.

Não ousava occultar-m'as, a tal ponto era incapaz de enganar, quando mesmo d'esse engano dependesse a sua vida. Mas retinha-as ás vezes nove dias e pregava-as com um dos seus alfinetes doirados por detraz da imagem da *Madona*, suspensa na parede ao lado do seu leito.

Suppunha que a Virgeⁿ. Santa, enternecida com muitas novenas, mudaria miagrosamente o conteúdo das cartas, transformando as ordens de voltar em instancias para que eu ficasse ao pé d'ella.

Nenhuma d'estas piedosas fraudes me passavam despercebidas e todas m'a tornavam cada vez mais cara.

A hora, porém, aproximava-se!

XXXIII

Uma noite, nos ultimos dias de maio, bateram violentamente á porta.

Toda a familia dormia.

Fui abrir.

Era o meu amigo V.

— Venho buscar-te, disse elle. Aqui está uma carta de tua mãe. Não podes resistir a ella. Os cavallos estão promptos para a meia noite; são onze horas.

Partâmos já, porque senão não partes nunca. E, se tal é, tua mãe morre. Sabes como a tua familia a torna responsavel pelas tuas faltas.

Tem-se sacrificado tanto por ti! É bem que te sacrifiques um pouco por ella. Juro-te que volto contigo a passar o inverno e um anno inteiro aqui. Mas é preciso fazer acto de corpo presente em casa da familia, e de obediencia ás ordens de tua mãe.

Senti que estava perdido.

— Espera-me ali, disse-lhe eu.

Entre no meu quarto, dei á pressa o fato na mala. Escrevi a Graziella, disse-lhe tudo quanto a sensibilidade de um coração de dezoito annos pôde exprimir, e quanto a razão impõe a um filho devotado a sua mãe.

Jurei-lhe, como o jurava a mim proprio, que antes de terminar o quarto mez estaria ao pé d'ella para não a deixar quasi nunca mais.

Contiava a incerteza do nosso destino futuro, da Providencia e do nosso amor.

Deixava-lhe a minha bolsa para ajudar os seus durante a minha ausencia.

Depois de fechada a carta, aproximei-me pé ante pé do quarto d'ella e puz-me de joelhos no limiar da porta.

Beije o degrau, metti o bilhete por baixo da porta, e comprimi o soluçar interior que me aafava.

O meu amigo levantou-me nos braços, arrastando-me para fora.

N'este momento, Graziella, a quem aquelle ruido extraordinario decerto alarmára, abriu a porta.

A pobre criança reconheceu o meu amigo. Viu a mala que o criado levava ás costas; estendeu os braços, soltou um grito e cahiu manime no chão do terraço.

Precipitámo-nos sobre ella. Trouxémol-a sem sentidos para o seu leito. Toda a familia acorreu. Deitaram-lhe agua pela cara. Chamaram-na com todos os nomes que lhe eram mais caros. Não voltou a si senão á minha voz.

— Bem vês, disse-me o meu amigo, está viva; deu-se o golpe. Prolongar a despedida é tornar mais terrivel o lance.

Descolou do meu pescoço os dois braços da infeliz criança e arrancou-me da casa. Passado uma hora corriamos no meio do silencio e da noite pela estrada de Roma.

XXXIV

Na carta que deixei a Graziella tinha-lhe indicado diversos pontos para onde me devia escrever.

Achei a primeira carta d'ella em Milão.

Dizia-me que estava bem de corpo; mas doente de espirito; que todavia tinha confiança na minha palavra e me esperava para o mez de novembro

Chegando a Leão achei segunda em que respirava mais serenidade e crença. A carta continha algumas folhas de cravo vermelho de um craveiro que estava no alegrete do terraço e com que ella aos domingos costumava enfeitar, de uma flôr, os cabellos.

Era para me enviar alguma coisa que a houvesse tocado?

Era uma leve e affectiva reprehensão disfarçada n'um symbolo, para me lembrar que ella havia sacrificado os cabellos por mim?

Dizia-me que tinha tido febre, que lhe doia o coração; mas que ia melhor de dia para dia; que a haviam mandado a ares e restabelecer-se completamente, para casa de uma das suas parentas, irmã de Cecco, que ficava em Vomero, collina elevada e sadia, que domina a cidade de Napoles.

Estive depois mais de tres mezes sem receber carta alguma.

Todos os dias pensava em Graziella. Tencionava partir para Italia no principio do proximo inverno.

A sua imagem triste e seductora ali se me afigurava como uma saudade e não raro tambem como um remorso.

Eu estava na idade em que o desejo de imitar os outros e a leviandade fazem com que o rapaz tenha uma ruim vergonha das suas melhores acções; idade cruel, em que os mais bellos dons de Deus, o amor puro, e as affeições ingenuas, cahem no pó e são arrojadas em flôr pelo vento do mundo.

A vaidade mordente e ironica dos meus amigos combatia muitas vezes em mim a ternura occulta e viva no fundo do meu coração. Não ousaria confessar, sem pejo e sem me expor a picantes mo ejos, quaes eram a condição e o nome do objecto das minhas saudades e da minha tristeza.

Graziella não estava esquecida; mas estava como velada na minha vida.

Aquelle amor, que deliciava o meu coração, humilhava o meu orgulho humano.

A saudade d'ella, que eu nutria em mim na solidão, havia momentos em que me perseguia quasi como um remorso.

Oh! como eu córo hoje de haver córado então! e como um raio unico de alegria ou uma lagrima dos seus olhos castos valia mais do que todos os olhares, todas as provo-

cações e todos os sorrisos perante os quaes estava disposto a sacrificar a sua imagem !

Ah! o homem muito moço é incapaz de amar! Não sabe o preço a nada; não conhece a verdadeira felicidade senão depois de havel-a perdido.

Ha mais seiva louca e mais sombra fluctuante na planta nova das florestas, e ha mais fogo no velho coração do cedro.

O verdadeiro amor é o fructo sasonado da vida.

Aos dezoito annos não se conhece, imagina-se.

Na natureza vegetal, quando vem o fructo cahem as folhas; succede talvez o mesmo na natureza do homem!

Muitas vezes o penso, desde que as neves do inverno me alvejam na cabeça.

Tenho-me accusado por não haver conhecido então o preço d'aquella flôr do amor.

Eu não era senão vaidade.

A vaidade é o mais fatuo e o mais cruel dos vicios porque até nos leva a córar da propria felicidade!...

XXXV

Uma noite, nos primeiros dias de novembro, entregaram-me, na volta de um baile, um bilhete e um pacote, que um viajante vindo de Napoles, trouxera para mim da posta que tinha muda em Mâcon.

O desconhecido viajante, dissera, que incumbido por um dos seus amigos, director de uma fabrica de coral em Napoles, de uma mensagem importante para mim, cumpria de passagem a sua commissão, mas que as novas que elle trazia eram tristes e funebres: não disse querer falar-me, pedia-me unicamente que lhe escrevesse para Pariz, accusando a recepção do pacote.

Abri tumulto o embrulho.

No primeiro involucro vinha uma ultima carta de Graziella, que não continha senão estas palavras:

«O medico diz que não vivo tres dias. Quero-te dizer adeus, antes de se me acabarem de todo as forças.

Oh! se tu estivesses aqui, viveria! Mas é esta a vontade de Deus!

Em breve e sempre te falarei do alto do céu.

Ama a minh'alma !

Ella será contigo durante a minha vida.

Deixo-te os meus cabellos, cortados n'aquella noite por ti. Consagra-os a Deus n'uma capella do teu paiz, para que assim ao menos possas ter alguma coisa minha ao pé de ti!»

XXXVI

Fiquei anniquilado, com a carta nas mãos até o romper do dia.

Só então tive força para abrir o segundo involucro.

Os seus formosíssimos cabellos estavam ali taes como na hora em que m'os havia mostrado na cabana.

Tinham ainda algumas folhas seccas de esteva, que n'aquella noite se haviam enrolado n'elles.

Fiz o que ella me ordenou no seu derradeiro voto.

Desde esse dia uma sombra da sua morte cahiu sobre o meu rosto e sobre a minha juventude.

Doze annos depois voltei a Napoles.

Procurei vestigios d'ella. Não existiam nem na Margelina nem em Procida.

A casinha do cimo da escarpa da ilha cahira em ruinas.

Não apresentava mais do que um montão de pedras sobre um celleiro onde os pastores recolhiam o gado durante as chuvas.

O tempo apaga depressa as cousas sobre a terra; mas não oblitera jámais os vestigios de um primeiro amor no coração por onde elle atravessou.

Pobre Graziella !

Bastantes dias passaram depois d'esse dia.

Eu amei e fui correspondido. Outros clarões de belleza e de paixão illuminaram a minha sombria estrada. Outras almas se abriram para mim, revelando-me em corações de mulher os mais mysteriosos thesouros de formosura, de santidade, de pureza, que Deus anima sobre esta terra, para nos fazer comprehender, presentir e desejar o céu.

Nada, porém, turvou a tua primeira apparição no meu espirito.

Quanto mais tenho vivido mais me tenho aproximado de ti pelo pensamento.

A tua lembrança é como aquelles fogos da barca de teu pae, que a distancia extrema de todo o fumo e que quanto mais se desviam de nós mais brilham.

Não sei onde dorme o teu despojo mortal, nem se alguém te chora ainda no teu paiz; mas o teu verdadeiro sepulchro está na minh'alma.

É ahí que inteira jazes sepultada. Teu nome jámais o escuto em vão. Amo a lingua em que elle se pronuncia.

Existe sempre no fundo do meu coração uma lagrima, que filtra gota a gota, e que descae em secreto sobre a tua memoria para a reanimar e purificar em mim!

XXXVII

Um dia, no anno de 1830, tendo entrado, de tarde, n'uma igreja de Paris, vi chegar o ataude de uma rapariga, coberto com um panno branco.

Aquelle ataude fez-me lembrar o de Graziella.

Escondi-me á sombra das columnatas. Pensei em Proci-da e chorei largo tempo.

As lagrimas seccaram-se; mas as nuvens que haviam atravessado o meu pensamento, durante o tempo que tive diante de mim aquelle sarcophago, não se extinguiram jámais.

Entrei silencioso no meu quarto; desenrolei as memoria: que se conteem n'esta narrativa, e escrevi de um follego e chorando os versos intitulados: *A Primeira Saudade*.

E' a nota, enfraquecida por vinte annos de distancia, de um sentimento que fez rebentar a fonte do primeiro amor no meu coração; mas sente-se ainda a dôr de uma fibra intima que foi lacerada, e que jámais se ha de curar completamente.

Eis aqui estas estrophes, balsamo de uma ferida, orvalho de um coração, perfume de uma flôr sepulchral! Não falta ahí senão o nome de Graziella!

Emmoldural-o-hia n'uma estancia, se houvesse n'este mundo um crystal assaz puro para encerrar esta lagrima, esta saudade, este nome!

A PRIMEIRA SAUDADE

A PRIMEIRA SAUDADE

Sobre a praia sonora, onde murmura
Das aguas de Sorrento
A vaga aos pés dos laranjaes floridos,
Junto do atalho, existe, entre a espessura
Da sebe rescendente,
Um pobre monumento,
Lapide humilde, estreita, indifferente
Do caminhante aos passos distraidos.

Um nome ali se esconde entre a folhagem,
Um nome que jámais foi repetido
Nos echos ou na voz da branda aragem :
Mas não raro o que passa, desviando
As selvaticas plantas, commovido
Lé a data e a eda le e diz, buscando
O pranto em vão conter :
«Dezeseis annos tinha ! era tão cedo,
Meu Deus, para morrer !!»

Mas que fatal encanto
 Me leva agora ás scenas do passado?
 Gema o vento, e desprenda magoado
 O mar os seus lamentos!
 Vinde, vinde, ó meus tristes pensamentos!
 Eu que o o brando enleio e não o pranto!
 «Dezeseis annos!» Sim, dezeseis annos,
 E jámais essa idade refflorira
 Em tão graciosa frente,
 Nem d'essas margens o fulgor ardente
 Em mais saudoso olhar se reflectira!
 Eu só a vejo, eu só n'este momento,
 Immacuada como dentro d'alma,
 Onde nada se extingue, m'a deixara
 Viva, inteira, ridente, o pensamento!
 Tão viva como n'hora
 Em que, pondo nos meus seus olhos bellos,
 Sorria encantadora,
 Quando os negros anneis de seus cabellos
 Folgavam soltos á feição do vento,
 E ambos nós, expandindo o pensamento
 Sobre as ondas do mar adormecidas,
 N'uma só resumiamos as vidas!
 Quando da estreita vela
 Lhe andava a fluctuar a sombra errante
 No rosto destumbrante,
 E ouvindo na distancia a voz singela
 Do pescador, dizia,
 Respirando a bafagem perfumada,
 E mosuando-me a lua em seu crescente,
 Como n'eterna flôr desabrochada
 Com que se ufana a aurora resplendente:
 «Tudo em volta de mim porque tuigura
 Com luz tão viva agora?
 O azul da immensa aetura,
 De estrellas recamado;
 Estas areias d'ouro, onde murmura
 A vaga gemedora,
 O gofó coroado
 Do bosque silencioso;
 O cimo d'estes montes, que parecem
 Tremer no céu profundo e luminoso;
 Os clarões que nas piagas resplandecem...

Nunca, oh! nunca em meu espirito
 Produziram tal effeito!
 Ergueu-se acaso em meu peito
 Um astro d'amor emfim!?
 E tu, que és filho da aurora,
 Responde, serão tão bellas
 No teu paiz as estrellas,
 E as noites longe de mim?!"

Depois, mirando a mãe que lhe sorria,
 No collo d'ella reclinava a fronte,
 E no seio materno adormecia!

Mas que fatal encanto
 Me leva agora ás scenas do passado?
 Gema o vento e desprenda magoado
 O mar os seus lamentos!
 Vinde, vinde, ó meus tristes pensamentos!
 Eu quero o brando enleio e não o pranto!

Quanta candura no seu rosto havia!
 No olhar quanta innocencia!
 De Némi o lago crystallino e puro
 Tem menos transparencia!
 D'aquell'alma os singelos pensamentos,
 Sem que ella os revelasse se anteviam!
 Jámais, nem por momentos,
 As palpebras formosas encobriam
 O olhar cheio de ingenuos sentimentos;
 Nem sobre aquelle rosto,
 Se projectara a sombra de um desgosto.
 Tudo era encanto e luz; e esse innocente
 Riso da infancia, que mais tarde expira
 Nos labios tristemente,
 Na bocca lhe brincava fluctuante,
 Como um puro arco iris
 Sobre o chão do horizonte deslumbrante!

No seu andar indeciso
 A airosa ondulancia havia
 Da vaga onde foiga livre
 A luz de um sereno dia.

E a vóz sonora era o ecco
 D'alma infantil. Alegrava,
 D'essa alma a doce harmonia,
 Tudo, oh! tudo que a cercava!

Mas que fatal encanto
 Me leva agora ás scenas do passado?
 Gema o vento e desprenda magoado
 O mar os seus lamentos!
 Vinde, vinde, ó meus tristes pensamentos!
 Eu quero o brando enleio e não o pranto!

Gravou-se a imagem minha
 N'aquelle coração que se entreabria,
 Como se grava ao despontar d'aurora
 Nos olhos entreabertos
 A luz nuncia do dia.
 Não vira nada mais depois d'ess'hora!
 Desde o instante em que amou, todo o universo
 Para ella no amor se resumia!
 Do mundo encantador, que ante nós ambos
 Alegre fluctuava,
 Alheia caminhava.
 Minh'alma era o seu mundo!
 No ditoso presente concentrava
 Tempo, distancia, terra e ceu profundo!
 Como ao votivo altar me conduzia,
 E então, seus olhos para mim volvendo,
 Baixinho me dizia:
 «Reza tambem comigo,
 Que até nem mesmo o ceu sem ti comprehendo.»

Mas que fatal encanto
 Me leva agora ás scenas do passado?
 Gema o vento e desprenda magoado
 O mar os seus lamentos!
 Vinde, vinde, ó meus tristes pensamentos!
 Eu quero o brando enleio e não o pranto!

Vêde, no seu recife, d'uma fonte
 A veia socegada arredondar-se,
 Como um lago entre as margens se arredonda;
 Um lago azul, tranquillo, resguardado

Do vivo ardor do sol e das correntes
 Do vento desprezado.
 Nadando um aivo cysae encrespa a onda,
 Mas não perturba as aguas transparentes
 Quando, ostentando a esplendida plumagem
 No lago crystalino,
 Mergulha ufano o collo alabastriño;
 Porém se, procurando outra paragem,
 As azas bate sublevando a vaga,
 Caem frocos de plumas, e parece
 Que o terrivel abutre se arrojára
 Sobre a victima imbelle, e que os vestigios
 Da morte alli deixara.
 Então em pego escuro n'um instante
 Se torna o lago azul e scintillante!
 Assim, quando eu parti, n'aquelle espirito
 A chamma para o mundo se apagou,
 Subindo emfim ao ceu, que lhe era patria;
 E nunca mais voltou!

Não quiz ver de outro futuro
 Raiar o doce clarão.
 Na sua primeira lagrima
 Afogara o coração.

Como de noite a avesinha,
 Menos formosa do que ella,
 Esconde n'aza singela
 O códo para dormir;
 No veu da sua tristeza
 Escondeu-se por instantes
 E adormeceu, mas bem antes,
 Meu Deus, da noite cahir!

Oh! que fatal encanto
 Me leva agora ás scenas do passado!
 Gema o vento e desprenda magoados
 O már os seus lamentos!
 Vinde, vinde, ó meus tristes pensamentos!
 Eu quero o brando enleio e não o pranto!

Sobre o seu leito de argila,
 Onde ella repousa ha tanto,

Um suspiro, um ai, um pranto
 Já lhe não vota ninguém!
 Veiu a segunda mortalha,
 Que é o frio esquecimento,
 Sobre o pobre monumento
 Cair gelada também!

Eu só habito em espirito
 Junto da campa esquecida
 E quando da minha vida
 Contemplo o revolto mar;
 Quando choro outras estrellas
 Que em meu horizonte havia,
 A primeira inda me eavia
 Toda a luz do seu olhar!

Mas que fatal encanto
 Me leva agora ás scenas do passado?
 Gema o vento e desprenda magoado
 O mar os seus lamentos!
 Vinde, vinde, ó meus tristes pensamentos!
 Eu quero o brando enleio e não o pranto!

Sob espinhosos arbustos,
 Entre a pallida verdura,
 Jáz a sua sepultura
 Ao pé das ribas do mar.
 Alva flor na primavera
 Alli veceja um instante,
 Mas o vento sibilante
 Em breve a vem desfolhar!

Soltando ternos modilhos
 Sobre flexivel raminho,
 Um saudoso passarinho
 Desprende a vóz infantil.
 Dize, ó flor que assim fechaste
 O teu seio pudibundo:
 Não existe acaso um mundo
 Onde fulge eterno abril?!...

Memorias do passado,
Scenas do mago encanto,
Vinde, ah! vinde outra vez; amargurado
Transborda o coração! Corre, meu pranto!

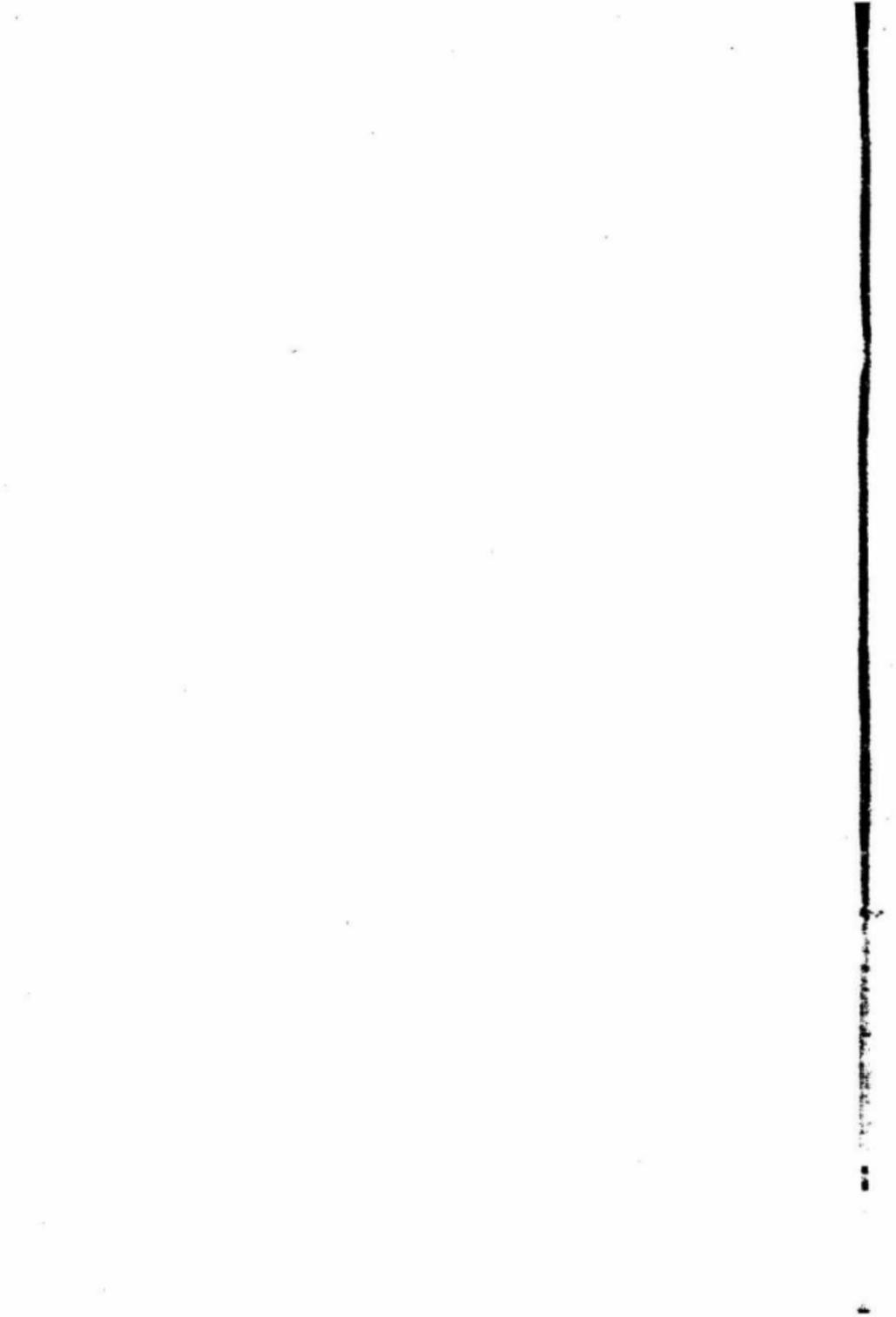
Assim, com estas lagrimas escriptas, expiei a ingratição e a dureza do meu coração de dezoito annos. Quando me succede relér estes versos caio em adoração deante d'aquella fresca imagem que eternamente hão de embalar para mim as vagas transparentes e queixosas do golfo de Napoles... e não posso deixar de ter odio a mim mesmo. Mas, lá em cima, as almas perdoam. A sua perdoou-me. Perdoae-me vós tambem, porque chorei!

FIM

LAMARTINE

Estudo critico de PAUL ALBERT

Versão de Fernandes Costa



LAMARTINE

I

Não sei se haverá estudo mais difficil do que o da obra de Lamartine. Eu contava com os discursos que deviam ser pronunciados na Academia em sua honra... Li-os e vejo que a minha tarefa continúa a ser tão difficil como d'antes... Haveria um recurso: seria o de ceder a palavra ao poeta durante uma hora, e lér aos meus ouvintes as suas composições mais formosas: foi pouco mais ou menos o que fez o mais espirituoso dos dois academicos; mas isso seria desertar do posto da critica; é preciso ser o que se é, e até ao fim.

Este estudo divide-se em duas partes: n'uma deve collocar-se o exame da obra lyrica; esta occupa a primeira metade da vida do poeta, e termina em 1830. Lamartine tem, então, trinta e nove annos.

O que impressiona ao primeiro relance, é a persistencia d'esta parte da obra. O exito das *Meditações* foi immenso em 1820, o das collecções seguintes um pouco menor, verdade seja: mas esta parte da obra não baqueará. reimprime-se ainda... Já se não reimprime Casimiro Delavigne nem Béranger. Para Lamartine cincoenta e quatro annos não exauriram o seu exito. Edições innumeradas, *addições*, *commentarios*, nada desanimou o favor publico. A leitura de Lamartine é uma necessidade, para as almas novas sobretudo... as outras consolam-se de já o não serem repe-

tindo ainda os versos que as embalavam e as deliciavam quando o eram. Lamartine é o echo delicioso dos sentimentos eternos. . .

Como se formou este poeta, que teve, que tem ainda uma tal influencia sobre as almas? . . .

Existe um dialogo de Platão, que Lamartine não tinha lido, mas que La Fontaine leu, e que é tão encantador que os Allemães o declararam apocrypho. E' o *Ion*. «O poeta, diz Platão n'esse dialogo, é cousa ligeira, alada, divina sobretudo: é o Deus que o inspira; por si mesmo é inconsciente. Fóra da inspiração, não passa de ser um mortal vulgar.»

Pois bem, se interrogarmos Lamartine, se lhe perguntarmos d'onde vêm, responde desdenhosamente, e repete sob outra fórma o que disse Platão:

L'homme n'enseigne point ce qu'inspire le ciel;

e ainda n'outro ponto, n'um commentario em prosa:

«A vida do vulgo é um surdo e vago murmúrio do coração; a vida dos homens sensiveis é um grito; a vida do poeta é um canto.»

Distingue sempre entre o homem e o poeta. «A poesia, diz elle ainda n'outro ponto e n'outro commentario:

«A poesia não era já para mim (1822) senão um passatempo litterario: não era já o dilaceramento sonoro do meu coração: Escrevia ainda de quando em quando, mas como poeta, não já como homem. Escrevi os *Preludios* n'esta disposição de espirito. Era uma sonata de poesia. Tinha-me feito artista mais habil; tocava no meu instrumento.»

Diz ainda a proposito do *Crucifixo*:

«Isto é uma meditação sahida com lagrimas do coração do homem, e não da imaginação do artista. Reconhece-se: tudo n'ella é verdadeiro.»

E n'outro ponto ainda (*Adeuses á poesia*):

«Eu nunca tinha escripto versos senão nas minhas horas perdidas. Fui e conservei-me toda a vida amator de poesia mais do que poeta de officio.»

Para que estamos citando estas passagens singulares, ás quaes poderíamos accrescentar muitas outras, sobretudo uma colhida no prefacio dos *Recolhimentos*? . . . E' para

provar que o homem se não conhece a si proprio. E demais, pôde Lamartine dizer o que quizer; o que é factó é que se viu forçado a confessar que teve a *desgraça de ser poeta*, pelo menos nas suas horas perdidas. Por nossa parte, preferimos crér que foram essas exactamente as menos perdidas.

Ha, pois, em Lamartine o dom, o genio que o proprio Boileau exigia. — Lamartine é poeta de nascimento... Mas o poeta vive e canta entre os homens e para elles; soffre as influencias humanas e terrestres, as do nascimento e da educação, as da vida e do meio litterario... Ora, sabe-se muito com respeito a todas estas influencias, experimentadas por Lamartine. Sabe-se, talvez, de mais até, e muitas vezes cousas pouco conciliaveis entre si. Procuremos entre ellas descriminar o que fôr essencial.

Tudo concorreu para desenvolver em Lamartine a subjectividade, o *eu*. Nascido em 1794 n'uma familia realista e catholica, filho unico varão, com irmãs, adorado, animado, estragado por sua mãe, que se presta a todos os sacrificios, é fracamente preparado para o combate da vida. Tirado do lyceu de Lyon, onde não podia conservar-se, foi collocado n'um collegio de jesuitas em Belley... Os jesuitas nunca entenderam nada da antiguidade, nem mesmo da litteratura, que para elles não passa de uma distracção do espirito. Mythologistas a todo o transe, não sentem as bellezas simples e fortes de Homero, de Pindaro, de Plutarcho, do stoicismo, de Corneille. A medula antiga é desconhecida para esses heroes da obediencia passiva... Pois bem, tudo isso ha de ficar igualmente estranho para Lamartine.

Completando os seus estudos, regressa sem ter escolhido carreira a Saint-Point, onde leva uma vida ociosa, ao acaso, passeiando, devaneando, fazendo versos. E' um *René*, mais ousado do que o de Chateaubriand, não tendo como elle nem resquicios de amargor nem de violencia, mas sentindo como elle um tedio profundo e a vacuidade da vida. A personalidade não se expandia, não se exgotava n'um trabalho seguido. O mancebo parecia não ter nenhuma noção do dever, da funcção do homem, da dedicação a uma idéa. á patria ou á liberdade. Em summa, o seu horisonte era muito estreito, como o do paiz em que vivia, e onde a natureza é um pouco esmaecida, sem planicies nem montanhas...

As primeiras tempestades das paixões não tem

terrível, nem de fatal em Lamartine. E' um coração juvenil que borboleteia por aqui e por ali, em Saint-Point, na Italia, em Paris. . . Depois vem um amor mais sério, que a morte desenlaça e que dá um abalo á alma do poeta, exactamente o preciso para a fazer cantar. D'ahi as *Meditações*. . . Em seguida um casamento, mais razoavel do que romanesco, trouxe consigo um periodo de tranquillidade, e as *Harmonias* appareceram. . .

Eis o meio, as principaes circumstancias da vida, e as influencias exteriores. Como se vê, aqui não ha nada saliente, não ha perturbações, nem raios que fulminem. A propria alma não tinha n'essa época nem idéas nem sentimentos que fôsem uma tempestade.

Emquanto ao que respeita ao homem em si mesmo, ao seu caracter, ha sempre n'elle nobreza, pureza, elevação, generosidade, benevolencia, e mesmo uma certa ingenuidade. Recordemos, por exemplo, a historia dos versos sobre *Graziella* lidos a Thiers (*A primeira saudade, Commentario*) e a historia de Sainte-Beuve (*Epistola a M. Sainte-Beuve, Commentario*). . . Eis, com os dons do genio, os elementos humanos. E' preciso accrescentar-se-lhe a influencia do meio litterario.

A poesia da época imperial é celebre : nunca tinha havido tal abundancia, nem tal vasio. E' a assembléa dos deuses no Pantheon romano. Todos os generos conhecidos parecem reunir-se uma ultima vez para expirarem juntos. Jámais o Parnaso tivera uma tal quantidade de deuses e deusas : publica-se o *Gradus ad Parnassum* ; Delille recebe uma apotheose, Delille que ensinou a fazer versos sobre o quer que seja, sem idéas, sem sentimento, por meio de uma linguagem convencional. Sob a influencia despotica d'esse meio, Lamartine compõe elegias á maneira de Parny, uma epopeia, *Clovis*, uma tragedia, *Saul*. . . Comtudo, subtrahiu-se á tyrannia do meio, primeiro porque as viagens, a residencia em Saint-Point, a vida solitaria não lhe permitiram que se envolvesse n'elle, em seguida, porque devorou livros que o influenciaram de modo capital e fecundo ; foi primeiro J. J. Rousseau, e o seu *eu* ardente, sombrio, desolado, amargo, com arrebatamentos de extase íntimo, commulicações com a natureza. Foi mademoiselle de Stael, e sobretudo *Corinna*, livro tão pessoal, tão cheio de brilho, de paixão, de melancolia, de dôr, e no qual a prosa como que experimentava voar. Foi Chateaubriand, com o seu *Ge-*

nio do christianismo e os seus *Martyres*, mas principalmente com *René* e *Attala*. Foram, finalmente, Byron, satanico, inebriante, e Ossian, nebuloso, melancolico. Eis os verdadeiros inspiradores do poeta. D'estes poetas lidos e devorados sahiu a primeira, a mais formosa, a mais penetrante poesia lyrica pessoal que a França ámais havia conhecido. Não se parecia com nenhuma outra.

Por isso o poeta foi mal recebido pelo primeiro editor a quem procurou para lhe imprimir a sua collecção :

«Li os seus versos, respondeu-lhe M. Didot; não deixam de ter talento, mas tem falta de estudo. Não se parecem com cousa alguma do que é recebido e procurado nos nossos poetas. Não se sabe onde o senhor foi buscar a lingua, as idéas, as imagens d'esta poesia: não póde classificar-se em nenhum genero definido. E' pena! porque tem harmonia. Renuncie a essas novidades que desnacionalisariam o genio francez. Leia os nossos mestres, Delille, Parny, Michaud, Raynouard, Luce de Lancival, Fontanes: ahí tem poetas que o publico estima. Pareça-se com alguém se quizer que o reconheçam e que o leiam.»

Quando o volume appareceu, foi geral o arrebatamento. Havia n'elle primeiro a harmonia, a melodia do verso, até a.í desconhecida e que era como que um balouçar delicioso; havia tambem com que embalar a alma: finalmente descobria-se uma linguagem para o que a alma tem de mais intimo, de mais mysterioso, de mais caro. Eram cantos de amor sem tempestades violentas, sem queixas, sem exaltação frenetica nem galanteio adocicado, mas nos quaes havia recolhimento, extase, um não sei qué divinal. Julgava-se seguir o vôo de duas almas nos espaços, julgava-se ouvir um canto alternado. Eram tambem recordações que não tinham nada de amargo nem de desesperado. Depois de ter recebido o golpe, a alma do poeta nutre-se, encanta-se com a sua dôr; evoca as imagens doces da felicidade passada; vagueia nos logares onde revive cada hora da sua alegria. E' a natureza associada com os sentimentos do poeta... Pois não tem toda a alma nobre, terna, pura, o seu *Lago*, a sua *Ischia*, a sua *Saudade*? Eram tambem cantos de dôr. Abatimento da vida, morte da esperança, recordações saudosas, quem vos não conheceu?... Mas o poeta ataga as suas feridas: emquanto canta, a tempestade acalma-se, a sua pena adormece e torna-se um encanto. Mesmo no *Desespero*, mesmo nas *Novissima verba*, mesmo no *Crucifixo* e na *Primeira saudade*, a alma vibra suavemente, expande-se, mas não se dilacera. Ha acquiescencia á magoa, espe-

rança infinita; vê-se o olhar erguido para cima. Mas o que constitue sobretudo a delicia incbriante d'essa poesia, o que attrahiu e ligou a Lamartine a mocidade e as mulheres, é ser o poeta o harmonioso e penetrante interprete das vagas melancolias, dos languores, do vazio da alma, da expectativa vaga e terna... Tal é o encanto do *Valle*, do *Isolamento*, etc.....

O que falta a esta poesia? Não é nem elevação nem pureza; é energia e precisão. Não retempera a vida: embala-a, adormece-a.

II

Já muitos exemplos o fizeram vêr: o movimento, a instabilidade são o genio mesmo do seculo XIX, tão tempestuoso, tão atormentado, tão incerto nas suas veredas. São penosos, crueis até, estes abalos incessantes; mas queremos ter esperança de que não serão estéreis. Quanto mais forte é a vaga, mais proxima está da praia.

As almas mais ricamente dotadas, as imaginações mais vivas, as dos poetas e dos artistas, sentiram mais do que as outras o abalo d'estas commoções... teem em si mesmas tambem as suas revoluções... Como é que a vibrante e sensível natureza de Lamartine poderia ficar extranha ás idéas, ás esperanças, aos sonhos que agitavam e apaixonavam o mundo?

Estamos em 1830. A vida do poeta é calma, unida, feliz, inteiramente occupada pelos devaneios, pela contemplação, pela poesia... Foi no meio d'esses ocios, d'essa felicidade um pouco monótona que o surpreendeu a revolução... Mas não! não o *surpreendeu*. Lamartine havia-a presenteado: não era preciso para isso uma perspicacia extraordinaria. Além de que, um instincto secreto, sonhos vagos, mas obstinados faziam irradiar em torno d'elle perspectivas novas. Era sincero depois quando dizia que a contemplação e o devaneio apenas tomavam uma parte da sua vida. Sonhava, preparava a acção.

•Nos dramas desordenados e sanguinolentos que se passam por occasião da queda ou da regeneração dos imperios, quando a ordem antiga desabou e a or-

dem nova ainda não está gerada ; n'esses sublimes e horríveis interregnos da razão e do direito que o pensamento não ousa contemplar, e sobre os quaes a propria historia lança um véu, com medo que a humanidade não tenha que cõr-rar ao seu despertar, tudo muda : a scena é invadida, os homens já não são actores, são homens ; abordam-se, medem-se corpo a corpo, deixam de falar a lingua convencionada do seu papel, falam a lingua vehemente e espontanea dos seus interesses, das suas necessidades, das suas paixões, dos seus furores ! Heroismo e baixezas, talentos, genio, estupidez mesmo, tudo serve ; toda a arma é boa ; tudo tem o seu reinado, a sua influencia, o seu dia : cabe um porque leva o outro. Ninguem está no seu lugar ou, pelo menos, ninguem n'elle fica ; o mesmo homem levantado pela instabilidade da onda popular chega alternativamente ás situações mais diversas, aos empregos mais oppostos, etc. »

Foi na Academia, em abril de 1830, que Lamartine se exprimiu assim. Pois não será isto prophético?... Pelo mesmo tempo, o poeta escrevia o trecho das *Revoluções*, em que apresentava a theoria do progresso eterno e em que reclamava a libertação do christianismo.

Não entrou logo de principio no combate ; havia conveniências a guardar, e o poeta possuia todas as delicadezas da alma. Entre o periodo contemplativo e o periodo activo, collocou o episodio da viagem ao Oriente. Era um intermedio, uma renovação. O livro compõe-se de notas fracamente redigidas, mas onde as idéas são transparentes. Primeiro a Grecia, Athenas sobretudo, deixa o poeta bastante frio. A arte grega nada lhe diz, com a sua sobriedade, a sua medida, a sua precisão : estas qualidades são o contrario dos seus dons. Mas o Oriente impressiona-o, Balbeck agita-o. As epochas da historia da humanidade povoam a sua imaginação. Revê o passado ao clarão das idéas que então andavam no ar : é são-simoniano de coração, socialista ; declara que o christianismo é excessivamente estreito, que deve transformar-se, «para sahir mais racional e mais puro dos mysterios superabundantes em que o envolveram.» Pelo que respeita á questão politica, é absolutamente subordinada á questão social : os governos que o não comprehendem e não seguirem esse movimento fatal serão derrubados.

.....
Eis a posição que Lamartine tomou na Camara. Era elle só do seu partido; não tomando parte em nenhuma intriga, dominando todos os politicos do dia a dia, sendo chasqueado, chamando-lhe elles poeta... Em 1840, o rei supplicava-lhe que tomasse a direcção dos negocios ; recusava... Em 1847, publicava *Os Girondinos*, livro que muita gente não perdoou ao poeta. O que fez o exito d'elle, foi justamente

esse encanto infinito proprio do auctor, essa ingenuidade, essa expansão colorida e harmoniosa. Até ali, elle ignorava aquella historia... Em 1824, confessa a Casimiro Delavigne que tem medo da liberdade... e eil-o agora que, á luz das idéas novas, lê, sente, liberta-se dos seus preconceitos e offerece-nos a poesia mesmo da Revolução. As baixezas, as covardias, as hypocrisias, — em pequeno numero — flagella-as; mas tudo quanto é grande, forte, sincero, embora ao mesmo tempo seja terrivel, implacavel, admitte-o, exalta-o; e fal-o não só com respeito aos Girondinos, e mesmo a Danton, mas ainda aos vencidos de Thermidor, Robespierre, Saint-Just, a este ultimo sobretudo por quem a sua imaginação se apaixonou. Saint-Just é «bello, phantastico, nevoento como uma theoria, pensativo como um mysterio, triste como um sentimento. Não é tanto o retrato d'um homem como o de uma idéa. Parece um sonho da republica de Dracon.»

Qual é a conclusão do livro? É que a Revolução foi um combate de morte pela causa da razão humana:

»Tem-se orgulho em pertencer-se a uma raça de homens a quem a Providencia permittiu conceber taes pensamentos e ser filho de um seculo que imprimiu o impulso a taes movimentos do espirito humano. Glorifica-se a França na sua intelligencia, no seu papel, na sua alma, no seu sangue. As cabeças d'esses homens cáem a uma e uma, com justiça umas, as outras injustamente, mas cáem todas na execução da sua obra...»

»Uma nação não deve lastimar o seu sangue, quando elle correu para fazer conhecidas verdades eternas. Deus estabeleceu esse preço á germinação e á expansão dos seus designios sobre o homem. As idéas vegetam do sangue humano. As revelações descem dos cadafalsos. Todas as religiões se dividem pelos martyrios.»

O effeito foi instantaneo e prodigioso. Os mais tímidos foram conquistados para a revolução, e preparados. Tinha-se sêde de ideal, de grandeza, de força, de dedicação; suffocava-se n'um ar pesado e prosaico. Havia desgosto, desprezo, desejo ardente de novidade, de desconhecido, de tempestades... Quando um povo está assim, estas rebentam: 1848 rebentou. O sonho esboçado em 1830 tornou-se uma realidade. Lamartine é o homem da occasião, o unico, o arbitro da França e da Europa. E' mais que Demosthenes, mais do que Mirabeau: seria preciso remontar ao antigo Orpheu, o domador de monstros, para lhe encontrar rival... Caiu no dia em que sahiu das almas aquillo que elle ti-

nha cantado e feito amar, a liberdade, a justiça, a fraternidade...

Os vinte ultimos annos do poeta são a vergonha da França. Foi como que uma desforra da baixa e curiosa vulgaridade que tinha soffrido o ascendente, a irradiação do genio. O novo regimen não brilhava pela poesia: Lamartine ficou afastado. Recusou os offerecimentos do poder e aos sessenta annos poz-se de novo ao trabalho. A's vezes escapava-lhe uma queixa vibrante, e nos gemiamos de dó, de ardente sympathia primeiro, depois de respeito... Mas o qué? não era um stoico. Essa alma vibrante e sonora era feita para se expandir: era a sua natureza e a sua consolação... Quantas paginas admiraveis o poeta soltou ao vento!... Elle, fazendo-se critico, que queda! Mas pairava acima da tarefa; não via senão as cumeadas luminosas e puras. Meigo, simples, benévolo, a sua alma emprestava ás almas mais vulgares alguma cousa da sua irradiação. O seu genio dava esmola aos mais carecidos. Nos seus juizos enganava-se quasi sempre; mas porque via outra cousa e porque a sua visão era mais bella que a realidade. Era elle quem devia ter dito:

Même quand l'oiseau marche, on sent qu'il a des ailes.

Conservava-se sempre ao lado, mas principalmente acima. O ideal de que se havia nutrido apossava-se d'elle incessantemente, até ao dia em que o empoigou todo inteiro...

Este periodo da vida do poeta cheio especialmente pela acção não foi estéril para a poesia. De 1830 a 1840, a politica deixa ainda a Lamartine muitos ocios. E depois, é preciso que as idéas novas que o seu espirito canta, se derremem sob a forma que lhe é natural. fatal... a poesia. D'ahi dois poemas, *Jocelyn*, *A queda de um anjo*, e uma collecção lyrica, os *Recolhimentos poeticos*.

Os dois poemas não são mais do que episodios soltos de um immenso poema que elle devanejava e no qual teria passado em revista as diversas epochas da humanidade, as phases successivas do seu desenvolvimento... Ainda o sonho! ainda o vago! Civilisação, religiões, governos, instituições sociaes, costumes, linguas, artes, o Oriente com o Egipto, a India, a Persia; o Occidente com a Grecia, a Ita-

lia, os Barbaros; o christianismo, os povos modernos, a Revolução, tudo isto devia encontrar lugar n'essa gigante epopeia... A fadiga, o tédio da obra, o pouco exito do segundo dos poemas, as preocupações cada vez mais vivas da politica, a inspiração da Musa que se tornava mais rara fizeram-lhe abandonar a obra projectada. Restam apenas dois fragmentos destinados, ao que parece, a fechar e a abrir a serie. *A queda de um anjo* (1839) tem por theatro o mundo nascente na vespera do diluvio; a acção de *Jocelyn* passa-se no fim do seculo ultimo.

A critica levantou muitas questões a proposito d'estes poemas, e sobre todas a questão religiosa. O poeta foi accusado de não ser catholico, nem deista mesmo, de não admittir nenhuma revelação, de ser pantheista: Deus em tudo, tudo em Deus. Lamartine defendeu-se debilmente: *o seu instincto era religioso, a sua razão era vagabunda*....

.....

.....

Que impressão final resulta de *Jocelyn*? Uma ineffavel tristeza, um enternecimento doloroso. Este livro, cujo heroe é um padre catholico, não é nem um livro de fé, nem um livro de força; é um canto de amor a duas vozes primeiro; depois, extinguindo-se uma d'ellas, a outra murmura algum tempo ainda.....

.....

A queda de um anjo é um poema extranho, uma orgia de imaginação, um amontoado de contrastes prodigiosos. N'essa historia phantastica de um anjo fazendo-se homem por amor, o horrivel, o gracioso, o feroz, o terno, o hediondo entrechocam-se, n'um estylo muitas vezes barbaro.....

.....

Este ultimo desenvolvimento do genio poetico de Lamartine é um esforço para sahir do eu, da subjectividade, para attingir a objectividade. O poeta consegue-o fracamente. O que e bello e vivo, é sempre o transporte lyrico. *Jocelyn* canta e não conta. O drama tem um personagem apenas, sempre o mesmo: o poeta; mas que poeta!

Ha, comtudo, nos *Recolhimentos* uma poesia onde se sente uma inspiração singularmente forte e vigorosa: é o *Toast*; o poeta entrevê e annuncia a paz e a liberdade reinando na immensa familia humana:

L'homme n'est plus Français, Anglais, Romain, barbare,
Il est concitoyen de l'empire de Dieu.
Les murs des nations s'écroulent en poussières,
Les langues de Babel retrouvent l'unité.
L'Évangile refait avec toutes ses pierres
Le temple de l'humanité.

Deus ouça o poeta! Por muito afastado que esteja ainda
esse termo, quem ousaria renunciar a tal esperança? A
paz dos povos é a liberdade, é a justiça, é o amor!

FIM

INDICE

Noticia biographica.....	3
Graziella.....	7
Lamartine.....	113